



UNIVERSIDADE FEDERAL DA BAHIA
ESCOLA DE ADMINISTRAÇÃO
PROGRAMA DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO SOCIAL

LUCIANE DOS REIS CONCEIÇÃO

MERCAFRO: PLATAFORMA DE SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA
INTELECTUALIDADE NEGRA.

Salvador
2021

LUCIANE DOS REIS CONCEIÇÃO

**MERCAFRO: PLATAFORMA DE SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA
INTELECTUALIDADE NEGRA.**

Dissertação apresentada ao Curso de Mestrado Multidisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social.

Orientador: Prof. Dr. Horácio N. Hastenreiter Filho.

Salvador - 2021

Escola de Administração - UFBA

C774 Conceição, Luciane dos Reis.

Mercafro: plataforma de suporte ao desenvolvimento da
intelectualidade negra / Luciane dos Reis Conceição. – 2021.
152 f. : il.

Orientador: Prof. Dr. Horácio Nelson Hastenreiter Filho.

Coorientadora: Profa. Dra. Tânia Moura Benevides.

Coorientador: Prof. Dr. Hélio de Souza Santos.

Dissertação (mestrado) – Universidade Federal da Bahia,
Escola de Administração, Salvador, 2021.

1. Educação patrocinada pelo empregador. 2. Inclusão digital.
3. Ambientes virtuais compartilhados -Tecnologia apropriada.
4. Negros - Identidade racial. 5. Cultura afro-brasileira.
6. Empreendedorismo social. I. Universidade Federal da Bahia.
Escola de Administração. II. Título.

CDD – 658.408

LUCIANE DOS REIS CONCEIÇÃO

MERCAFRO: PLATAFORMA DE SUPORTE AO DESENVOLVIMENTO DA INTELECTUALIDADE NEGRA.

Dissertação apresentado ao Curso de Mestrado Interdisciplinar e Profissional em Desenvolvimento e Gestão Social do Programa de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, como requisito parcial à obtenção do grau de Mestre em Desenvolvimento e Gestão Social. Tendo a seguinte banca examinadora:

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dr. Horácio N. Hastenreiter Filho – Orientador
Doutor em Administração pela Universidade Federal da Bahia.
Professor adjunto da Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia

Prof.^a Dra. Tânia Moura Benevides - Co- orientadora
Doutora em Administração pela Universidade Federal da Bahia
Professora adjunta da Universidade do Estado da Bahia (UNEB) e da Universidade Federal da Bahia (UFBA)

Prof. Dr. Hélio, de Souza Santos, Co- orientador externo
Doutor em Administração pela Universidade de São Paulo - USP
Professor do Programa de Pós-Graduação em Educação do ISEO - Instituto Superior de Educação Ocidentemnte (Salvador/BA)

Salvador, BA, 23 de Dezembro de 2021

Dedico esta dissertação aos meus queridos pais, Maria Martins dos Reis e Laurencio da Conceição, por nunca terem medido esforços para me proporcionar um ensino de qualidade dentro do que foi possível, a partir da realidade que este Estado/País proporciona a nós, negros/as. Ao Movimento Social Negro Brasileiro e às mulheres negras, cuja dedicação e paciência serviram como pilares de sustentação para a conclusão deste trabalho.

Não tem mais como se pensar o país desconsiderando a população negra, que é a maioria da população. Você não estaria fazendo nada, não estaria pensando nada.

Luiza Bairros

AGRADECIMENTOS

Aos meus queridos pais. Aos meus irmãos/as. Há instituições, organizações e pessoas, agradeço a todas do fundo do meu coração, por terem me ajudado a chegar até aqui. Sem o amor, cuidado, espiritualidade e carinho de vocês, nada teria feito. Não há como mencionar nome por nome de todos os que contribuíram direta ou indiretamente ao longo destes anos da minha caminhada como pessoa e acadêmica, então só me resta dizer: meu muito obrigada a todos/as.

Porém, não há como eu deixar de mencionar aqui ao menos algumas pessoas e organizações. Agradeço ao meu orientador, Prof. Dr. Horácio Nelson Hastenreiter Filho, que acreditou no meu potencial como investigadora, e desde o primeiro dia me acompanhou e guiou com cuidado e carinho, ao longo desta caminhada acadêmica.

Ao meu país, ao Nordeste e ao meu Estado, a Bahia; à Universidade Federal da Bahia – UFBA; à Escola de Administração e ao Programa de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, à direção acadêmica do curso, aos professores, colegas e colaboradores que, juntos, têm me oportunizado verdadeiro acolhimento e orientação nesta construção e reconstrução de caminhos, pontes e janelas do conhecimento/saber das novas narrativas do pensamento acadêmico científico da epistemologia negra.

Ao Bairro Saramandaia; ao povo da Rua Orixá; aos Inquices; Voduns; Exus; Padilhas; Caboclos; a Oxumaré (meu rei maior) e a Xangô – minhas energias espirituais que me orientam e aconselham.

Ao Instituto Steve Biko; Movimento Negro Brasileiro; Terreiro de Oxumaré; Fundo Baobá; Bloco Afro Olodum (João Jorge Rodrigues, Marcelo, Rafael Manga, Ritinha Castro e minha querida amiga/irmã Mara Felipe); a Alzira do Conforto e Coletivos de Entidades Negra (CEN), que foram verdadeiros espaços de alicerce e equilíbrio na formação acadêmica e pessoal.

Aos meus queridos coorientadores: Prof. Dr. Hélio Santos – que me acompanha desde o primeiro dia do Projeto Mentas e Portas Abertas (POMPA); e Prof.^a Dra. Tania Benevides, por ser este ser humano fora de série. Que bom ter vocês nesta caminhada.

Aos meus amigos e colegas: Prof.^a. Ma. Yara Santiago (minha querida amiga

de longas datas); ao meu amigo africano Prof. Dr. Augusto Cardoso (o que seria de mim sem você neste processo). Aos meus irmãos de Santo: André Nascimento; Carine Santos; Marcos Rezende; Carla Milena Santos e Yuri Silva, por se tornarem parte do que me traz até aqui.

Agradeço às organizações negras que vêm pensando o empreendedorismo negro, aos intelectuais que dão suporte a esta escrita e a cada plataforma, grupos virtuais de empreendedores negros que compartilharam, em suas diversas *lives*, cursos *on line*, entre outros, as dimensões que os aspectos das desigualdades digitais produzem em seus empreendimentos e sonhos.

Agradeço a todos por me proporcionarem o conhecimento não apenas racional, mas a manifestação do caráter, companheirismo e afetividade para a reflexão sobre os processos de formação profissional enquanto pontos de dores negras. Agradeço à Militância Negra não somente por ter me ensinado a caminhar um passo de cada vez, mas também por ter feito resiliência empreendedora negra. A todos/as, meus eternos agradecimentos.

Conceição, Luciana dos Reis. Mercafro: plataforma de suporte ao desenvolvimento da intelectualidade negra. 2021. 152f. Dissertação (Mestranda) – Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia. Programa de Desenvolvimento e Gestão Social da Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2021.

RESUMO

O estudo apresenta uma análise crítica conceitual da compreensão das plataformas empresariais sobre o papel da intelectualidade negra brasileira em seus processos formativos. Abordando o modo como o Estado brasileiro e as organizações empresariais têm formulado, criado e implementado os instrumentos legais de formação nas plataformas de impulsionamento empreendedoras no Brasil. Para realizar a análise das estratégias do grupo envolvido, o trabalho desenvolveu um procedimento de abordagem qualitativa, denominado pesquisa exploratória, cuja aplicação tem por finalidade a elaboração ou entendimento de um instrumento de pesquisa adequado a uma realidade específica, no intuito de delimitar um conjunto de relações que o processo empreendedor vem produzindo e distribuindo, mediante os conhecimentos existentes nas plataformas de formação *on line* (Sebrae SEI e Endeavor). Foram empregadas as seguintes técnicas de levantamento de dados: a revisão bibliográfica e análise documental, além de uma observação não participativa junto às plataformas empresariais nacionais e eventos produzidos para o ecossistema empreendedor negro nos espaços tradicionais *on* e *off line*. Ao longo dos séculos, a população negra vem produzindo por conta própria alterações significativas via mobilização dos conhecimentos dos seus atores e referenciais empreendedores das mulheres e homens negros, e o pensamento administrativo e econômico negro não se faz presente, seja nas matérias, entrevistas e eventos legitimadores das consideradas autoridades, seja no ecossistema ou plataformas de produção de dados e estudos que se mantêm incompletos, superficiais e não trazem uma produção negra positivada e de sucesso. O estudo constatou que poucas plataformas e ações comunicam o valor do empreendedorismo negro e sua importância para este ecossistema.

Palavras-chave: Educação corporativa, Democracia Digital, Plataformas digitais, Intelectualidade negra, Racismo epistemológico, empreendedorismo negro

Conceição, Luciana dos Reis. **Mercafro: support platform for development of the black intelligentsia**. 2021. 152f. Dissertation (Master's) – School of Administration of the Federal University of Bahia. Program for Development and Social Management of the Federal University of Bahia, Salvador, 2021.

ABSTRACT

The study presents a critical conceptual analysis about the comprehension of business platforms on the role of black Brazilian intellectuals in their educational training processes. It addresses the way through which the Brazilian State and business organizations have formulated, created and implemented legal instruments for training in entrepreneurial platforms in Brazil. In order to carry out the analysis of strategies utilized by the group involved, the work develop a qualitative approach, exploratory research whose application aims at elaborating or comprehending a research instrument suitable for a specific reality. Such framework seeks to delimit a set of relationships that the entrepreneurial process has been producing and distributing, through existing knowledge on online training platforms (Sebrae SEI and Endeavor). The following data collection techniques were utilized: a bibliographic review and document analysis, in addition to a non-participatory observation with national business platforms and events produced for the black entrepreneurial ecosystem in traditional online and offline spaces. Over the centuries, the black population has produced significant changes on its own through the mobilization of the knowledge of its members and entrepreneurial references of black women and men. However, black administrative and economic thinking is not present, whether in articles, interviews and events that legitimize the so-called considered authorities. Such knowledge is absent, whether in the ecosystem or platforms for the production of data and studies that remain incomplete and superficial and do not bring positive and successful black production. The study found that few platforms and actions communicate the value of black entrepreneurship and its importance to this ecosystem.

Keywords: Corporate Education, Digital Democracy, Digital Platforms, Black Intellectuality, Epistemological Racism, Black Entrepreneurship

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Interface plataforma Mercafro	112
Figura 2: Interface plataforma Mercafro	113
Figura 3: Empreendedorismo negro / representação - Endeavor	120
Figura 4: Empreendedorismo negro/ representação - SEBRAE	121
Figura 5: Empreendedorismo negro/ representação– SEI	121
Figura 6: Aba inicial da Plataforma Mercafro	132
Figura 7: Plataforma MERCAFRO	132
Figura 8: Tipologias informacionais	133
Figura 9: Intelectuais e técnicos entrevistados na plataforma	134
Figura 10: Newsletter e redes sociais	135
Figura 11: Redes sociais/Contato MERCAFRO	136

LISTA DE QUADROS

Quadro 1: Domínios do ecossistema empreendedor	62
Quadro 2: Estrutura primária	93
Quadro 3: Estrutura primária	94
Quadro 4: Fluxograma com as etapas de desenvolvimento e validação da plataforma digital Mercafro	108
Quadro 5: Maquete da plataforma Mercafro	109
Quadro 6: Etapas de planejamento do site 01	110
Quadro 7: Etapas de planejamento do site 02	111
Quadro 8 – Critérios de inclusão e exclusão	117
Quadro 9: Ideográfico (assuntos) da plataforma	133
Quadro 10: Divisão dos conteúdos	138

LISTA DE TABELAS

Tabela 1 – Condução do Mapeamento Sistemico de análise e exclusão	123
--	------------

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ANGRAD	Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração
ANPAD	Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
CAPES	Coordenação de Aperfeiçoamento de Pesquisa e Ensino Superior
CEE	Comissão de Especialistas de Ensino de Administração
CES	Câmara de Educação Superior
CFA	Conselho Federal de Administração
CFDMAS	Federação Canadense de Decanos de Faculdades de Administração
CFE	Conselho Federal de Educação
CIAGS	Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social
CALDEAR	Conselho Latino-Americano de Desenvolvimento de Escolas de Administração
CMS	<i>Critical Management Studies</i>
CNE	Conselho Nacional de Educação
CNPq	Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
DASP	Departamento de Administração Pública
EA	Escola de Administração
EAESP	Escola de Administração de Empresas de São Paulo
EAUFBA	Escola de Administração da Universidade Federal da Bahia
EBAP	Escola Brasileira de Administração Pública
ENANGRAD	Associação Nacional dos Cursos de Graduação em Administração
ENANPAD	Encontro Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Administração
ENEO	Encontro Nacional de Estudos Organizacionais

ENEPQ	Encontro de Ensino e Pesquisa em Administração e Contabilidade
EO	Estudos Organizacionais
EPPEO	Economia Política do Poder em Estudos Organizacionais
FEA	Faculdade de Ciências Econômicas e Administrativas
FVG	Fundação Getúlio Vargas
GAP	Grupo de Aprendizagem
INEP	Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira
INTERMAN	<i>International Management Development Network</i>
MBA	<i>Master in Business Administration</i>
PGSS	<i>Pós-Graduação Stricto Sensu</i>
UFRN	Universidade do Rio Grande do Norte
UFSC	Universidade de Santa Catarina
UnB	Universidade de Brasília
USP	Universidade de São Paulo

SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO	14
2. EMPREENDEDORISMO: DIFERENTES CONTEXTOS, ESTÁGIOS E MOTIVAÇÕES	23
2.1 Conceitos iniciais	28
3. EMPREENDEDORISMO NEGRO	32
3.1 Empreendedorismo segregador	40
3.2 Conhecimento empreendedor e empresarial negro	49
3.3 Ecossistema e empreendimentos negros	55
4. PLATAFORMAS DIGITAIS	64
4.1. Educação corporativa	69
4.2. Plataformas digitais e as novas tecnologias para a educação corporativa	78
4.3 Plataformas digitais no fortalecimento do ecossistema empreendedor negro	83
4.4. Plataforma Mercafro: da concepção a execução	90
4.5 Contribuições da plataforma Mercafro para o conhecimento empresarial e empreendimentos negros	96
5. METODOLOGIA	100
5.1. Desenvolvimento metodológico da plataforma Mercafro	105
5.2. Especificidades da plataforma Mercafro	117
6. RESULTADOS DA PESQUISA	124
6.1. Funcionamento da plataforma Mercafro	130
7. CONSIDERAÇÕES FINAIS	139
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICA	142
ANEXOS	150

1. INTRODUÇÃO

Nas últimas décadas, o Brasil tem avançado significativamente no aperfeiçoamento de um modelo de desenvolvimento empresarial e econômico de inclusão sociogênica, acompanhado pela redução da desigualdade histórica da sociodiversidade negra. Tendo em vista que o empreendedorismo tem sido, para a população brasileira – em especial negra-, um planejamento estratégico de organização empresarial, econômico e sociocultural – no sentido de estimular o processo simultâneo de inclusão e de ascensão social da população negra. Ao mesmo tempo, o Brasil tem desfrutado, ao longo destes últimos trinta anos, de uma posição ímpar no contexto dos países tidos como Megaempreendedores ou Nações Empreendedoras. Buscar uma abordagem interessante e inusitada sobre esses grupos é então levar informação sobre um ambiente empresarial e corporativo pouco explanado. Pois, além de ter uma riquíssima sociodiversidade empreendedora, esse ambiente possui múltiplas e expressivas formas culturais de movimentos sociais empreendedores (alternativas de renda) e uma aceitável capacidade global de pesquisa e desenvolvimento (P&D).

Assim sendo, no empreendedorismo, como no mercado em geral, questões de raça e de gênero, *a priori*, não deveriam ser critério de diferenciação de renda e de oportunidades, e sim de um conjunto de competências, incluindo capacitação contínua para um mercado de concorrência acirrada e diferentes narrativas sobre um empreendedorismo que vivencia suas experiências comerciais a partir da criação de novas potências. Estimular a capacitação no sentido de um processo ecossistêmico formativo das plataformas digitais cujos negócios para a população negra ainda estão bem distante de ser uma realidade plena, nos provoca a pensar soluções para uma área econômica e de conhecimento que precisa ser beneficiada e dinamizada através do universo digital.

Nesse sentido, por meio do empreendedorismo, as micro e pequenas empresas ocupam um papel importante e de destaque no cenário econômico e social brasileiro, por serem as únicas alternativas realmente democráticas de crescimento empresarial e de profissionalismo para a comunidade negra mesmo sem grandes alicerces. Digo democráticas no sentido de abrir oportunidades de “igualdade” para todos os afrodescendentes que, historicamente, vêm sendo excluídos e discriminados no mercado de trabalho. Sem dúvida, ao tratarmos aqui

da sociodiversidade empreendedora afro-brasileira ou afrodescendente, e sua intelectualidade nos procesos formativos empresariais, leva-se em conta o entendimento do processo da coletividade, seus saberes, modo de vida, espiritualidade, espaço de pertença, elo com seus antepassados e ocupação enquanto grupo étnico na territorialidade brasileira. Assim sendo, isso nos permite analisar criticamente algumas regularidades quanto à reflexão conjunta a respeito das questões históricas empreendedoras de diversidades socioculturais negras, pelo entendimento vivenciado por essas a partir da análise epistemológica do empreendedorismo negro, construído e reconstruído em suas formas de negócios e correlatos padrões de sucessivas tentativas de ocupação dos espaços e recursos empreendedores e formativos que têm por direito, enquanto cidadãos brasileiros.

Apresentam-se, hoje, sob vários modelos ecossistêmicos humanos e novas roupagens epistemológicas oportunidades e desafios, ancoradas nos argumentos intelectuais acadêmicos que demonstram como o empreendedorismo tem sido cada vez mais estratégico no estímulo a um processo simultaneamente formativo e de inovação, cuja inclusão sociogênica traz ascensão aos conhecimentos junto a novas plataformas de negócios e apoio metodológicos.

Desse *encontro e desencontro* histórico brasileiro, ou *latino-americano*, de resiliência empreendedora negra, resultam as referências ideológicas e crenças coletivas invisibilizadas enquanto afrodescendentes protagonistas ou parte dos processos de desenvolvimento econômico. A intelectualidade empreendedora negra, analisada aqui, parte do entendimento do empreendedorismo não somente como um conceito das ciências humanas e sociais, mas também de movimentos sociais e civis unificados que têm sido, nos últimos tempos, campos de especializações e investimento de diversas áreas que envolvem a melhoria, a eficiência e a eficácia das coletividades brasileiras, sem que esses sejam inseridos. Além disso, envolve ainda as empresas e seus negócios, sua produtividade e competitividade no mercado interno e global. Mercado esse detentor de um comportamento sociodiverso de novos conhecimentos e saberes, requisito indispensável para a produção dessas coletividades empreendedoras, em especial negras.

De modo geral, esses temas tratam da intelectualidade, desenvolvimento, pobreza, emprego, história, demografias, investimentos financeiros e sociais entre outros tópicos, abordados nas ciências humanas, antropológicas e exatas, todas ancoradas em uma posição e espaço acadêmico que pouco cria soluções

estruturadas para o investimento em ativos intelectuais e de inovação negra. Sem dúvida, isso requer também nos situar a uma estreita relação entre política econômica e política educacional de negócios ou geopolítica, vivenciadas hoje, especialmente, nos países de capitalismo periférico como o nosso, que sofrem cada vez mais a interferência das agências internacionais, em relação ao desenvolvimento científico e tecnológico, sem levar em conta suas especificidades e características.

Nesse quadro, ao falarmos a respeito do ecossistema empreendedor de inclusão sociogênica sob viés racial, sua intelectualidade e sociodiversidade, partimos de um resgate histórico, quando, no dia 13 de maio de 1888, um ato imperial levou ao abandono de uma massa de mulheres e homens negros, sentenciados à segregação sociocultural e econômica, numa invisibilidade estratégica no que tange aos direitos trabalhistas, autonomia econômica e empreendedora e suas vertentes humanistas.

A consolidação desse processo está na desumanidade histórica estatal brasileira, vista, hoje, no abandono em todos os sentidos da população negra, o que resulta de uma sequência de políticas públicas e reflexões teóricas de conhecimentos/saberes existentes desarticulados e sem contatos com outras nuances de fomento e pesquisa. Para os negros abandonados à própria sorte, não houve estratégias ou mentores que os auxiliassem na transição ocupacional. Não houve também, redes de aceleradoras ou investidores anjos para potencializar seus conhecimentos e habilidades empresariais e de liderança, ainda que tenham sido os primeiros mercadores e detentores de tecnologias de desenvolvimento do solo dentre outros.

Nesse sentido, o que se busca nesta dissertação, ao resgatar essa leitura e releitura histórica e contemporânea, é ressaltar a importância e o significado do afroempreendedorismo ou empreendedorismo negro na nova era brasileira. É preciso registrar, aqui, que o desafio de lidar com essa herança de enfrentamento sociocultural empreendedora negra é uma dimensão mais ampla junto às comunidades afrodescendentes brasileiras na apropriação destes ecossistemas empreendedores e espaços de autoridade técnica.

Afinal, são estes espaços que permitem ter um contato mais aprofundado com o tema, seja ao desenvolver políticas públicas sob o viés racial, em especial quando se fala do ecossistema empreendedor e gestão empresarial, seja como empresa acelerada que não vê nestes círculos formativos suas particularidades e

valores como importantes para seus empreendimentos e inquietações. Dentro dessa problemática, busca-se examinar as dinâmicas empresariais e sua intelectualidade nos processos ecossistêmicos formativos no Brasil, no período compreendido entre **2010 e 2020**, abordando o modo como o Estado brasileiro e a iniciativa privada têm formulado, criado, investido e implementado os instrumentos de desenvolvimento e gestão empresarial formativa nos ecossistemas e plataformas virtuais.

O estudo parte do entendimento da interculturalidade e sua gestão/formação empreendedora como uma das práticas de conhecimentos/saberes ancestrais e culturais dos modos e estilos de vida da sociodiversidade negra brasileira, uma vez que estas considerações constituem formas sociais únicas do empreendedorismo e de preservação de suas sobrevivências na modernidade brasileira de relação entre sociedade e seus empreendimentos – caracterizada, aqui, pela apropriação empreendedora coletiva dos bens e recursos genéticos de respeito aos ciclos, espiritualidade e nichos especiais a elas reservados enquanto empreendedores negros. Entende-se afroempreendedor ou empreendedor negro, neste estudo, como a pessoa que se propõe a mudar a sua vida e da sua comunidade, buscando sempre oportunidades e melhorias de forma coletiva.

Então, estamos falando de um empreendedor que tem nas novas tecnologias da informação e comunicação a possibilidade de pensar um novo processo de negócio, com modelo abrangente de reestruturação e alavancagem de empreendimentos dentro das chamadas “novas tecnologias” (LEVY, 2016) ou democracia digital. Ou seja, falamos de um profissional que é visto dentro deste ecossistema como promissor e capaz de criar e recriar o seu modo de empreender, a partir da sua realidade e produtos escaláveis e disruptivos, pois atuam em mercados órfãos de seus conhecimentos e vivências enquanto consumidor ou produtor de insumos.

Desse modo, trata-se de analisar criticamente as experiências do Estado brasileiro e iniciativa privada na implementação dos instrumentos legais de gestão e formação ao empreendedor negro, com a seguinte **questão**: Qual a configuração de uma plataforma digital que abrigue conhecimento sobre empreendedorismo negro de forma a fortalecer este ecossistema no território brasileiro?

Este trabalho tem, portanto, como objeto de estudo a Intelectualidade Negra nos Processos Formativos Empresariais e como objetivo a especificação e construção de uma plataforma que sirva para aumentar o conhecimento e a

capacidade dos empreendedores negros no campo do desenvolvimento pessoal e na gestão empresarial, com foco na especificidade intelectual racial.

Os objetivos específicos deste trabalho podem ser assim apresentados: (i) identificar temáticas e conteúdos relevantes para a formação empreendedora étnico-racial; (ii) estruturar informações relacionadas às temáticas e conteúdos identificados como relevantes; e (iii) desenvolver uma plataforma de qualificação empresarial para apresentação das informações estruturadas, contribuindo para a formação empresarial com referencial étnico-racial. O estudo se fundamenta na reflexão sobre os desafios e implicações históricos ecossistêmicos formativos das plataformas digitais dos negócios dos empreendedores negros (afroempreendedorismo¹), ancorados nos processos socioeconômicos, étnicos e culturais, experienciados no campo do desenvolvimento pessoal e gestão empresarial, com foco na especificidade racial e sua intelectualidade nos negócios da população negra, sendo essa última uma referência histórica no processo de sociodiversidade² negra empreendedora.

A questão proposta para o presente trabalho reporta-nos à preponderância de procedimentos, *corpus* técnico e práticas dos atuais modelos de gestão das plataformas digitais, que abriguem conhecimento sobre o empreendedorismo negro no Brasil, entendido aqui como mecanismo de controle e segregação social da vida em sociedade, no que diz respeito à apropriação dos bens e recursos intelectuais e econômicos.

A gestão, as práticas e o modo de vida e pensar da sociodiversidade negra constituem formas únicas da intelectualidade e de gestão empresarial desta população no Brasil, uma vez que a relação entre a coletividade e o modelo de fazer negócios destes se caracteriza pela apropriação coletiva empresarial, o que implica numa produção econômica, social e empreendedora que se sobrepõe ao valor do atual processo de modernização mercantilista econômica capitalista, instrumental e globalizado que dialoga com os novos modelos de fazer conhecimento.

¹ **Afroempreendedorismo** diz respeito ao movimento empreendedor realizado por negras e negros. Ou afroempreendedor, que é entendido também como o negro que decide empreender, seja em qual ramo for e para qual público for, não se restringindo a alcançar somente consumidores negros (SANTOS, 2019).

² **Sociodiversidade** é a posse de recursos sociais próprios, de modelos diferentes de autoridade política, de acesso à terra ou de padrão habitacional, de hierarquias próprias de valores ou prestígio. Ou, no **Brasil**, podemos classificar a sociodiversidade brasileira como uma das mais ricas variedades culturais, ou seja, uma imensidão de etnias, raças, crenças, entre outras (CARDOSO, 2015).

A relevância do estudo proposta está na busca do fortalecimento do ecossistema empreendedor de negócios, discutindo o atual modelo de formação empreendedora, incluindo a gestão, a regulação e a configuração de uma plataforma digital e considerando prioritariamente os conhecimentos e saberes intelectuais de pensadores e formadores de opinião sobre o empreendedor negro e seu ecossistema de negócios e consumo.

Diante disso, ao fazermos uma chamada à razão histórica, é preciso compreender qual o imaginário simbólico negro sobre dinheiro e negócios, seja no âmbito do mercado de trabalho ou no reconhecimento de sua humanidade e contribuição técnica, social e econômica, no intuito de entender quão fundamental é o papel das ações afirmativas empresariais no processo empreendedor e de conhecimento brasileiro em especial sobre o viés racial.

Achille Mbembe (2018), filósofo camaronês, ao pautar a forma como o corpo negro foi convertido em mercadoria, empreende uma reflexão indispensável ao mundo contemporâneo, ao fazer uma crítica à razão negra, pois questiona a forma como se difundiu o projeto de conhecimento e governo propondo uma reflexão crítica acerca do mundo e nosso tempo. Ao sinalizar que o mundo de amanhã será a África, esse abre a problemática da política da raça, do racismo e do colonialismo, sem deixar de fora a evolução de um pensamento subalternizado a estratégias destinadas a ofuscar o próprio assunto.

Dessa forma, ao professarmos sobre o impacto da omissão e apagamento do conhecimento empreendedor vivenciada pelos negros no Brasil – cuja fundamentação se alicerça na ideia e uso de uma visão única teórica do saber e centralizada na ciência ocidental –, este conhecimento torna-se assíncrono de um momento histórico que tem evocado e provocado múltiplos *encontros* e *desencontros* entre diferentes pessoas e lugares geográficos nacionais e na geopolítica, que se originam da fatalidade (CARDOSO, 2015), - dos primeiros contatos travados entre esses dois mundos de conhecimentos e saberes voltados para o setor educacional empreendedor. Fala-se então de um modelo de conhecimento naturalizado pelo Estado brasileiro, com a ausência dos reconhecimentos socioculturais nos ecossistemas, plataformas digitais e processos formativos voltados para o campo da educação empresarial, tendo um efeito negativo e daninho, quando se trata especificamente de negócios que possuem viés racial. São estas perspectivas que fazem com que seja fundamental o arrazoamento

sobre o empreendedorismo negro, pois este leva em conta que, historicamente, esses grupos foram discriminados e ignorados na construção econômica e social do país, fazendo com que reivindiquem seus direitos e reconhecimento enquanto pensadores.

Nesse contexto, este trabalho se **justifica** pela necessidade de aprofundar o conhecimento sobre o atual modelo estatal brasileiro de gestão, regulação e seus processos de intervenção direta na sociodiversidade empresarial negra, que busca cada vez mais ampliar os limites de participação na esfera política e nos ecossistemas empreendedores. Sendo essa, uma participação qualificada em defesa dos seus interesses em relação à organização econômica e social. Uma outra justificativa para o estudo é o seu caráter propositivo, pois o “Mercafro” é uma plataforma que busca aprimorar e qualificar as informações oferecidas à sociedade sobre empreendedorismo e ecossistema empreendedor negro, sem deixar de fora o impulsionamento de seus empreendedores.

Contribuindo assim para o fortalecimento deste ecossistema, pois traz um olhar especial sobre esse ambiente através da produção e análise crítica de dados específicos produzidos e a ser criados, e também pelo conhecimento especializado construído ao longo do tempo. Tal iniciativa alinha-se com a proposta do mestrado em Gestão Social e sua linha formativa voltada para os estudos e pesquisas teórico-práticos sobre desenvolvimento de tecnologias de informação e comunicação que envolvem os processos de geração, disseminação, uso e gestão de recursos, produtos e serviços informacionais.

Esse estudo dialoga então em seu eixo estruturante, com o que tem sido denominado Democracia Digital, pois leva em conta os métodos, processos e relações de mediação, circulação e apropriação de informações em diferentes contextos e dimensões sem se desconectar com fluxos e processos informacionais enquanto vetores de transformação social já que apresenta como solução uma plataforma digital no territorial virtual enquanto referencial de narrativas positivas sobre o mercado empreendedor e de conhecimento sobre o viés racial.

O afroempreendedorismo, ou empreendedorismo negro, tratado aqui, está ancorado no conceito e ação protagonizada por indivíduos autodeclarados como negros/as, capazes de manejar seus referenciais de memória, identidade e patrimônio cultural, em prol de ações coletivas transformadoras na área econômica, tendo os “referenciais raciais como princípio, meio e fim” (SILVA, 2017). Não

deixamos de fora neste estudo a conexão com o Marketing social, pois essa tecnologia agrega práticas e teorias de marketing aplicadas a projetos de mudança de comportamento e venda de um novo posicionamento de mercado voltado a melhorias do convívio social formativo empreendedor. A concepção da plataforma Mercafro, é então uma das formas de construir instrumentais de autoconhecimento voltados para empreendedores negros e seus referenciais raciais, capaz de compreender a realidade e debater profundamente o país a partir da óptica econômica, financeira e comportamental negra, tendo seus intelectuais e diferentes pensadores como agentes de desenvolvimento no contexto empreendedor e empresarial on e off line.

Dessa maneira, ao disponibilizar conteúdos que demonstrem a viabilidade econômica dos empreendedores negros e como estes sentem e vivenciam o racismo nas relações institucionais, sob todos os aspectos, em especial o financeiro e de formação, o Mercafro aponta e busca resolver a longa persistência da desigualdade empresarial que revela um “acordo oculto”, cumplicidade ou indiferença em relação às assimetrias sociais e seus conhecimentos. Ao desenvolver-se a Tecnologia de Gestão Social Mercafro em forma de *site*, busca-se então adentrar o espaço das plataformas digitais enquanto ferramentas que visam influenciar e moldar o ecossistema empreendedor, através da formulação e aprimoramento de informações e conhecimentos essenciais ao desenvolvimento destes sob o viés racial.

Deste modo, a epistemologia da interculturalidade e do empreendedorismo negro, referenciada aqui, trata-se das inquietações teóricas sobre uma questão do desenvolvimento empreendedor social, cultural e econômico, não só na área do conhecimento científico e saber afrodescendente, mas também quando se busca o conceito “raça/etnia” como centralidade das pesquisas e estudos sobre combate ao racismo e desigualdades sociais empresariais.

É nessa análise crítica da intelectualidade que a discussão quanto à crise empreendedora e suas inquietações nos permite repensar o empreendedorismo negro no Brasil e suas novas ferramentas de criação e compartilhamento de informação, sob a percepção da problemática socioeconômica e melhores práticas e tendências mundiais no intuito de tornar esses protagonistas e valorizados pelo seu

saber. Para desenvolver essa análise, utilizamos o conceito de mapas afetivos³, no sentido de produzir um outro modelo de educação empresarial que dialoga com a pós-verdade⁴, onde os indivíduos têm a tendência de se identificar com a informação que lhe agrada, ou esteja relacionada aos seus direcionamentos morais e de crenças. É importante também estimular a análise crítica sobre indicadores e percepção voltados para a área de desenvolvimento, parcimoniosa e de heterogeneidade cultural, a fim de obter diagnósticos mais aprofundados dos hábitos de produção de conhecimento, pensamentos e consumo sob o viés econômico racial.

Assim sendo, é preciso construir uma nova reflexão crítica sobre os conhecimentos produzidos nos últimos séculos por diversos acadêmicos e pesquisadores. Conhecimentos esses fundamentados em uma nova racionalidade sociocultural do que é considerado afroempreendedorismo ou empreendedorismo negro, diante de um modo coletivo de viver em sociedade e de controle estatal sobre o acesso ao capital. Tendo isso posto, a partir da apresentação da problemática estudada, é importante esclarecer que esta dissertação não pretende ser empiricamente conclusiva, mas sim apresentar um argumento bem informado, à guisa de um passo inicial para o negligenciado e necessário debate sobre o que é e o que não é “interculturalidade, afroempreendedorismo ou empreendedorismo negro” e seus ecossistemas e plataformas digitais, bem como o que ela faz a partir da análise dos princípios e premissas dos atuais instrumentos e mecanismos implementados pelo Estado e iniciativa privada para esse fim.

Esta dissertação é composta desse introdutório e mais seis capítulos: três com o referencial teórico, abordando o empreendedorismo e o empreendedorismo negro; plataformas digitais e as novas tecnologias; a metodologia; os resultados da pesquisa; e finalmente, as considerações finais. O capítulo Introdutório, como visto, traz uma justificativa para o estudo. O segundo capítulo direciona o debate à conceituação do empreendedorismo e seus diferentes contextos, estágios e motivações. O terceiro capítulo apresenta as novas tecnologias e suas plataformas

³ O mapa afetivo é um instrumento que simplifica o acesso aos sentimentos dos indivíduos em relação ao território onde vivem. O processo começa com um levantamento individual ou coletivo de impressões, sentimentos, histórias, experiências pessoais (SANTOS, 2006).

⁴ Descreve-se pós-verdade como um substantivo relacionado a circunstâncias em que os fatos influenciam menos a opinião pública do que apelos à emoção ou às crenças pessoais (MENEZES, 2004).

digitais no fortalecimento do ecossistema empreendedor negro. O quarto capítulo descreve os procedimentos metodológicos adotados, abordagens e critérios que justificaram a pesquisa. O quinto capítulo debate os resultados da pesquisa sobre a plataforma Mercafro: da concepção à execução e contribuições da Mercafro para o conhecimento empresarial e empreendimentos negros. Por último – não menos importante –, o sexto e último capítulo apresenta as considerações finais desta dissertação.

2. EMPREENDEDORISMO: DIFERENTES CONTEXTOS, ESTÁGIOS E MOTIVAÇÕES.

O cenário empreendedor vem atravessando diversas transformações sociais e econômicas, principalmente nesse período que se intensificou a valorização de ideias capazes de otimizar o estilo de vida dos indivíduos que desejam empreender em especial nos diferentes contextos de desenvolvimento. Por muito tempo, o país transitou por uma política econômica que se acostumou a ser direcionada fundamentalmente para o apoio às grandes organizações ou grupos econômicos já instituídos diante de pensamentos que os associavam a equilíbrio e sustentabilidade econômica. Entretanto, Carvalho, Viana e Montovani (2016), sinalizam que os novos comportamentos de consumo e de validação de empreendimentos, juntamente com a crise econômica, mostram que este modelo até então tido como de solidez possui falhas e fragilidades com impactos regionais e sociais expressivos.

Pensar outras formas de atuar no ecossistema empreendedor balizada por pensamentos, olhares, vivências, e acima de tudo perspectiva, se tornou central dentro de um cenário e contexto cuja taxa de empreendedorismo potencial no país teve um crescimento de 75% entre 2019 e 2020, passando de 30% para 53% segundo dados do Global Entrepreneurship Monitor (GEM), realizada pelo Sebrae, em parceria com o Instituto Brasileiro de Qualidade e Produtividade (IBPQ). Essa taxa sugere que existem 50 milhões de brasileiros desejando abrir um negócio nos próximos anos, em especial por este se tornar uma forma de atividade de estruturação e ação flexível que tem se adaptado às profundas mudanças no padrão de economia e pensamentos, mesmo esses empreendimentos em diferentes estágios.

Deste modo, não ter mais essas empresas como única fonte de solidez social e econômica, produziu e produz uma nova atmosfera de negócios que se adequa ao que hoje é entendido como empreendedorismo sobre diferentes nomenclaturas (Lilás, Arco Iris, Negro) dentre outros. Ainda que o empreendedorismo não possa ser considerado uma saída unânime, essas mudanças trazem possibilidades amplas aos desafios da política econômica em uma realidade que precisa de outras leituras sociais, o que tornou notório sua importância a partir de diferentes motivações apresentadas em outras vertentes. Stamm (2015) salienta que para o empreendedorismo acontecer em certos espaços, ele precisa de atores interagindo de forma interdependente de qualquer porte ou perfil. Diferente dele, o exercício empreendedor é visto, segundo Neck et Al., (2004) como uma ação que necessita da dependência de um conjugado de meios que ao interagir de forma colaborativa, desenvolve modelos dinâmicos de atuação ao mesmo tempo que estimula a formação de novas organizações enquanto espaço de significativos mediadores institucionais e individuais a exemplo dos investidores anjos e aceleradoras.

Esses mediadores, de acordo com os autores, trazem a possibilidade de se promover outros espectros empresariais de forma que o empreendedorismo e a inovação, passam a ser elementos chaves enquanto meios de entregas de valor que satisfaçam os desejos e necessidades dos clientes internos e externos. Nessa perspectiva, estamos falando de indivíduos que, a partir de suas necessidades, tendem a buscar o aperfeiçoamento e o progresso constantes, dentro do que Schumpeter (1982) chama de outra perspectiva “comportamentalista”, o que nos leva a um diálogo com o termo entrepreneurship, que neste cenário passa a ganhar o “significado” de desenvolver e concretizar um projeto ou sonho.

Trata-se de um termo que qualifica a atividade de planejar, comandar e supor os riscos de uma empresa ou negócio em meio a um conjunto de iniciativas que criam ou modificam produtos, serviços, tecnologias e processos enquanto soluções que rompem com padrões estabelecidos impactando o contexto em que são aplicados. Neste ponto, Santos (2019) reforça essas abordagens, assegurando que tanto o empreendedor quanto o empresário têm papéis distintos dentro deste ecossistema, uma vez que se exige competências diferentes para cada atuação. Desta maneira, um dos primeiros pontos a ser levado em conta é a confusão que

ocorre em virtude do pouco conhecimento referente às características de um empreendedor e de um empresário.

Para a autora, romper com a ideia de que empreendedor e empresário é quem abre um negócio, é fundamental, uma vez que existem empreendedores que, segundo o Sebrae (2019), falham exatamente por não serem empresários. É importante entender que nem sempre aquele que é empreendedor pode ser considerado empresário, do mesmo modo que o contrário, ou seja, nem todo empresário pode ser visto como empreendedor.

Desse modo, no decorrer deste estudo, será possível perceber algumas das características inerentes ao que compreendemos e podemos titular de empreendedor, pois quem empreende tem a capacidade de identificar problemas e oportunidades, desenvolver soluções e investir recursos na criação de algo positivo dialogando com seus diferentes modos de compreensão do mundo.

Ao buscar identificar uma necessidade do grupo aqui trabalhado, apresenta-se um modelo de empreendedor que busca solução nos meios já existentes e que ignora suas possibilidades de inovação, que é mais do que do mesmo, uma vez que seu produto ou serviço será promissor diante de uma competição acirrada de mercados que pouco traz impacto para sua comunidade. Em decorrência dessa visão, estamos falando de um indivíduo cuja capacidade passa por saber colocar essas ideias e visões em prática, seja quando abre um negócio ou concebe um projeto (SEBRAE, 2017). É exatamente isso que torna essência do empreendedorismo um modelo de busca por liberdade financeira e social e, por vezes, necessidade de dialogarmos com um outro elemento dentro deste ambiente econômico e de desenvolvimento, que é o empreendedorismo negro.

Entender a importância do empreendedorismo, sob outras nuances para o desenvolvimento econômico, dialogando com o viés do decolonialismo em administração \ gestão, transita por essas páginas na busca de encontrar formas de agregar conhecimento sobre gestão técnica e humana, com capacidade de construir tecnologias formativas relevantes para outros segmentos empreendedores.

Desta forma, quando falamos de empreendedores, não tratamos somente de indivíduos que inovam, identificam e criam oportunidades de negócios (AMIT; BIRLEY,1993). Discutimos também processos de aprendizagem a partir das plataformas digitais e seus conteúdos que transcendem a teoria. Oferecer

respostas objetivas ao cômodo discurso de despreparo usado para descredenciar particularidades intelectuais, sensoriais e físicas de outros perfis de empreendedores, é extremamente desafiador neste estudo e tecnologia que se apresenta. Para quem nunca teve a oportunidade de refletir sobre o assunto, tais argumentos podem soar como não razoáveis. Mas, a realidade é que parte significativa de quem empreende, empreende a partir de um modelo de empreendedorismo segregador.

Nesta configuração, estamos falando de um ecossistema empreendedor formado por espaços implexos, considerado de estilo não cíclico, uma vez que, parte destes empreendedores precisam se encaixar em um padrão ou estilo específico para ser considerado com escalabilidade, inovador e enérgico, logo desrespeitando e violando sua essência. Aceitar a ciclicidade do empreendedorismo negro, é compreender sua natureza e o mais importante, que para existir, este não precisa se encaixar em nenhum padrão ou estilo específico, mas sim ter sua identidade valorizada enquanto ativo econômico. Este ponto é uma inovação, primeiro por ao longo do tempo já se buscar essa ação via diferentes organizações com viés racial, organizações essas como Olodum, Coletivo de Entidades Negras, Feira Preta dentre outros que pontuam que esse empreendedorismo inovador pode ocorrer sem o espaço do empreendedorismo único como ocorre com estudos em universidades e instituições de ensino, que não necessariamente visam soluções para o mercado de consumo negro e sim para o que busca chamar atenção.

Isso faz com que a tecnologia aqui apresentada possa, ao ser implantada, não olhar para os desejos e necessidades dos outros segmentos de maneira direta, mas apenas formar e sistematizar conhecimentos existentes, mas desconsiderados. Entender as oportunidades e ameaças, bem como os desejos e necessidades das partes interessadas no ecossistema empreendedor sobre outras nuances, permite colocar essas soluções inovadoras em funcionamento dando saltos de competitividade diante de concorrentes diretos e indiretos, reforçando uma troca que tem ocorrido de forma não conjunta, bem diferente do que prega (ISENBERG, 2011).

Este é um ponto importante no que é apresentado, pois não é possível debater processos formativos empresariais e o que determinadas plataformas disponibilizam e compartilham enquanto narrativas empreendedoras e de sucesso,

sem fazer distinção entre o que é considerado empreendedor, empresário, ecossistema empreendedor e suas nuances de visibilidade e autoridade formativa.

Conforme Santos (2019), compreender o que permite a esses atores exercer esta prática empreendedora de modo recorrente, é importante, pois enquanto ação lucrativa a maneira como as atividades econômicas são organizadas permite a diferentes atores manipular os setores de produção a exemplo de: mão de obra, matéria-prima ou insumos, capital social e político, tecnologia, entre outros.

É exatamente por dominar esses elementos, que as pessoas podem se enquadrar ou não no conceito de empresário. Levando em conta que o conceito de empreendedor não possui conformação legal específica, esse acaba por gravitar em torno de elementos muitas vezes difíceis de materializar, mas que molda a essência do que é empreendedorismo e empresariado (COELHO, 2016).

Proveniente dessas afirmações, os diferentes enfoques sobre o contexto empreendedor trabalhado neste estudo, se valem e se baseiam na construção e visibilidade de uma nova abordagem empreendedora de forma que seja possível apresentar informações úteis ao conhecimento teórico e referencial voltado a esse ecossistema a partir da tecnologia denominada Mercafro. Por este motivo, optou-se por impetrar enquanto proposta defendida neste estudo, dialogar com a posição marginal dos empreendedores e intelectuais negros nos conteúdos formativos e plataformas voltadas ao empreendedorismo, sem deixar de fora seu potencial de conhecimentos e práticas decoloniais vistas aqui como potencial de atender à alta expectativa dos seus usuários e consumidores inseridos em um contexto de mudanças absurdamente rápidas.

Nesse cenário, unir empreendedorismo, inovação, democracia digital, formação corporativa e raça, é uma questão ligada à sobrevivência e crescimento das organizações e ecossistema aqui analisados e ponderados uma vez que essa vem ao longo do tempo tendo sérias dificuldades para conquistar espaço a partir de perspectivas consideradas “sem inovar”, especialmente pela competição cada vez mais acirrada e imprevisível que considera o que existe como capaz de contemplar todas as demandas. É este fator que se traduz em produção de riqueza que pode levar em conta uma tecnologia ancestral ignorada sobre diversos meios, já que existem diferentes atores produzindo conhecimento empresarial inclusivo e que diferentes setores interessados não conhecem. Apresentar soluções para que

esses conhecimentos cheguem de forma adequada a quem necessita, é então transformar em vantagem outros modelos de formação e pensadores da área.

2.1. Conceitos iniciais

Levando em conta que estamos em uma sociedade orientada por dinâmicas capitalistas, o ato de empreender implica em equilibrar tanto a dimensão individual quanto a relacional, de maneira a impactar na economia sob algumas perspectivas. Indubitavelmente, não podemos perder de vista que estamos diante de um termo cujo significado se originou na França, no século XVII, com o intuito de diferenciar os indivíduos que assumiam riscos dos indivíduos capitalistas (aqueles que forneciam capital). Desta forma os empreendedores tinham acordos contratuais com o governo da época, para realizar a produção dos seus produtos e serviços.

Conforme Glauca Vale (2014), as investigações relacionadas ao empreendedorismo, ao longo do tempo, pontuam diversas alterações, de maneira que tanto autores e ecossistema como o termo passaram por várias transformações, desde o primeiro registro do uso da palavra “empreender” em 1709.

Desde desse período, o termo já apareceu enquanto um conceito usado para identificar pessoas que controlavam empresas, passando com o decorrer das diferentes gerações a ser associado a quem assume um tipo de risco relacionado ao empreendimento. Assim sendo, estamos diante de um fenômeno que vem crescendo cada vez mais ao longo dos períodos e sendo apontado como altamente relevante para a economia, inovação, empregabilidade e aquecimento econômico diante de um dinamismo que estimula não somente a economia global, competitividade dos mercados e circunstancialmente a crise já que cada vez mais pessoas, por diferentes motivos, decidem se tornar empreendedores.

Baumol (2010), sinaliza que até o século XX, os ingleses se referiam aos que hoje celebramos como empreendedores, como aventureiros (undertakers) por conta dos fatores que os motivavam a empreender. O que não deixa de ser verdade, uma vez que um dos fortes aspectos do ato de empreender consiste em aventurar-se na realização de um sonho, uma ideia, entre outros, em terrenos nada

amistosos e em constante alteração. Schumpeter (1945) considera que o empreendedorismo só acontece através de pessoas versáteis, com habilidades técnicas para produzir, organizar recursos financeiros, operações internas e vendas. Na concepção do mesmo, este fato faz com que o ato de empreender deixe de ser uma atividade restrita, passando a englobar diferentes setores governamentais, privados e do terceiro setor, logo produzindo mudanças adaptativas sob diversos aspectos.

Para diferentes atores e intelectuais, o empreendedorismo é considerado uma ação que provoca ou pode causar disrupção, junto ao que é considerado “soerguimento normal” empreendedor, ou seja, de dar continuidade a algo, uma vez que busca melhorias contínuas, em especial na formação empreendedora e junto a instituições educacionais de treinamento voltado ao mesmo. No entanto, ao pensar as abordagens sobre empreendedorismo, deparamo-nos também com perspectivas que fortalecem o entendimento e o conceito deste enquanto um ato comercial que, além de limitar o olhar sobre o mesmo, acaba por pouco estimular que diferentes sujeitos se comuniquem de maneira eficaz com outros setores (GERBER, 2011).

Essas poucas flexibilizações acabam por permitir que cada um se aproxime do termo, conceituando-o a partir de quem melhor se aproxima da troca e combinação dos conhecimentos que buscam dialogar. Em virtude dos diversos fenômenos e saberes considerados por Davidson (2003) como múltiplas formas de compreensão de que se entende como empreendedorismo, esses setores tendem, a grosso modo, a se acomodar em duas definições importantes para esse: o primeiro consiste em entender o empreendedorismo enquanto criação (ou tentativa de criação) de uma nova atividade econômica; e a segunda definição o entende enquanto qualquer coisa que concerne àqueles que criam e dirigem seus próprios negócios/empresas/organizações. Essas definições permitem que o ecossistema empreendedor use outras abordagens junto às estabelecidas, abrindo precedentes para o crescimento e valorização de pesquisas e estudos que nascem da busca por responder a questões invisibilizadas, mas que não deixa de atrair interessados sob outras tendências contributivas (SHEPHERD, 2015).

Para Santos (2019), falar em empreendedorismo sem pontuar o empreendedorismo negro, faz com que não seja levado em consideração que para esses, o ato de empreender, passa pela compreensão do empreender

realizado por pessoas negras. De acordo com essa autora, esse empreendedorismo tem um contexto que vai para além do ganhar dinheiro ou inovar no mercado. Trata-se de um olhar e atuação empreendedora que almeja criar uma via de adição ou complexidade a partir dos valores que carregam para além do que é visto como liberdade empreendedora. A autora chama atenção ainda, para o que considera empreendedorismo negro *lato sensu* (em sentido amplo), ou seja, um empreendedorismo que não está restrito a grupos de consumidores negros.

Na interpretação da autora, outros grupos são alcançados, sem que isso comprometa a estrutura de negócio do indivíduo considerado afro empreendedor e trabalhado neste estudo como empreendedor negro, pois na visão desta pesquisadora, o termo afro empreendedor ganha na perspectiva dos atores deste ecossistema a ideia de que esses ao serem vistos como afro empreendedores são entendidos como sem qualificação ou empreendimentos primários. Enquanto que ser visto como empreendedor negro, o coloca no mesmo patamar de qualificação dos demais, tendo como diferencial o fato de empreender em condições menos igual. Já para Maria Angêlica Santos (2019), esse empreendedor é *lato sensu*, pelo fato de ser um corpo negro, atrelado ao ato de empreender.

Isso para a mesma, por si só, torna este movimento transformador e com capacidade de caracterizá-lo enquanto afro empreendedor, sem que se leve em conta o objeto de sua atividade. Como exemplo deste modelo de empreendedorismo, podemos citar lojas de pessoas negras que vendem material de construção, consultorias em geral, gestão de pousadas, restaurantes, entre outros que, para existir, não precisam trabalhar com a temática racial e nem ter sua cadeia produtiva alinhada com o viés antirracista. A atuação desses empreendedores se dá na esfera que o mesmo desejar, podendo então atuar com aspecto amplo, em qualquer ramo do empreendedorismo, com qualquer público, sem a necessidade de estar se restringindo aos consumidores negros.

O que tornaria seu negócio um empreendedorismo *Lato sensu* é este ser um corpo negro independentemente de ter sido ou não assimilado pela ideologia branca, mas o fato de o mesmo estar em um espaço raramente ocupado por pessoas parecidas consigo. É isso que por si só torna importante seu papel enquanto empreendedor ou empreendimento negro naquele espaço de atuação, ser um nome para se ter como referência e representatividade. No entanto, isso

não é o bastante para determinar uma prática ou empreendimento negro no sentido estrito, como a autora aponta. O ato destes em empreender nestes espaços, ainda que seja importante, não se torna tão revolucionário como seria se o mesmo fosse um corpo \ empreendimento alinhado com as práticas antirracistas no mesmo espaço.

Para que seja considerado um empreendedor ou empreendimento negro, com princípios antirracistas, de acordo com a mesma, esses indivíduos precisam observar critérios mais taxativos e determinados que ultrapassem ser um corpo negro à frente do ato de empreender, como acontece em empreendimento a exemplo do: Trabalho de Preto, Soulbrio, Iyá Omi Cosmética Natural, Yalodè Cabelos Naturais, entre outros. Esses empreendimentos, além de dialogar com práticas antirracistas, têm corpos que os gestam atuando em consonância com os ideais antirracistas e antidiscriminatórios do início ao fim. É importante ter em mente que o conceito de empreendedorismo não se aplica somente ao próprio negócio, uma vez que é possível ter atitudes e comportamentos empreendedores mesmo não sendo dono, ou seja, enquanto colaborador ou prestador de serviços (GERBER, 2011). De acordo com o autor, estas abordagens teóricas do empreendedorismo podem possuir uma visão sistêmica do negócio ou situação e a partir de aí propor sugestões que, aprimoradas, serão aliadas importantes dos processos de trabalho desenvolvidos, maximizando os resultados dos espaços que observam.

Nesse entendimento, a avaliação do empreendedorismo é mais que uma atividade cotidiana da ciência moderna; uma vez que ela é parte integrante do processo de construção do conhecimento científico empreendedor e é a partir dela que se definem os rumos do próprio conteúdo da ciência e do empreendedorismo, quanto das instituições a ela vinculadas (DAVYT; VELHO, 2000).

Porém, segundo (CARDOSO, 2015), a avaliação da ciência continua sendo um assunto muito polêmico e muito discutido, pois ainda não se sabe qual é a melhor forma de realizá-la, já que existem, no mundo acadêmico globalizado, diversas disciplinas científicas e cada um se comporta de uma maneira diferente da outra. Assim, não há nem conhecimentos puros, nem conhecimentos completos.

O que existe na visão do autor, é uma constelação de conhecimentos voltados para o empreendedorismo neste caso, que socialmente tem se construído

ao longo dos tempos, cujo enfoque da análise está centrado nos processos que legitimam a hierarquização do saber e do poder entre o conhecimento local e o conhecimento global, científico” (MENESES, 2004). De maneira complementar, o entendimento do ecossistema empreendedor sob outras égides, naturaliza e ao mesmo tempo, faz com que valorizemos o processo que a cada momento ganha mais corpo diante de uma histórica ideia falaciosa e mistificadora de que o empreendedorismo é a forma com a qual podemos igualar os desiguais.

Para muitos, essa é a forma como o mesmo vem alterando uma realidade com poucas alternativas reais de mudança, que é o mundo do trabalho. Debater sua contribuição e forma de produção, é então pensar como construir um ambiente menos hostil, diante de um processo poderoso ideologicamente, que hoje se denomina empreendedor do conhecimento. Dessa maneira, o empreendedorismo, além de ser importante para a economia, precisa romper com uma produção de conhecimento hegemônico e racista, de forma a ter entre suas narrativas outras valorizações e elementos de pertencimento. É isso que vai dar-lhe a capacidade de trazer novas abordagens e metodologias para o que se entende como conhecimento empreendedor, sem deixar de fora fatores importantes para o sucesso e sustentabilidade de negócios que dependem não apenas de produtividade e competitividade.

3. EMPREENDEDORISMO NEGRO

Para estudar a dinâmica do empreendedorismo negro no Brasil, este trabalho parte da abordagem teórica do empreendedorismo e sua intelectualidade, mais especificamente sua vertente pós-colonial dos e nos processos formativos empreendedores e plataformas virtuais. De modo complementar, foram englobadas algumas categorias sociais, humanísticas e seus modos de apropriação contemporâneos. As noções de plataformas virtuais, ecossistemas empreendedores, desenvolvimento cultural, intelectualidade e empreendedorismo negro, em seu aspecto material e imaterial, aqui mencionadas neste estudo, são elementos âncoras e permeiam toda a base analítica deste trabalho.

Trata-se de um empreendedorismo tido hoje como somatória histórica de questões centrais das ciências humanas e sociais, em virtude da sua complexidade social, política, cultural e étnica (SANTOS, 1983). Igualmente por desenvolver uma

base comum em que várias disciplinas convergem para discutir as novas temáticas relacionadas ao empreendedorismo, mantendo um diálogo contínuo com vários grupos e campos teóricos, tais como: teoria geral da administração, teoria do caos, teoria geral dos sistemas, políticas públicas, aspectos da teoria institucionalista, democracia digital, teoria regulacionista, análise pós-colonial, análise de movimentos sociais, empreendimentos negros, além de outras abordagens.

A lista é diversa e ampla, indo além das abordagens elencadas neste trabalho, que não busca dar conta de todas as suas nuances, mas levantar pontos de questionamento e reflexões. Ao refletir sobre a construção de caminhos com possibilidades de um olhar moderno sobre novos modelos econômico, racial e de solidariedade financeira, pautamos um empreendedorismo e atuação que fortalecem o entendimento sobre a forma como se deu a abolição pós-escravidão no Brasil, em uma perspectiva empreendedora, econômica e de produção de conhecimento e narrativas técnicas e políticas. Trata-se de uma discussão que vem ganhando espaço no arcabouço nacional e global, de forma que, pensar nos dias atuais em empreendedorismo, não levando em conta os fatores que fizeram com que determinados segmentos sejam lembrados ou esquecidos, corre-se o risco de não compreender a importância que este tema vem ganhando no cenário atual sobretudo na perspectiva digital. Conforme José Dornelas (2018), nas últimas décadas, o empreendedorismo, enquanto abordagem teórica, tem mantido um canal de diálogo constante com diferentes correntes, áreas e setores dos mais diversos campos de conhecimentos do mundo moderno, tais como: história, desenvolvimento regional e local, pobreza, sustentabilidade, emprego, direito, inovação tecnológica, cultura, empreendimentos, entre outros.

É neste contexto metodológico cinético que entendemos que as teorias se aperfeiçoaram e acompanham o tempo da modernidade – isso é visível em um mundo empresarial globalizado e, mais do que nunca, no século XXI e ainda assim, as relações sociais no Brasil continuam submetidas ao critério racial de forma que teorias racialistas e uma legislação que os ignora continuam sendo criadas e pavimentando desigualdades inter-raciais, no momento que diferentes organizações, ainda que tenham absolvido o debate e compreensão desta forma de relação, continuam validando e fortalecendo organizações que se disponibilizam a combater essas desigualdades, sem as racializar a exemplo dos novos modelos de contratação de trabalho na iniciativa privada, ou o não investimento em temas e

ações cujas organizações negras são protagonistas. Giacomini (2013) chama atenção para a necessidade de compreender algumas das raízes históricas da situação atual empreendedora negra no Brasil, em especial da mulher empreendedora e negra.

Sob outra ótica, o Ethos (2006) aponta que as desigualdades de raça e gênero são eixos estruturantes da matriz da desigualdade social no Brasil como sinalizaram ao longo do tempo diferentes intelectuais e pesquisadores negros que, por sua vez, ainda está na raiz da reprodução de situações tanto de pobreza como de exclusão social e seus efeitos distributivos na população negra, em especial, sobre as noções de desenvolvimento e fortalecimento de pequenos negócios e iniciativas.

Desse modo, ao analisarmos as discussões epistemológicas e teóricas do empreendedorismo, intelectualidade, empreendedorismo negro, raça e etnicidade, entre outros campos, vinculados à ideia de produção empresarial no Brasil e no mundo globalizado, levamos em conta, neste estudo, a renda e riqueza geradas pela invisibilidade da produção intelectual negra na área empresarial e de formação corporativa e empreendedora. Para se ter uma ideia, só o mercado de cursos online, geraram uma média de U\$46 bilhões, em 2021 e o ensino a distância vai movimentar uma média de U\$325 bilhões até 2025 (GLOBAL INDUSTRY ANALYSTS,2020). Olhar esse mercado sobre a perspectiva da diversidade e inclusão, permite assim entender como os intelectuais e pensadores negros estão sendo vistos e se comportam dentro deste. Fato que, por outro lado, explica a dificuldade da gestão destes conhecimentos voltados para o saber empreendedor negro e sua ascensão nas plataformas virtuais brasileiras. Compartilhar e ampliar a representação deste saber incorporando outros setores, se dá então via a consideração da dimensão racial, social e econômica comprometendo a capacidade das gerações futuras de atender suas necessidades. A ausência de um olhar minucioso e estratégico sobre a capacidade empresarial e de saber do cidadão negro, somada à discriminação, segregação social e racial e preconceito que, ao longo da história, tem inviabilizado o fortalecimento dos seus modelos de negócios, mostram quão assimétricas são as relações empreendedoras no Brasil. Justamente por envolver novos materiais, abordagens, conceitos, métodos e circunstâncias empreendedoras, os conteúdos sobre o tema empreendedorismo negro deve ser detalhado cuidadosamente, de maneira que quem os desejem

possam compreendê-lo e reproduzi-lo, caso queiram ou necessitem (CARDOSO, 2015).

Em sua análise crítica Ribeiro (2005), acrescenta que - em se tratando de relações raciais, não existe uma preocupação por parte dos acadêmicos, pesquisadores e estudiosos do empreendedorismo e demais setores econômicos e formativos em mostrar que o Brasil é um país de relações raciais desarmoniosas. Isso permitiu que o discurso da inferioridade racial, produzisse efeitos com caráter de verdade de forma que a população negra qualificada para área corporativa ou acadêmica, até os dias de hoje ainda não se consolidou neste mercado de educação corporativa, salvo alguns nomes a partir das novas linguagens do que é considerado economia, ainda que autores diversos já tenha tratado sobre.

Algumas categorias teóricas e conceituais chegam a expressar a intencionalidade de se empregar essa singularidade como mecanismo para estigmatizar a população negra e/ou para mascarar as desigualdades raciais no país, no que tange a formações corporativas, entre outras.

De certo modo, essas complexidades demonstram a ausência de articulações entre teoria e prática, evidenciando uma preocupação com a prática profissional empreendedora sob outras nuances, uma vez que essas continuam sendo privilegiadas a outros grupos não negros. Investir na intelectualidade negra para tornar o ambiente corporativo mais inclusivo em seus conteúdos de formação, faz com que seja possível pensar o empreendedorismo negro e suas nuances a partir da mediação e amplitude da análise e visão de novas métricas cujo foco não se atém somente ao emprego e renda. Estimular os pequenos negócios a se ajustarem e reagirem às novas condições econômicas sem perder sua especificidade é, então, dialogar com outros modelos de valor agregado e na capacidade de refletir sobre como um setor, que mesmo tendo uma diversidade de atores e uma variedade de produtos e marcas, não desenvolveu formas de contemplar outros mercados e ecossistemas.

Diante deste fato, concebe-se, assim, nos componentes dos empreendimentos, a lógica de não integração do empreendedorismo negro à abordagem teórica e prática de uma intelectualidade ignorada e invisibilizada, que constitui atualmente em um embaraço. Revela a necessidade de integração das relações de novas aprendizagens virtuais no que tange aos negócios, suas plataformas e demais etapas dos processos pedagógicos empresariais em uma

economia formal de alta produtividade que convive com salários baixos e empregos precários em especial no setor de serviços.

Neste contexto, a responsabilidade de gestão do conhecimento produzido pelos intelectuais negros ao longo do tempo, precisa ser prioritário nos processos de desenvolvimento e pensamento estratégico, que por ser rico em novas estruturas de governança deve ser melhor organizada de forma a ganhar prioridade diante de novas relações que têm sido estabelecidas.

De acordo com o Baobá (2019), a aboragem teórica e conceitual do empreendedorismo negro nem sempre é fácil, porque, além do conceito carregar esse aspecto do empreendimento de negócios, também contém em sua particularidade uma ideologia estratégica como nova proposta de um engajamento que alcança o seu público, e que reafirma sua raiz e instrumentos formativos que envolva nova qualidade no território virtual. São as políticas públicas nunca implementadas, que tornarão possível reposicionar de forma ampla e ágil o pensar e agir sobre outras perspectivas o processo histórico da inserção do negro no Brasil, a partir das relações sociais, e da atuação do direito na reprodução destas desigualdades .

Estimular o reconhecimento e fortalecimento da intelectualidade e empreendedorismo negro, enquanto parte importante do ecossistema empreendedor traz a chance de se consolidar, novos olhares e expectativas, produtos e serviços via suas referências (SANTOS, 2017) principalmente por conta da forte influência que os variados setores têm sobre sua cultura e modos de pensar. A cultura negra sobre diversos aspectos, incluindo a empreendedora, acaba por não ser levada em conta neste ecossistema empreendedor o que acaba por possibilitar, em termos mercadológicos, que exista algo diferenciado e inovador sem a evidência de lideranças tecnológicas outras, logo não beneficiado ou permitindo uma maior mobilidade deste setor junto a empresas e investimentos em nível mundial.

O empreendedorismo sobre o viés racial, tem acontecido de maneira dispersa e sem grande credibilidade e interlocução com eixos do que se considera domínios do ecossistema empreendedor denominado: mercados, políticas públicas, capital financeiro, cultura, instituições de suporte e recursos humanos. É preciso pensar este empreendedorismo, dentro do que se considera economia da experiência (PINE, B. JOSEPH, e GILMORE, JAMES H, 1999), uma vez que o

empreendedorismo negro proporciona momentos únicos e emoções memoráveis não somente através de produtos e serviços isolados, como também via combinação de outros elementos.

Valorizar a experiência destes empreendedores sob o aspecto da economia, é dialogar com outros atrativos e capacidade de suporte diante de diferentes dificuldades de visibilidade em suas iniciativas. Neste sentido, o empreendedorismo negro e sua intelectualidade têm um forte relacionamento com a capacidade de afeiçoar-se às oportunidades negras. Seja somando valores, resolvendo conflitos sócio étnicos ou contribuindo, de certo modo, para uma sociedade negra inovadora no aspecto empresarial e de educação corporativa. A estruturação e formação do ecossistema empreendedor negro, é fundamental para o espaço digital, pois sua ação possui práticas e tendências mundiais que fortalecida e adaptadas à realidade brasileira e de outros setores, evidencia como esses têm buscado soluções agregando forças aos principais pontos críticos destes empreendimentos.

Diante disso, as performances culturais e socioeconômicas da intelectualidade empreendedora negra apresentam-se como espaço de difusão da diversidade de interesses, na forma de resistência catalisadora contra hegemônica e suas múltiplas acepções sem perder a consistência técnica e sua lógica de desenvolvimento. Percebe-se que o conceito teórico de empreendedorismo é cada vez mais relacionado à capacidade de habituar-se às oportunidades, sejam elas socioeconômicas, culturais, ou simplesmente somatória de valores, resolver conflitos ou desvendar novas oportunidades de negócios. Ter a perspectiva da memória ancestral e sua percepção valorizada por parte do poder público e iniciativa privada, permite que esses possam contribuir de modo sustentável e ético para a sociedade local e global, de maneira inovadora, seja criando novas oportunidades de empreendimentos e produtos ou reinventando mudanças em setores específicos, muitas vezes, remodelando-os por inteiro.

Nessas novas abordagens do empreendedorismo e seus processos formativos junto aos ecossistemas e plataformas virtuais, a intelectualidade negra, de certo modo, não é visível na produção teórica acadêmica das últimas décadas, pois ainda não existem dados sistematizados o suficiente sobre o mercado empreendedor negro ou um balanço plausível sobre essa intelectualidade e seu protagonismo nas plataformas virtuais de negócios. No que tange sua produção de conhecimento digital ou voltada para o ensino superior brasileiro, ainda faltam

insumos que permitam entender como melhor utilizar as informações que contribuem com o empreendedorismo negro seja no Brasil ou diáspora.

Os desempenhos empresariais inovadores, ainda que positivos, permanecem privilegiando os aspectos qualitativos da construção deste conhecimento, dentro e fora dos processos formativos, ecossistemas e plataformas virtuais empresariais. Para Bernardi (2013), as abordagens ecossistêmicas virtuais do empreender são de extrema importância para grupos negros, por assumirem um caráter socioeconômico de diagnósticos e crivos formativos contínuos e sistemáticos não somente no sentido de empreender.

Nesse contexto, Sobral (2009) salienta que uma boa parcela da população brasileira negra se vê esmagada por esse conceito, vivendo sob o estigma de não ser reconhecida socialmente, seja pela renda, cultura, raça, costumes, região, ou por outros fatores que a nova globalização julga insuficientes para fazerem parte de seu crivo de aprovação, logo esses são enviados pela própria sociedade para um lugar onde a própria classe deixa de ser aceita e de se aceitar, tanto como intelectuais quanto como empreendedores.

É preciso se atentar à necessidade de estruturação do conhecimento negro na área econômica e de desenvolvimento, de forma a questionar o não uso destas reflexões e análises nos planejamentos e possíveis mudanças econômicas, uma vez que diferentes produções intelectuais e argumentos fazem parte do processo consultivo quando se pensa infraestrutura, concentração de capital, releitura das inovações locais e suas transformações.

É neste novo contexto pós-colonial do empreendedorismo que este trabalho está atento ao desenvolvimento e análise dos ecossistemas virtuais empresariais orientados aos empreendedores negros, visando, assim, a aquisição e valorização de outras competências e habilidades fundamentais à formação profissional dessas plataformas virtuais de forma a torna possível a criação de instrumentos que busquem estratégias de visibilidade destes conhecimentos e saberes, em especial, de reposicionamento e autonomia destes pequenos negócios e seus empreendedores que ainda atuam na informalidade sem que se leve em conta seu ethos e identidade negra. Sobre este olhar, Santos (2019) nos lembra que, no caso do empreendedorismo negro, essa abordagem, além de carregar os aspectos do empreendedorismo pontuados por Sobral, contém ainda em sua essência uma ideologia e proposta de engajamento que, além de alcançar o público de interesse,

reafirma sua raiz enquanto pertencimento. É isto que torna este empreendedorismo um importante canal de discussões e espaço onde esses assuntos podem ser trabalhados, sem deixar de refletir sobre inserção social, racismo, empoderamento e construção de outras narrativas.

Além disso, não se deve perder de vista que o conceito de empreendedorismo possui, também, um fortíssimo marcador altamente relacional, que impacta em várias formas de relações, tais como: socioeconômica, cultural e política.

Numa sociedade econômica regida por uma dinâmica capitalista, ser empreendedor implica em equilibrar suas facetas, abrangendo tanto a dimensão individual quanto a relacional, impactando a economia em alguma medida e de forma insubmissa as relações de dominações impostas pelo mercado e pelo trabalho (SANTOS, 2019). É imprescindível, portanto, ressaltar que qualquer abordagem teórica sobre o empreendedor negro/negra precisa perpassar pela análise do que é empreendedorismo, suas intelectualidades e saberes.

Neste sentido, saliente-se ainda que o ato de empreender (tanto produto ou serviço prestado) possui um compromisso meramente ético com as ideias antirracistas “emancipatórias”. Ao abordar qualquer temática relacionada à questão do empreendedorismo e sua ramificação racial no Brasil, é indispensável ter em mente que 55% da população brasileira é formada por negros (IBGE, 2020), cujos antepassados foram retirados à força do continente africano, para serem escravizados neste país e depois abandonados à própria sorte sem nenhum suporte institucional. Diante do apresentado, dialogar com reflexões que reforçam o quanto é preciso olhar de forma estratégica para um empreendedorismo que tem estimulado a inclusão e a ascensão social e se destacado junto a um segmento, demonstra que mesmo invisibilizado e considerado sem escalabilidade, esses têm buscado problematizar seu papel e importância, ao mostrar o quanto são centrais diante de dados estatísticos e da vulnerabilidade que os confirma e sinaliza enquanto maioria perante discursos que os evidenciam como irrelevantes. Olhar o empreendedorismo negro dentro do contexto de micro e pequenas empresas, permite que este ecossistema o veja enquanto uma alternativa “democrática” para que grupos discriminados ultrapassem as barreiras empresariais.

Desse modo, longe de nós fazer uma análise multiculturalista pretensamente neutra, que oblitere a lógica dos conflitos culturais empreendedores, políticos e econômicos, em prol do reconhecimento das diferenças socioculturais e, portanto, da tolerância e intolerância empreendedora (SANTOS, 2019).

Entender que existem outras características importantes, no ecossistema empreendedor e de conhecimento específico, para motivar e engajar pessoas, contribui para que este ecossistema deixe de ignorar quase 90% de indivíduos que empreendem por escassez de emprego ou para “fazer a diferença no mundo” (GEM, 2019). Trata-se de construir estratégias e disseminar outras que sirvam para instrumentalizar a população negra a ocupar outros lugares na pirâmide socioeconômica, compromisso que “deve” ser abraçado por todos os afrodescendentes, pois ocupar a zona que marca o contato do empreendedorismo negro impõe considerar que certos aspectos, dentro de cada cultura ou comunidade, podem e precisam ser considerados enquanto centrais nesta nova conjuntura empreendedora negra.

Neste sentido, falar de um empreendedorismo que acaba por assumir um papel fundamental no mercado competitivo, alterando não só as mudanças dinâmicas de processos e produtos, como também articular práticas de conhecimento força esses empreendedores a conhecer as reais necessidades de sua área de atuação, enquanto ação essencial ao seu sucesso ou fracassos não somente revisitando conceitos estabelecidos até aqui.

Falar e pontuar o empreendedorismo negro e seus formatos de acesso a conhecimento e conteúdos, significa visitar outras literaturas e saberes existentes – se colocando em contato com combinações eficientes de treinamento e aperfeiçoamento contínuo do que se configuraria chamar introdução de um novo bem; abertura de um novo mercado e estabelecimento de um novo modo de organização empreendedora em qualquer setor.

3.1 Empreendedorismo segregador

Entendemos, que pontuar o empreendedorismo enquanto um ato segregador, passa pelo entendimento de que os empreendedores negros vivenciam a dissociação induzida na área empreendedora cujo resultado é o aumento da desigualdade econômica, de oportunidades e acesso a conhecimentos. Se tivermos

como base de análise a compreensão de que o empreendedor negro é aquela pessoa que transgredir a ordem de segregação social e dinâmica vigente, estamos falando de um conjunto de legislação imposta e que pouco ousa criar e se dispor a emancipar esses de maneira dirigida via adoção de modelos alternativos de desenvolvimento no intuito de resolver um problema que é histórico.

Neste contexto, a concepção do empreendedorismo com viés racial é entendida como tradicional, neste estudo, pois diz respeito à atualização e reinscrição histórica a partir do que o inscreve na tridimensionalidade escravagista do tempo, memória e forma como tem se reconstruído economicamente na diáspora brasileira.

Nesse âmbito, para o setor empreendedor negro, não basta somente gostar do que faz. É preciso, além de estudar o mercado e saber administrá-lo como negócio, desenvolver formas de combater e argumentar sobre o racismo presente nas relações institucionais e de comunicação, pois, além de não se conhecer o ambiente em que este empreende o ecossistema empreendedor brasileiro não atua com suas referências e ações enquanto protagonismo.

Olhando as narrativas presentes neste ecossistema, a partir do que se pauta, sua contribuição ao mesmo é quase onipresente diante de estudos e visões de construção econômica que trazem poucas interpretações capazes de materializar as desvantagens vivenciadas por esses em ações objetivas. Isso acaba fazendo com que no caso do empreendedorismo sobre o viés racial, determinados atores não prosperem nos moldes dos demais, uma vez que são colocados em contato direto com elementos que mostram pessoas não negras empreendendo em atividades lucrativas e especializadas, muitas vezes parecidas com as suas, enquanto as narrativas que pautam o empreendedorismo negro são vistas com pouca mobilidade e visibilidade nos espaços e setores de atuação. Ou seja, a contribuição empreendedora que enriquece o imaginário do setor, é feita a partir de discursos e citações que pontuam esses somente em áreas como culinária, agricultura, artes utilitárias e plásticas, religiosidades e setores que os tornam coadjuvantes.

Olhando sobre essa lente, estamos então diante de um processo formativo e tecnológico que muda a forma como esses se comunicam, relacionam e consomem, já que o empreendedorismo negro é um dos modelos de atuação neste ecossistema que deixa de ser conceituado e entendido como uma tática de caráter social, econômico, político e cultural que impele a população negra, um dos segmentos

segregados a desenvolver atividades criativas e inovadoras (SANTOS, 2019). O que nos coloca diante da necessidade de criar modelos de desenvolvimento para o empreendedorismo negro mais completa na atuação e sem dificuldade diante da necessidade de uma estrutura financeira e institucional mais robusta de forma a possibilitar uma maior flexibilidade e aprendizagem capaz de melhor engajar esses empreendedores.

Disponibilizar informações relevantes via redes de facilitadores, intelectuais e mentores negros permite a introdução de novas tecnologias de dados e conhecimentos sobre o empreendedorismo negro, de forma a fortalecer as justificativas de investimento através de ações personalizadas, seja via o noticiar temas importante sobre esses ou a partir de uma nova ótica e reconhecimento das fontes de informação e abordagens capazes de promover personagens intelectuais negras. Das 7,4 bilhões de pessoas no mundo, cerca de 1,1 bilhões têm acesso à internet de alta velocidade e mais de 5 bilhões têm acesso à telefonia todos os dias, isso demonstra como a tecnologia e os dados que essa é capaz de produzir, impactará nestes tipos de negócios futuramente.

A abordagem do empreendedorismo segregador, que se busca quando se debate esse empreendedorismo sobre a égide do não acesso para todos, passa pelo observar e analisar as recentes maneiras que revestem as velhas práticas de apropriação, recontextualização e legitimação de outras intelectualidades e atuação empreendedora capazes de potencializá-los via identificação de informações e dados.

Trata-se de analisar as novas abordagens pós-coloniais que são dadas tanto para integrar a sócio diversidade empreendedora, quanto proteger e manter os estilos étnicos dos referidos negócios, tendo em vista que essas abordagens não se tratam somente de sua segregação, mas do uso de medidas que contribuem para a aceleração do processo de inclusão e aumento da equidade racial e social não somente no país, como também em setores que historicamente os negros/as não adentravam. A afirmação dessa imensa riqueza empreendedora representada pela população negra, se faz necessária, na medida em que a própria sociedade ainda não a constatou de forma cotidiana em seus estudos e análises de desenvolvimento econômico e formativo (ALMEIDA, 2018). Sobre essa égide a tradição do empreendedorismo pode, assim, assumir o valor da imobilidade e do anacronismo empreendedor, que nesse caso é específico e consiste em atribuir a certos

personagens ideias e sentimentos que não mais fazem sentido nos tempos atuais. Sinalizar que essas narrativas não mais pertencem a determinados atores, passa a ser um erro cronológico que precisa ser corrigido via o alinhamento do que é entendido na dimensão de um passado imobilizado e conservador da história, desumana e de desigualdade social brasileira.

Sincronicamente, não se pode perder de vista que às vezes o empreendedorismo como conhecemos agarra-se a concepções retrógradas de uma história empreendedora única, inscrita a partir de ideologias hegemônicas vivenciadas diariamente nas relações fixas de poder seja formativo, de discurso ou imagens.

Adichie (2018), considera que a não reflexão sobre esta dinâmica e relações fixas acaba valorizando uma versão única, usada por diversos setores para espalhar dados distorcidos ou legitimar protagonismos que considera outras atuações empreendedoras de baixa relevância como é notado nos diferentes modelos de “capacitação e aceleração” disponibilizada para por exemplo, empreendedores negros. Este olhar demonstra como, por invisibilizar a dignidade e confiança de certos segmentos e pessoas sobre a importância dos processos que as trouxeram até onde estão, os modelos de empreendedorismo e formação acabam não só os apagando enquanto elemento parte das decisões institucionais.

Para (BAGGIO,2015), quando se pensa em empreendedorismo, este está ligado à capacidade de identificar oportunidades, solucionar problemas, agregar valores e contribuir para a sociedade de maneira inovadora, profissionalizada ou de âmbito empresarial. É nessa dinâmica teórica do empreendedorismo que é admissível determinar uma subdivisão conceitual em relação aos fatos que levam os indivíduos a empreender. De acordo com Maria Angélica dos Santos (2019), a voz enunciada do empreendedorismo, recortada da complexidade das relações econômicas, sociais e da intersubjetividade acolchoada na interação das abordagens discursivas dos sujeitos, reproduz, a visão ocidentalista e eurocêntrica, em uma hierarquização de intelectualidades e serviços que não deixa de dialogar com “as verdades históricas”.

Recorrer à tradição empreendedora negra nos conduz, neste ponto, à reprodução monológica de discursos opressores, que subalternizam as diferenças e reproduzem relações coloniais de poder, logo de não participação em determinados espaços. Essa reprodução apresenta-se, pois, enquanto elementos positivos do

empreendedorismo junto a comunidades imaginadas que, deslocadas da relação polifônica das margens, corroboram com os imaginários de dominação e diferença.

Ou seja, a partir da ruptura entre as temporalidades pedagógica que as vê como fator de intelectualidade socioeconômica, reconhecimento e estima, esse torna-se signo de resistência e resiliência enquanto que empreendedores que atuam contra a violência simbólica que os silencia e oprime, por séculos tem suas identidades culturais empreendedoras distante da possibilidade de aproveitar facilidades que surgiram nas últimas décadas, como a Internet.

A segregação aqui pautada, precisa ser rompida de forma a tornar possível aliar empreendedorismo e tecnologia no intuito de enriquecer o ecossistema empreendedor com novas abordagens, tornando esses empreendedores e intelectuais ignorados capazes de se diferenciar da concorrência ganhando destaque no mercado em que atuam. Dialogar com outros saberes enquanto elemento potencializador, precisa deixar de ser um ponto de desconexão entre esses dois ecossistemas, para se tornar a oportunidade de acrescentar novas perspectivas a um mercado de trabalho e economia, cuja raízes se mantêm retrógradas e discriminatórias quando se pensa em outras possibilidades de articulação entre o que se denomina economia e empreendedorismo negro.

Dessa maneira, transitar pelo caminho do dinheiro negro, compreendendo como o exclusivismo racial na área de produção e legitimação de conhecimento impôs uma barreira epistemológica que se encontra presente na maioria dos estudos econômicos, permite pensar o empreendedorismo em um sentido amplo, incluindo não somente empreendedores, como também variados matizes de construção, desenvolvimento econômico e empresarial via outras tendências (HARASIN, 2005).

Ao não ter acesso a conhecimentos que tornem possível construir outras versões do que é sucesso e verdade, em especial quando se trata de fazer uso de outros capitais sociais, deparamo-nos com empreendedores cujos negócios foram constituídos com suporte tecnológico que pouco permite a esses aplicar suas tecnologias da informação e comunicação em seus processos de gerenciamento. Isto acaba trazendo dificuldade de acesso ao mercado empresarial e construção de credibilidade junto aos principais financiadores ou validadores de projetos, ideias e disputa ideológica sobretudo para aqueles que foram excluídos durante a primeira onda de desenvolvimento e crescimento do país. Trata-se de alterar conhecimentos

e conceitos que sinalizam que determinados empreendedores, a exemplo dos negros, trabalham com menos empregados sem problematizar o que leva a isso, via a rediscussão de premissas utilizadas a partir de dados coletados junto a esses setores para pautar os processos de tomada de decisão da mesma forma que faturam menos e tem menores chances de se destacarem quando se trata de fazer uso de sua intelectualidade adquirida de maneira tradicional (escola) (SEBRAE,2018).

É preciso promover a transformação do ambiente digital com a perspectiva racial não só pensando em sua autonomia econômica, através de um olhar multidisciplinar via valorização de seus ativos e formas de desenvolvimento inovadores. Levantamento do Sebrae, com base nos dados da Pesquisa Nacional por Amostras de Domicílio (PNAD) 2017, mostra que 50% dos donos de negócio são negros, 49% brancos e 1% pertencem a outros grupos populacionais. Apesar de serem maioria, esses empreendedores apontam barreiras a seus negócios que vão para além do dinheiro (MACHEL, 2018). Abandonados à própria sorte, esse segmento populacional (negros) acabou por ter que conviver com um atraso educacional como aponta diferentes pesquisas, fruto da mentalidade e produção de informações que se agravam pela ausência de oportunidades e visibilidade teórica aprofundada sobre eles na formação econômica do país (MONTEIRO, 2013).

Entender o empreendedorismo e, mais ainda, o empreendedorismo negro como peça-chave para organizações que desejam ter sucesso em um mercado que não demonstra a menor complacência para os menos preparados, é romper com a tese de que o empreendedorismo como conhecemos é fruto de herança genética, logo, não merece ser visto sob outras ópticas (NUNES, 2019). Realizar uma radiografia profunda sobre o apagamento dos intelectuais e pensadores negros a partir do reconhecimento e valorização destas ópticas, oferece outras práticas e saberes que refletem identidades, lacunas estatísticas, informações relevantes e diferenciadas que auxiliam no medir a situação deste ecossistema e saberes.

Nesse sentido, é preciso pensar modelos de expansão capazes de demonstrar a viabilidade desses empreendedores e seus intelectuais, diante da difícil situação vivenciada por profissionais e pensadores, seja enquanto empreendedores ou via materialização de uma visão que se concentra na longa história de exclusão \ segregação. Criar espaços de materialização táctica capazes de redesenhar esses conhecimentos e saberes, faz com que o futuro e destino deste

ecossistema empreendedor deixe de passar despercebido por uma elite da área econômica, empresarial e acadêmica brasileira (CARDOSO, 2015). Identificar os tipos de conhecimentos e reflexões importantes para o empreendedorismo negro estabelece novas conexões e parcerias destes com outros mercados.

Levar essa afirmação em conta, nos coloca de frente com um modelo de segregação empreendedora e profissional cordial, uma vez que esse ecossistema não deixa de pontuar a existência dos empreendedores e profissionais negros. O fato destes serem citados enquanto auxiliados e não auxiliares nos coloca de frente com um modelo de formação e construção empreendedora conectada a continuidade dos que historicamente têm voz e credibilidade empresarial e social. Um exemplo desta continuidade é o levantamento realizado pelo Mader / USP (Centro de Pesquisa em Macroeconomia das Desigualdades, da Universidade de São Paulo).

De acordo com o estudo, o topo da pirâmide de renda no Brasil tem cor e gênero de forma que 705 mil homens brancos fazem parte do 1% mais rico do país, representando 0,56% da população adulta que têm 15,3% de toda a renda. Estamos falando de uma porcentagem de indivíduos que detêm não só uma série de privilégios, acessos e oportunidades, ou seja, poder dentre outros. A pesquisa, aponta ainda que 32,7 milhões de pessoas (ou seja, todas as mulheres negras adultas juntas) que soma um total de 26% da população detêm neste mesmo espaço apenas 14,3% da renda nacional. A decolonização na área de administração\ gestão, não pode acontecer em um vácuo político, ou seja, separado das narrativas e contribuições sobretudo africanas enquanto elemento capaz de criar soluções para essa realidade.

De acordo com Dolabela (1999), o desenvolvimento econômico de uma região tende a estar alinhado com o nível de educação empresarial a que se tem acesso. Se levarmos em conta que as raízes do empreendedorismo afro brasileiro se encontram na lenta erosão desde do sistema escravagista, ou seja, do 14 de maio que nunca chega ao fim, interromper uma estruturação administrativa, de conhecimento e economia formada pelo apagamento da cultura negra, (NOGUEIRA, 2013) é então construir outros modelos de inclusão e desenvolvimento via o engajamento destes saberes buscando expandir mentalidades e consciências. Quebrar com o que está estabelecido de entendimento e normas nestes espaços quando se racializa é produzir informação de forma inovadora sobre um segmento

ainda sem atenção, cujos produtos e serviços não foram capazes de ser captados pelo mercado. Estudar os marcadores sociais de diferença, quando se pensa no empreendedor negro, é compreender como neste ecossistema uma mesma pessoa pode sofrer duas, três ou mais vezes com a desigualdade e o preconceito, devido ao fato destes marcadores serem atravessados por uma série de aspectos que, além de negar sua existência, produziram no imaginário corporativo a ideia de que suas perspectivas não fazem sentido ou são viáveis. Para Bavon (2019), esses fatores compõem um sistema de classificação que acaba por criar posições, experiências e relações sociais distintas e com características classificatórias sobre aspectos que fazem com que, em 2020, empreendedores negros cobrem produtos direcionados a sua realidade e demanda.

O empreendedor negro é, então, um indivíduo que ocupa um lugar particular dentro do debate do empreendedorismo, pois sua situação enquanto empresário ou empreendedor se concentra na longa história de exclusão e segregação que faz com que seu futuro e destino seja despercebido por indivíduos considerado elite da área econômica e acadêmica brasileira (SANTOS, 2019). Há então, uma desvalorização não somente do trabalhador negro, como também de sua capacidade intelectual, que, ao não ser levada em conta, constrói crenças em diversas áreas, não sendo diferente na área de produção de conhecimento empresarial e empreendedora.

Trata-se, então, de uma atuação que carrega uma complexidade histórica e geográfica ainda que construa outras narrativas e reafirme suas demandas por melhorias junto aos procedimentos formativos presenciais e *online*, balizada em uma ignorância estratégica⁵. Segundo McGoey (2020), essa ignorância consiste na habilidade de não explorar o desconhecimento, distorcendo resultados e versões para assim ganhar ou manter o poder que possui ou almeja. Conforme Nogueira (2013), não se pode, em momento algum de construção de um ambiente empreendedor inclusivo, esquecer que, para os empreendedores negros, não houve estratégias ou mentores que auxiliassem na transição ocupacional ou de “carreira” a partir de suas habilidades, como acontece com um número significativo de empreendedores não negros. Enquanto primeiros empreendedores deste país, o processo de construção de suas técnicas de sobrevivência ocorreu dentro de um

⁵ McGoey define a 'ignorância estratégica' como a 'habilidade de explorar o desconhecimento para ganhar mais poder'

processo perverso e cruel cujas consequências ainda são sentidas na atualidade e nas múltiplas identidades que se reinventam e inovam, diante de soluções que precisam ser melhores posicionadas.

O estado brasileiro ao não discutir seu processo de transição econômica e responsabilidade com as pessoas escravizadas, não só os abandonou à própria sorte, como criou mecanismos de opressão e dificuldades à sua ascensão econômica, que acabaram por fazer esses indivíduos conviver com um atraso educacional, que se agrava pela ausência de oportunidades e visibilidade teórica aprofundada sobre esta mão de obra na formação do país (BARRETO, 2014). Para esses empreendedores, o estado brasileiro desenvolveu um instrumento de gestão que impacta na visibilidade e credibilidade de seus conhecimentos e olhar de forma pragmática, logo pouco estabelecendo ações prioritárias voltadas para esses. Em todos esses anos de protagonismo empreendedor, poucas foram as narrativas e pensamentos de desenvolvimento cujas estratégias tenham sido capazes de gerar benefícios sociais, econômicos de forma transversal capazes de causar impacto em seu futuro

Por conta disto, não é possível dialogar sobre empreendedorismo sem fazer uma chamada à razão histórica, ou seja, sem compreender qual o imaginário simbólico negro sobre dinheiro e capacidade de empreender, seja no âmbito do mercado de trabalho, ou de reconhecimento de sua humanidade e protagonismo (SANTOS, 2006). Entender como se dão as aprendizagens individuais e seu papel de integração junto à ação organizacional dos empreendedores negros é desenvolver uma visão mais ampla sobre esse ecossistema, de forma a melhor orientar as reflexões e análises produzidas sobre as condições de desigualdades e seus efeitos nas distintas dimensões da vida no contexto global.

Neste sentido, segundo (CARDOSO, 2015), não podemos esquecer que a escravidão africana na sociedade brasileira se relacionou diretamente com a realidade social, econômica e política existente naquele período, pouco se dissolvendo nos tempos atuais do que pode ser entendido como sustentáculo da economia (sobre novas nuances e modelos de atuação) junto com a agricultura de exportação.

É central que os empreendedores negros tenham acesso a um ecossistema propício ao desenvolvimento dos seus empreendimentos, levando em conta o que estes consideram como valor patrimonial e humano uma vez que, ainda que se

enquadrem em todos os conceitos voltados para atuação empreendedora, esses não alteraram a estagnação social construída diante da formulação, seja do pensamento econômico ou de desenvolvimento do país, que entre outros elementos, acaba por virar um fato que não se nota. Promover o desenvolvimento econômico e o capital social dos intelectuais e empreendedores negros dentro desta realidade é então procurar maneiras de informar, influenciar e apoiar programas e serviços.

3.2. Conhecimento empreendedor e empresarial negro

Para algumas comunidades, o efeito do conhecimento empresarial negro é uma realidade que vem deixando de ser vista enquanto elemento socio diverso, de cunho do saber tradicional, em especial nos processos de produção como conhecemos, ou seja, no modelo terra, capital e trabalho. A valorização do conhecimento tangível e intangível empreendedor com viés racial tem gerado outros valores para organizações, independentemente do tamanho ou formato e isto tem feito com que um novo modelo de gestão empresarial se torne uma realidade necessária. De acordo com a Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), um dos braços da ONU, mais de 55% da riqueza mundial nos dias atuais tem sua origem na produção do conhecimento, seja ele acadêmico, técnico ou tradicional.

Trata-se então de produtos intangíveis, como *softwares*, patentes, serviços de consultoria e bens culturais a exemplo de filmes, músicas e entretenimento sem deixar de fora a dificuldade de alguns setores e segmentos em dar crédito e reconhecer o trabalho, resultados e ideias de propriedade intelectual de profissionais e especialistas negros (OCDE, 2018). Estamos falando de elementos considerados de importância maior dentro do que é chamado nova economia, em virtude do uso destes conhecimentos (saber, saber-fazer) terem outros elementos enquanto saber universal disponível para gerar valores tangíveis e intangíveis (PACHECO, 2011).

No caso do conhecimento negro, esses valores e saber transitam pela insuficiência de uso da teorização a respeito da economia e desenvolvimento com o olhar racial. Isto faz com que, na sociedade como um todo, a ideia de que os investimentos em Capital Intelectual (CI) sejam importantes e ganhem força diante de conexões que podem ser estabelecidas entre diferentes modelos de saber e temas tratados como menores, ainda que tenham se destacado em áreas diversas.

Entender como essas transitam enquanto principal fator da produção e tecnologia, resulta na construção de um conhecimento e conteúdo que oferece explicações diferentes a respeito de um racismo que não deixa de se manifestar via apagamento destes saberes. Investir em Capital Intelectual permite que seus protagonistas cunhem conceitos e desenvolvam ideias capazes de mudar o mundo, passando a ser consideradas como fundamental para garantir que tanto as empresas como os indivíduos saibam como melhor executar suas estratégias operacionais com visibilidade e inclusão.

De acordo com Rodriguez y Rodriguez (2007), o fato do conhecimento se tornar o principal elemento de produção do século XXI demonstra como, ainda que exista um grande volume de informações advindas de diversos meios, os saberes com perspectiva racial não têm sua realidade alterada mesmo com a demanda existente e informações disponíveis. Isto acaba visibilizando pessoas que sequer dão conta de que uma das formas de apagamento experimentadas pela intelectualidade negra, é exatamente a falta de reconhecimento e notoriedade sobre o que produz. Júnior (2012), salienta que a ausência de estudos sistemáticos e aprofundados sobre como a intelectualidade empresarial brasileira concebe as narrativas e retórica difundida, acaba fornecendo uma metáfora que não aponta o que caracteriza mudanças econômicas quando se pensa em conhecimento e saber negro enquanto parte do que o ecossistema empresarial e empreendedor brasileiro entende como intelectualidade e autoridade formativa.

Continuar tendo como ponto de alteração de realidades formativas, conhecimento e ideias que não constróem outros modelos de influência sobre o que se denomina economia do conhecimento, possibilita a não construção de diferentes experiências e oportunidades, a partir de temas e pessoas vivenciadoras das diferentes etapas destes processos empreendedores. Ter como predominância do que é considerado respeitados pensadores e cientistas, um único perfil de indivíduos, tem feito com que a diversidade necessária para o setor não aconteça. O levantamento realizado pela consultoria Tree Diversidade em parceria com o Grupo TopRH, em 2021, dá um importante panorama sobre essa realidade e importância de saber, pois seus estudos demonstraram que as mulheres brancas estão em 51,1% dos cargos de liderança em equipes e setores de diversidade nas empresas e ecossistema empreendedor no Brasil.

Isso sinaliza que a não valorização de outros formatos de conhecimento não permite que determinados atores adentrem certos espaços, ainda que se busque incluí-los. Não revigorar a elaboração de resultados e acesso intelectual e técnico, ou seja, de produção e interpretações mais aprofundadas sobre números voltados para o processo de inclusão e saberes valorizados sobre outras extensões, tem sustentado argumentos junto a trilogia do conhecimento, empreendedorismo e racismo. Essa trilogia, tem fortalecido a continuidade do não uso da tecnologia intelectual e técnica negra", enquanto orientadora de formas nos processos de pesquisa, seleção trabalhistas e políticas que buscam alterar as realidades acima (TARAPANOFF, 2004). É preciso usar a tecnologia intelectual destes pensadores, levando em conta diferentes marcadores, nas análises que celebram o empreendedorismo e a inclusão sem dialogar com o modelo de construção destes conhecimentos e autoridades nestes diferentes setores de atuação. Sendo assim, ao analisar socialmente uma pessoa ou situação a partir do conhecimento que contribui para sua formação, deve-se considerar todos esses fatores e como eles se articulam.

Afinal a construção de um pensador, técnico ou intelectual negro, não acontece tendo como base os mesmos processos formativos, seja esses profissionais, empreendedores ou intelectuais. Nesse contexto, ter conhecimento sobre os marcadores e sua significância, é primordial para qualquer área da intelectualidade e produção de saber que perceba a capacidade e habilidade destes indivíduos e organizações para realizar tarefas específicas ou coletivas (KILOMBA, 2019).

Esta perspectiva precisa ser levada em conta, em virtude de ao longo do tempo, esses saberes terem afetado a produção de conhecimentos impactando não somente nos processos formativos e de percepção social como também no mercado de trabalho como demonstra a pesquisa da Tree Diversity. Não se promove diversidade somente a partir das gerações ou tipos físicos, para pautar diversidade e inclusão de fato, é preciso abrir mão de qualificações padrões no intuito de superar o custo da desigualdade valorizando ativos de forma inclusiva, ou seja, rompendo com processos inclusivos que excluem.

Trata-se de olhar como ao longo do tempo esses conhecimentos e levantamentos sociais e econômicos têm privilegiado ou prejudicado grupos que emergem no pós-escravização, diante de relações entre formações e vínculos

sociais sobretudo na perspectiva da valorização e credibilidade dos conhecimentos (JÚNIOR, 2012). Produzir saber sobre as principais fontes de informações econômicas com recorte racial, coloca essas perspectivas em condições de combater uma ignorância proposital, fortalecida por uma imputação subjetiva que acaba por resultar em uma cegueira deliberada (LEAL, 2016).

Para o autor, toda ação humana é dirigida a uma finalidade, ou seja, comportamento humano, ainda que voluntário e psiquicamente dirigido a um objetivo. Olhando sob essa óptica, buscar explicar e entender como os diversos conhecimentos do ecossistema empreendedor, agem diante de uma realidade que insiste em não enxergar as diferenças, em especial no ambiente virtual permite identificar e analisar os conhecimentos disponíveis e desejáveis para o desenvolvimento deste ecossistema. Pautar o conhecimento empresarial negro a partir do empreender, permite rastrear maneiras pelas quais determinados intelectuais questionaram ou questionam a identidade e protagonismo intelectual negro diante dos ecossistemas empreendedores. Ao identificar quais conhecimentos são importantes para esse ecossistema e quais tem sido usados para fazer seus negócios funcionarem, a gestão destes conhecimentos passa a não só englobar como promover a transformação do que se encontra de conhecimentos disponíveis em processos e infoprodutos, capazes de não deixar esse ecossistema dependente da competência de alguns atores que não os inclui ou valoriza.

Entender que a gestão do conhecimento negro ainda é um saber com o qual as competências existentes pouco dialogam, torna ainda mais desafiador desenvolver mecanismos interconectados com conceitos como: Educação corporativa, Plataformas Digitais, Intelectualidade negra e Racismo epistemológico enquanto ferramenta motivadora do seu funcionar melhor. O não lugar dos negros, seja nas academias, ambientes de formação empresarial, econômica e universidades (KILOMBA, 2019), é um dos braços do racismo que pouco tem discutido a capacidade formativa enquanto questão central de aprendizagem, desenvolvimento econômico e social na área empreendedora uma vez que além da transformação digital, existe uma outra transformação, que busca promover um conceito cada vez mais importante para qualquer setor: a inclusão e a diversidade técnica e intelectual

Esta não intervenção tem sido responsável por ao longo do tempo, produzir um apagamento dessa presença negra, que, por sua vez, empreende e transita por

um ecossistema com impactante indiferença e problematização desta “ausência” e elementos. Sobre esta perspectiva, os limites do desconhecimento, seja do ecossistema empreendedor negro, das leis de mercado e sua relação com as circunstâncias fáticas que levam a esta situação, devem ser definidos por análises que permitam construir outras metodologias formativas e corporativas capazes de evitar que certos agentes se valham da alegação de desconhecimento para eximir-se de sua responsabilidade.

Precisamos levar em conta que quando buscamos conteúdos sobre o ecossistema empreendedor negro, essas informações não deixam de existir. A grande questão, é que esses saberes se encontram dispersos ou presentes em dados que pouco levam em conta a realidade racial, quando se trata de fazer uma análise aprofundada sobre o conhecimento produzido e levantado. Não problematizar a naturalização dos tradicionais papéis raciais ocupados por grupos de cor e raça nestes estudos, configurando um modelo de conhecimento e relações consolidadas e desiguais. Isso além de não os incluir, se mantêm sem evidenciar ou evidenciando esses conhecimentos e indivíduos de forma tímida (FREITAS, 2012). Elevar o capital humano a partir do repertório e vivências práticas do conviver racial, permite disponibilizar uma série de pontos de vista capazes de construir soluções inovadoras via perspectivas e experiências distintas formando assim um repertório amplo, plural e rico, preparado para responder a questões, das mais simples e às mais complexas.

Trata-se, portanto, de um fluxo que, por não ser constante, acaba fazendo com que, seus integrantes sejam um ponto de não alinhamento entre conhecimento histórico, autonomia e sustentabilidade seja em atividades lúdicas ou ganhos financeiros. Agregamos aos processos seletivos, formativos e de produção de conhecimento o respeito e a valorização dessas características individuais e únicas, bem como suas histórias e experiências ao longo do tempo rompem com padrões tradicionais que reforçam o preconceito e a marginalização dos sujeitos.

Desta forma gestar e estruturar o capital intelectual negro, passa no primeiro momento por entender que por mais que consigamos armazenar informação, o conhecimento em si está nas pessoas. Logo, é preciso identificar e descobrir a melhor forma de utilizar esse conhecimento empreendedor sobre o viés racial.

Ao identificar quais são os conhecimentos que os empreendedores negros precisam e os intelectuais e ecossistema negro possuem, é possível apontar

exatamente quais conhecimentos são precisos para desenvolver esse ecossistema ou que necessita ser produzido, a exemplo de dados onde as interpretações ignoram a perspectiva racial em suas análises. Isso permitirá ao ecossistema e empreendedores negros deixar de ser refém de estruturas e organizações que pouco transformam seus estudos em estratégias e ações voltadas para o setor. Gestar esse capital intelectual ignorado, faz com que a tecnologia a ser apresentada neste estudo contribuía, para que o ecossistema e os empreendimentos negros saibam exatamente o que precisa para eventualmente usar, uma vez que, parte destes conhecimentos já são conhecido por muitos, mas ainda não utilizados em sua plenitude.

Desta maneira, entender este apagamento enquanto um derivado de vários fatores, não só permite entrar em contato com alguns processos de trabalho e conhecimento produzido que poderão ser melhor elaborados, como evidencia conhecimentos que, antes, eram desconhecidos. Isso nos coloca diante de lacunas que através de políticas cujo financiamento pouco contribuem para que se possa construir capital humano, se torne indutores de novas dimensões frente a argumentos de estímulo à prosperidade econômica através dos modos de produção e concepção de conhecimento. Para isso, é necessário abandonar a ideia de que apenas um determinado perfil atende a certas demanda e modelos formativos para, ampliar os horizontes via criação de ambientes acolhedores, com menos julgamentos e resistência a diferentes pontos de vista.

Ao identificar quais competências são fundamentais para o desenvolvimento deste ecossistema e seus pensadores, o ecossistema empreendedor negro poderá saber quais serão, por exemplo, os treinamentos necessários para seus empreendedores e intelectuais de maneira a possibilitar o melhor fluxo sobre o que desenvolvem. Reconhecer o "elemento pessoal" nos conhecimentos científicos não deixando de fora a originalidade que estes possuem, possibilita não só a mudança na qualidade do conhecimento existente sobre esses na atualidade, como também traz novos olhares a essas nuances. Fazer uso da diversidade e inclusão como estratégia que potencializa esse ecossistema e seus indivíduos, reforça a compreensão de não basta ter somente um ambiente com pessoas que pensam de modo diferente, é preciso acima de tudo que esse conhecimento tenha vivência, pertencimento, experiência prática e lugar de fala (RIBEIRO, 2017).

3.3. Ecossistema e empreendimentos negros

Quando se pensa em ecossistemas e empreendimentos negros, alguns estudiosos da área se referem a ele como um ambiente amigável ao surgimento de novas empresas. Formado pelos mais diversos agentes do empreendedorismo, esse espaço se organiza e desloca sob a influência de mecanismos regulatórios ou características de mercado que atuam na elaboração de negócios enquanto importante ferramenta de desenvolvimento socioeconômico.

De acordo com Limmer (2010), quando se fala em empreendimentos, estes se caracterizam como um projeto que associado a realizações físicas, une desde ideias iniciais até a concretização com base na regionalidade ou características destes ecossistemas. Ao ser formado pelos mais diversos agentes do empreendedorismo sobre a influência dos mecanismos regulatórios ou características de mercado, esse ecossistema acaba buscando a elaboração de negócios balizados na concepção de que esses empreendimentos possuem um objetivo a ser executado, portanto, precisa seguir uma série de atividades ordenadas e com condições de ter uma base das despesas, prazos e qualidade sem riscos. Explorar a criatividade para iniciar um empreendimento a partir das oportunidades no mercado, faz com que alguns setores se diferenciem dos demais em virtude de serem visto como detentores do conceito de realização, inovação e dinamismo, uma vez que, buscam a inovação por meio de novas tecnologias disponíveis pois entendem sobre seu segmento e quando se pensa em empreendimentos negros, esse conhecimento deixa de ser visto sobre a mesma óptica, sobrando para esses as constantes parcerias voltadas para sua capacitação.

Degen (2009) considera que, para o mercado empreendedor tradicional, quando falamos de empreendimentos, pauta-se o tomar a resolução de fazer alguma coisa (empreender), suportando os vários tipos de atividades que são possíveis realizar junto aos mesmos dentro de uma óptica que inclui excluídos. Para estes é preciso entender o empreender como o ato de resolver problemas por meio da inovação, sem deixar de fora a interconexão que precisa estar baseada em confiança, equilíbrio e dinamismo.

No tocante aos empreendimentos negros, resolver problemas por meio da inovação gera não somente interconexão, como causa um impacto positivo na

sociedade, ao mesmo tempo que movimentava uma economia pouco vista pelo setor empreendedor tradicional (INSTITUTO ETHOS, 2016). Entender o papel dos influenciadores do ecossistema empreendedor, passa por compreender qual a ação de cada um destes agentes de forma recorrente e relevante. Neste sentido, não se pode perder de vista que:

- ✓ O empreendedor: tem teoricamente um maior poder de influência junto ao ecossistema, pois é ele que viabiliza negócios capazes de gerar desenvolvimento econômico, tecnológico ou social;
- ✓ Os investidores são então agentes que permitem o acesso ao capital de forma que possibilita o crescimento do negócio;
- ✓ As aceleradoras têm como papel serem instituições cujo investimento nem sempre é financeiro. Essas oferecem mentoria para ajudar no direcionamento do negócio sendo na maioria das vezes, o que faz esse se encontrar no mercado e saber como buscar investidores;
- ✓ Incubadoras estão normalmente vinculadas a universidades, sendo o agente que acolhe as empresas e oferecem espaço físico e capacitação;
- ✓ Para as universidades fica o papel de capacitação dos empreendedores, ajudando também no potencial tecnológico da região;
- ✓ O governo tem como papel impulsionar esse ecossistema por meio de programas, políticas específicas ou apoio (financeiro, comunicação e visibilidade);
- ✓ As organizações setoriais, um dos pontos deste estudo, buscam ajudar na criação e viabilização de programas de integração destes empreendimentos com outros ambientes econômicos;

Para a comunidade, fica a tarefa de participar das ações e da cultura empreendedora destes, buscando se beneficiar em vários níveis ou como opção de carreira diante das vagas e oportunidades que essas oferecem. Para Santos (2003) produzir narrativas que sejam aceitas pelos segmentos acima, de forma que incluam empreendimentos negros, passa pela compreensão das experiências acumuladas por esses diante de dificuldades enfrentadas, que no caso do ecossistema negro é levado em conta a necessidade de realização de conversas com o intuito de entender como melhor atendê-los e a construção de um bom networking, que os

permita participar de eventos da área e fazer parcerias. É isto que alinhará os empreendedores do ecossistema tradicional aos empreendimentos sobre viés racial, destacando a importância que é criar novos mercados e pilares relacionados à complexa relação entre sociedade e modelos de empreendimentos negros.

Privilegiar discussões e perspectivas interdisciplinares, com poder de alavancagem destes múltiplos olhares, permite conhecer projetos de inovação e soluções capazes de recriar experiências via diferentes práticas inclusivas que pouco veem nestes com o potencial que têm. Trata-se então de procurar ocupar um lugar particular dentro do debate do empreendedorismo, de forma que a visibilidade dada deixe de ser insignificante frente à capacidade de escala destes enquanto tecido empresarial. Sabemos que o empreendedorismo tem a capacidade de transformar a vida de muita gente, a exemplo de seus fundadores e entorno do negócio.

Desta maneira, além das percepções práticas, é preciso que se promovam estudos econômicos capazes de comprovar a ligação entre a criação destes negócios e o aumento de postos de trabalho e a expansão do PIB em suas localidades e estados, entendendo esses empreendimentos como um braço do empreendedorismo social com capacidade de gerar impacto positivo na sociedade que ele dialoga.

A ausência de reflexões sobre conhecimento administrativo com viés racial referencia um ecossistema de qualificação e formação que ignora a ausência e perfil de negócios gestados por esses elementos diante das demandas e modelo de empreendedores e empreendimentos existentes (SANTOS, 2019). Assim sendo, empreender para empreendimentos negros não se apresenta somente como um caminho para liberdade, uma vez que, continua se desenvolvendo modelos e agentes de negócios que não dialogam com toda a diversidade de construção ou motivação empreendedora que esses carregam junto ao ecossistema em questão.

Este apagamento e invisibilidade, acaba dificultando o contato com parâmetros que os façam deixar de ser vistos como amadores, colocando-os diante de escassas parcerias e elementos que pouco os norteiam e posicionam enquanto atores empreendedores. Se todo empreendimento é fruto de iniciativas empreendedoras, conhecer os elementos que caracterizam o perfil de negócio que pode ser gerado é um ponto importante dentro do que se considera economia

imaterial, já que o capital financeiro não é mais de quem produz e sim de quem intermedia (DOWBOR, 2021).

Desta maneira, possibilitar a esses empreendedores e seus empreendimentos entender que quando se escolhe o caminho do empreendedorismo corporativo, esse se conecta com ações e soluções implementadas com a intenção de inovar a partir de um empreendimento existente, permite ao mesmo aperfeiçoar as estratégias e os resultados que o empreendimento que ele atua desenvolve.

Esse elemento é importante, pois dá às mesmas condições de focar no crescimento da empresa, estando ciente de que necessariamente ele não precisa ser o dono do negócio. Para empreendimentos e empreendedores que desejam atuar no segmento do empreendedorismo social, é preciso deixá-los cientes de que suas soluções ao gerar mudanças na realidade de pessoas e/ou comunidades trazem como valor, o bem-estar e qualidade de vida via produção de bens e serviços que beneficiem seu público de forma local e global, sem que necessariamente sua preocupação seja somente o lucro. Trata-se, portanto, de um espaço onde se encontra a maioria dos empreendimentos e empreendedores negros, pois este modelo de empreendedorismo se destaca pela combinação dos negócios com os problemas mais sensíveis da sociedade.

No empreendedorismo individual, se encontra um perfil de empreendedores e empreendimentos que querem crescer levando em conta sua visão empresarial. Por estarem cada vez mais qualificados, esses sujeitos têm como principal característica o fato de se antecipar nas suas áreas de atuação de maneira que, ao identificar e criar novas oportunidades de negócios, arriscam-se em contextos desafiadores, pois sabem calcular coerentemente os riscos envolvidos. Ao empreender de maneira independente, esse promove o crescimento econômico, melhorando a condição de vida das pessoas e gerando mais emprego. Guimarães (2002), considera que as diversas maneiras como estes empreendimentos são analisados entre outros fatores, terminam fazendo com que, mesmo com ideias e iniciativas diferenciadas sobre seu mercado, os empreendimentos negros não sejam recebidos com credibilidade pelos agentes atuantes que pouco buscam entender o perfil de como seus negócios foram pensados e construídos no intuito de melhor os orientar.

Esses olhares e entendimentos negativos aparecem enquanto demarcadores do que torna promissora e estratégica a produção de empreendimentos e negócios

nos espaços virtuais cuja análise e ação tem como elemento o viés racial enquanto otimizador de estratégias que permitam utilizar suas melhores reflexões e pensadores de forma eficaz. Construir parâmetros de fortalecimento e credibilidade sobre a reputação destes empreendimentos negros quebra o ciclo sobre o entendimento de que suas realizações e pensamentos são de domínio público, dentro de um ecossistema empreendedor que privilegia uma dimensão econômica, que implica em levar o conhecimento a setores produtivos de maneira desigual.

Ter acesso a outros parâmetros de formulação de sua reputação, dá aos empreendimentos negros a chance de apontar caminhos para as questões fundamentais da atualidade, em especial quando se trata de situações empreendedoras e econômicas. (MONTEIRO, 2001, p.45).

Essa afirmação nos remete ao que diversos intelectuais negros chamam atenção, pois, no caso dos empreendimentos e empreendedores negros, diferentes relatos, mostram como essa invisibilidade é um exemplo prático de como o ecossistema empreendedor trata e recebe negócios cujos donos têm como elemento de sua atuação o domínio não apenas dos meios de produção, mas em especial das relações humanas enquanto estimulador de seu desenvolvimento econômico com viés racial. Sob esta óptica, fica fácil entender as inúmeras naturezas empreendedoras negras, sobretudo, em ambientes seletivos e desconectados do principal insumo para esses empreendimentos, que é a informação sobre onde estão, para onde vão e de onde vieram. Não ter conhecimento técnico e científico, sobre esse ecossistema, é deixar de dialogar com dados responsáveis diretamente por alimentar não apenas gestores e empreendedores, mas, em especial seus usuários.

Um dos exemplos a ser trabalhado é a forma como o ecossistema empreendedor acolheu empresas como “Conta Black” ou Blackflix, empreendimentos digitais da área financeira e de Steaming que mesmo tendo seu modelo de negócio parecido com o Nubank e a Netflix, tem seus desfechos tratados de maneira diferenciada, uma vez que continuam buscando seu primeiro grande investidor e tendo suas operações custeadas por recursos pessoais de seus criadores e carteira de clientes ainda não tão celebrada por fatores diversos.

Enquanto que empreendimentos como Nubank e Netflix, já receberam investimentos de mais de 1,1 bilhão de dólares de fundos sendo considerados empreendimentos valiosos da América Latina, os dois citados, ainda é pouco

conhecido por suas próprias comunidades em virtude de financiamentos e aportes capazes de os fazer girar na dimensão e impacto que são capazes de proporcionar.

Analisar a forma como ambos se desenvolvem permite compreender a importância da forma como os domínios do ecossistema empreendedor tradicional, entende e dialoga com esses modelos de negócios. De acordo com (GOMES, 2001), cerca de 76% das pessoas que trabalham com empreendedorismo ou tema afim, afirmaram que um time diverso é um fator importante na hora de avaliar positivamente as empresas com as quais vão se relacionar.

Por isso, cobrar mais ações e resultados das organizações em relação à diversidade e inclusão é levá-las a entender como as barreiras de acesso ao conhecimento e aos negócios atuam para além do dinheiro, quando se pensa em empreendimentos e ecossistema sobre o viés racial.

Entender que quando se trata de empreendimentos negros, ainda que a diversidade e a inclusão sejam temas recorrentes nas empresas quando se olha suas atuações na prática, pouco impacto tem sido gerado, seja em seus quadros técnicos e profissionais, responsáveis na maioria das vezes pela validação ou invalidação de uma transação econômica, ou na forma como esses pensam a capacitação, valorização e acesso a investimentos. Atrair e contratar pessoas com diferentes perspectivas, seja para a área profissional, teórica ou de investimento, requer esforços coletivo alinhado com o entendimento de que promover igualdade é acima de tudo ir além do colocar ou citar pessoas. Como sinalizam diferentes estudiosos do tema, “Diversidade é ser convidado para a festa, inclusão é ser chamado para dançar”.

Essa ponderação de Vernã Myers, Vice-presidente de estratégia de inclusão da Netflix, em 2021, descreve de maneira singular o entendimento de que, quando se trata de ecossistema e empreendimentos negros, é preciso garantir que sua atuação com recorte racial seja um retrato da marca quando se pensa em empreendedorismo ou contratação profissional. Escarlata (2010) pontua que, para que esta ponte funcione da melhor maneira possível, a interconexão com este setor precisa ser baseada em confiança, equilíbrio e um dinamismo que envolvam agentes negros. Isto é importante, pois quando se trata do setor corporativo e de investimento em negócios, esse ecossistema e empreendimentos acabam sendo espaços de sustentação de um ideal de sociedade que na modernidade dissemina e intensifica imagens sobre o trabalho negro e suas nuances enquanto algo “menor”,

logo, que pode ser negligenciado na produção do capital e junto a celebração e problematização do que é considerado “crescimento” empreendedor.

Pensar o ecossistema e empreendimentos negros é pensar também o impacto que esses negócios fortalecidos podem trazer para o mercado de trabalho, uma vez que diferentes das empresas que se encontram, esses não veem a intelectualidade e mão de obra negra como menor. A partir das ponderações de Quimano (2005), reivindicar esse lugar epistemológico, tanto para os empreendedores como para seus empreendimentos, demonstra como o empreendedorismo tradicional e sua mentalidade precisa romper com uma produção de conhecimento hegemônico e racista. Utilizando o modelo de Daniel Isenberg, denominado Ecossistema Empreendedor de Babson, originalmente Babson Entrepreneurship Ecosystem Project – BEEP, conseguimos ter um olhar mais amplo sobre esse ecossistema e uma noção dos atores com os quais o ecossistema negro precisa ocupar e dialogar enquanto produtor de novas narrativas.

No modelo que o autor chama de Domínios do Ecossistema empreendedor, esse apresenta a necessária perspectiva sobre os atores atuantes neste ecossistema, nos oferecendo uma visão global sobre o espaço que precisa se conectar com o modelo de empreendedorismo e empreendimentos aqui debatido. Diante deste esboço, fica nítido que o grande desafio posto para o ecossistema empreendedor negro, consiste em entender como transformar esses empreendimentos que nascem por vocação e engajados em produtos capazes de atender às demandas e especificidades de um consumo ainda não bem delimitado.

Como visto, esses domínios estão divididos em seis eixos, cujas especificidades precisam ser levadas em conta, de maneira diferenciada, quando se pensa em empreendimentos negros. Ver o surgimento de novas ideias como linha de ação para um melhor engajamento do ecossistema negro torna mais nítida a compreensão sobre o que é possível oferecer de suporte, acesso a capital, tecnologia e novos mercados a partir não somente de catálogos rotativos de cursos e oficinas empresariais voltadas para esses empreendimentos.

O cenário desenhado por Isenberg demonstra as oportunidades de múltiplas ações na área de conhecimento e formação racial, tendo esses ambientes enquanto espaço de atuação. Não se trata de abrir espaços na perspectiva de privilégios, a exemplo do vivenciado por pessoas brancas da área, ou garantia de mercado, mas de estimular a realização de mudanças necessárias sobre os vieses inconscientes e

de adaptações estruturais, que ao longo do tempo, têm dito como esses precisam se comportar ou do que precisam abrir mão para ser considerados parte dos processos.

Quadro 1: Domínios do ecossistema empreendedor



Fonte: Isenberg (2011).

É analisando os fatores econômicos e de estruturação de um negócio, tendo a cor da pele como definição das disparidades, que entramos em contato com as problemáticas que fortalecem a existência de um modelo de economia pouco diversificada e inclusiva (SANTOS, 2006), no que se refere à produção e compartilhamento de informações ou acesso a produtos.

Sob esta óptica, construir bases de interlocução entre redes empreendedoras e de empreendimentos negros melhora estes cenários de maneira inclusiva, inovadora e integrada, contribuindo para que se possa produzir e gestar dados contextualizados de si mesmo de forma transparente. São estes dados e conteúdos fundamentados, que terão capacidade de oferecer as mais abrangentes e precisas informações sobre características dos empreendimentos negros, de forma que seja possível prover-lhes com informações capazes de auxiliar na tomada de decisão.

Estamos falando da capacidade de impactar gerações futuras dentro de um ambiente que, mesmo sendo competitivo e desigual para elas, tem criado novos modelos e formas de sobreviver em meio a um ecossistema que não considera novas e inovadoras as formas de abordar problemas e perspectivas da realidade, como estes fazem (VASCONCELOS, 2001). Sob esta perspectiva, quando se pensa em atuação conjunta com empreendimentos negros, ainda que este apoio não seja financeiro, as organizações e parceiros precisam vir conectados de acordo com as diretrizes que o empreendimento tem como centrais.

Isso acaba fazendo com que empreendimentos negros sejam pouco reconhecidos por atores-chaves nacional e internacionalmente, ou diante de um ecossistema que indica o que é seguro, de confiança e que cumpre propósitos considerados válidos em um modo de legitimidade que ao longo do tempo tem sido suporte de reforços identitários e referencial deste ecossistema empreendedor tradicionalista (CARDOZO, 2019). Ao não traçar narrativas empreendedoras, tendo como base os perfis ideológicos e psicológicos de certos empreendimentos e empreendedores, o ecossistema empreendedor tradicional continua não somente legitimando, como mantém as mesmas condições de pobreza e oportunidades para aqueles que até poucos anos eram coisas (HALL, 2002). Bavon (2019) sinaliza que tanto as empresas como o ecossistema empreendedor, de modo geral, se continuam mantendo os critérios, seja de contratação profissional ou de produção de conhecimento e formação, nos moldes atuais, esses continuam mantendo as desigualdades e invisibilizando conhecimentos, narrativas e perspectivas outras sobre o setor empreendedor como conhecemos.

Ao construir sua base de atuação e produção de narrativas, naturalizando a invisibilidade, o ecossistema empreendedor brasileiro acaba sendo projetado para tirar proveito da economia de escala sem alterar sua realidade e posto, ao valorizar somente organizações consideradas exponenciais (ISMAIL; VAN GEES; MALONE, 2015) e que utilizam enquanto base de sustentação e fundamentação a negação do conhecimento e pertença econômica e de desenvolvimento racial.

Promover o desenvolvimento socioeconômico para tornar o empreendedorismo negro, sintonizado com a vocação e potencial destes empreendimentos, acaba por estimular a microeconomia e o conhecimento sobre a relação econômica negra e suas ancestralidades nas diversas esferas, atraindo tanto investimentos privados como públicos. Para isso, é preciso que o

aprimoramento do modelo de ecossistema acessado por estes abra espaço para a construção de outros modelos formativos, conectados com atividades empreendedoras fundamentais para o crescimento e evolução sob outras nuances inclusivas a partir de fundamentos econômicos negros, em especial, conectados com os processos algorítmicos de maneira a facilitar o acesso à inovação tecnológica dentre outros.

4. PLATAFORMAS DIGITAIS

Compartilhar experiências, ações e informações, visando não somente solucionar problemas do mercado como também oferecer serviços específicos de natureza intelectual para microempreendedores e empresas com viés racial, permite construir uma nova política de gestão tanto empresarial quanto empreendedora ao valorizar outros modelos de competências e conhecimento dentro deste ecossistema (ALMEIDA, 2013). Incentivar a qualidade do conjunto informacional a qual esses têm acesso não só permite trabalhar o pertencimento econômico, como os transforma em um forte instrumento de viabilidade investidora e de assessoria empresarial, voltada para um conhecimento pouco entendido como aliado da erradicação da pobreza.

As plataformas digitais têm, então, surgido enquanto ferramentas que potencializam a conexão de pessoas, criando diferentes comunidades, seja em volta da marca ou reduzindo custos de marketing offline (BARRETO, 2014). Estas surgem pautadas em um capital intelectual e capacidade de produzir, via otimização do tempo e diferentes modelos de uso, que as tornam não só detentoras de um ensino inovador como capaz de fomentar a educação empreendedora sobre diferentes olhares e vivências. De acordo com o autor, isto é fundamental para construção e criação de novos mercados e experiências, que validem e apoiem personagens existentes e estreantes na dinamização da economia com base no conhecimento, de forma a agregar valor não só a esses como a suas áreas de atuação.

Apresentar outros modelos de intelectualidade como parceiros, minimizadores dos diferentes embates provocados junto ao mercado de serviços intelectuais na área de educação corporativa, torna-se então parte fundamental do que vem sendo entendido como realidade no cenário corporativo e empreendedor, em especial no mundo digital. As plataformas de educação por exemplo, cujo objeto principal é o conhecimento, tem como papel melhorar o aprendizado para todos seja via ferramentas de ensino ou dispositivos e linguagens acessíveis.

Isto ajuda a transformar tanto salas de aulas, como instituições acadêmicas e empresas de tecnologia educacional (BENCKE, FF; GILIOLI, RM; ROYER, A, 2018). A grande questão, é que sem que ocorra mudanças com relação a quem é considerado autoridade ou não dentro do cenário descrito, essas oferecem um aprendizado sob demanda que se baseia em um ou dois elementos, apenas deixando de fora colaborações intra setoriais que passam a ser consideradas como não relevantes para atividades existentes ou capaz de atrair novas iniciativas.

Estamos falando então de tecnologias que pouco contribuem para que outros segmentos a entendam como um espaço potencializador de pesquisa e desenvolvimento, frente a outros modelos de produção e visão de mundo, principalmente para pessoas ou grupos invisibilizados.

Diante desta perspectiva, as plataformas e tecnologias, frequentemente confundidas como estratégias formativas, são na realidade páginas digitais que pouco divulgam ações alinhadas com diferentes demandas de mercado ou interesse educacionais. Não tentar defender o velho modelo de negócios, mas procurar compreender as necessidades de seus diferentes clientes e usuários (BAVON, 2019), é um ponto que precisa ser modernizado dentro das instituições formativas principalmente no âmbito do ensino empreendedor em virtude das novas tecnologias digitais impulsionarem mudanças drásticas no comportamento dos indivíduos.

Esta afirmação é um ponto importante, pois a organização dos conteúdos existentes precisa dialogar com elementos que ultrapassam a questão de como esses são e deve ser encontrada facilmente. Ter responsividade e ser de fácil manuseio é a característica básica destas plataformas, uma vez que, a estrutura e arquitetura da informação presente é o que deixa ou não as pessoas focadas em seus conteúdos (GABRIEL, 2010). É isto que dá a essas plataformas o caráter de estruturação de dados e informações como conhecemos. Entender que quando pautamos plataformas digitais, estamos falando de um espaço virtual usado para apresentar conteúdos estruturados em seções bem definidas e detalhadas, permite a esses sabe como empoderar grupos marginalizados a partir de suas localizações zonais específicas, sendo essa expectativa o grande ativo de apoio a suas atividades.

Ter um método, para compreender seu papel diante dos desafios competitivos da digitalização e diversidade, torna-se um conjunto de diretrizes capazes de formular outros modelos de intervenção junto a essas plataformas e seus ecossistemas. Desta maneira, ao falarmos de organização para produtos e serviços,

que permitem modificar comportamentos e relacionamentos, pautam-se os diferentes modelos do aprender novas habilidades e informações, sendo as plataformas esses espaços e novas possibilidades formativas. Para Moran (2002), ver os modelos educacionais na aprendizagem on-line, a exemplo das plataformas digitais, nos coloca em contato com um espaço cuja troca de informações tem como base a habilidade de diferentes elementos formativos e de pertencimento, cujo intuito ajuda não só a compreender, como definir a estratégia de consolidação de uma ideia ou serviço.

Levando em conta que cada plataforma tem seu próprio modelo de negócio ou atuação, fazer um bom uso das informações, no intuito de melhor atuar com seus produtos e serviços, permite que a sociedade conectada aprenda de forma mais flexível como interagir com grupos de interesse (listas de discussão), programas de comunicação instantânea e pesquisa nos grandes portais.

De acordo com o CIEB (Centro de Inovação para a Educação Brasileira) e abstratos (Associação Brasileira de Startups), o mercado de plataformas e soluções educacionais no ambiente on line cresceu em 2020 e 2021, oferecendo não somente novas soluções para instituições de ensino como também a possibilidade de criação de ferramentas capazes de realizar aulas e cursos para diferentes públicos. Por conta da nova realidade vivenciada de ensino, diferentes instituições precisaram rever seus modelos de estudo, formação e inteligência não focados somente em empresas.

De revistas a escolas, cursos e eventos, todos precisam reconstruir suas formas de existência para a modalidade virtual nas mais diversas áreas. O Ambiente digital abriu espaço para uma variedade de plataformas fáceis de utilizar, mas que necessitam de preparo no que tange agregar valor para clientes, levando em conta suas especificidades. Para alguns desenvolvedores, existe muita confusão no mercado sobre o que é uma plataforma, em virtude da palavra ser usada em vários níveis e, em determinados momentos, ser apenas um termo para um conjunto de aplicativos ou empresas que atuam com estratégias voltadas a esses espaços digitais.

Ser um ambiente virtual fecundo de significação, onde seres humanos e objetos interagem, potencializa a construção de conhecimentos, logo, de todo processo sociotécnico de luta, poder, significação e espaço para construção de saberes e conhecimento dentro desta nova realidade formativa digital.

As tecnologias digitais passam então a ser aliadas do ecossistema empreendedor, podendo potencializar e estruturar novas sociabilidades e, conseqüentemente, novas aprendizagens ao entregar soluções capazes de transformar o ambiente educacional brasileiro (SILVA, 2003). O fato de as informações serem extremamente líquidas, ou seja, ter a capacidade de ser transferida não somente para fora, como acessada por seu público em qualquer espaço sem grandes logísticas, faz com que essas possam cada dia mais se tornar empreendimentos considerados com propósito transformador massivo.

Sobre essa óptica, as plataformas digitais se anunciam como parte das possibilidades que cumprem um papel estático e reprodutor de posturas e comportamentos empresariais, diante de um modelo de educação que se mantém centrado no professor, pouco aproveitando as bases e vivências de seus formandos. Isto acaba então trazendo para linha de discussão dos processos formativos digitais a necessidade de se está preparado não somente tecnicamente, mas acima de tudo com outras vivências e narrativas. É preciso construir a modificação destes ambientes levando em conta que, à medida que estas plataformas se desenvolvem e os significados são construídos coletiva e individualmente, suas ferramentas para educação e produtividade permitem que diferentes visões possam se conectar a este ambiente e suas informações. Ao ter contato com outros modelos de informações que os inspire a dialogar sobre tópicos específicos de determinada realidade, é possível vislumbrar o surgimento de plataformas voltadas para conteúdos empreendedores enquanto ferramentas capazes de realizar a correspondência entre usuários, facilitando não só a troca de bens, serviços ou moeda social. Transferir informações não é uma tarefa simplista e, como sinaliza, (SCHIAVONI, 2003) - é preciso entender as informações que se disponibiliza sobre diversos aspectos. Não possuir ferramentas analíticas certas, capazes de medir o sucesso de um conteúdo para determinados segmentos, acaba por não trazer um bom rendimento para o setor.

De acordo com Ismail (2017), quando se está falando em aprendizagem em rede, há fatores importantes dentro do ecossistema empresarial ou empreendedor que são fundamentais para que determinadas organizações, independentes do modelo, capacidade de alcance e níveis de escalabilidade, consigam se destacar em um ambiente onde as forças da digitalização e competição estão aumentando a cada dia. Nessa perspectiva, as plataformas voltadas para diversidade empresarial no ambiente virtual surgem como promessa de melhoria das oportunidades

educacionais diante de modelos que atendem às demandas de forma personalizada e acessível mesmo para empreendedores iniciantes.

Trata-se então de um conjunto de discussões que acabam contribuindo e orientando temas novos a partir de antigas visões, não permitido que outros interessados se debrucem, analisem, e divaguem sobre assuntos que transitam por essas. O mercado de conhecimento intelectual on ou off line, é então um espaço cujas ferramentas precisam romper com seu modelo estático atual, se desafiando a refletir sobre qual o papel das novas tecnologias na sociedade do conhecimento diante de estudos que se desenrolam, sem compreender a importância da formação social em que outros segmentos estão situados e se impulsionam.

Para Silva (2020), os chamados sistemas de aprendizado, que utilizam inúmeros modelos computacionais, acabam por contribuir para legitimação ou deslegitimação de certos indivíduos. Segundo (BENCKE, FF; GILIOLI, RM; ROYER, 2018), uma plataforma de tecnologia, que realmente acelere a capacidade de agregar valor para diferentes setores, passa pela capacidade de sustentar novos canais e ofertas personalizadas para seu público.

Este considera que ao não existir intervenção para que outros olhares sobre os mesmos conteúdos existam, estes sistemas de aprendizagem acabam fazendo com que as plataformas digitais e os espaços formativos não obtenham uma boa performance em virtude dos modelos de mineração de dados não debaterem um processo informacional que se realiza de modo opaco.

As plataformas digitais acabam, então, sendo vistas como um entrave que não leva em conta ou considera fundamental a participação de pesquisadoras (os) com outras vivências e conhecimento no processo de construção educacional, corporativa, multicultural e inclusiva (CASTRO, 2002). Interagir com esses modelos educacionais, entendendo suas particularidades e como essas podem ser ou não utilizadas, nos permite ter acesso a sistemas que evoluem para atender a certas funções de negócios ou desenvolvimento de produtos de forma que seu gerenciamento passa por diferentes softwares capazes de criar não só aulas interativas.

Este é um fato importante, pois conforme (MORAES, 2002), plataformas formativas que pensam pequeno ou dentro de um modelo padronizado, não conseguem desenvolver estratégias de conhecimento com capacidade de dar a determinados públicos um rápido crescimento ainda que tenham visibilidade.

Mediante o exposto, quando se pensa em propósito transformador, tendo as plataformas de acesso ao conhecimento como parceiras para tal, pauta-se o entendimento de que os empreendedores ou empresas para alcançar este patamar de expansão precisam pensar grande e de forma disruptiva, sem desvalorizar a diversidade.

Neste ponto, o empreendedorismo formativo e educacional, é um destes setores que precisam ser vistos sobre outra perspectiva dentro do mercado do conhecimento. Olhar o mesmo como um empreendimento ou ação, que pode ser analisada não só sobre a perspectiva da economicidade (TORRES, 1991), torna-os críticos do ecossistema que atuam, de modo a entender a capacidade de suas organizações de executar e de inovar diante de um cenário onde as empresas que giram em seu entorno querem avançar mais rápido, no intuito de experimentar novas ofertas, novos mercados e recursos.

Deste modo, quando falamos de mercado do conhecimento com viés racial dentre outros, trazemos para o centro um segmento econômico e social que enfrenta barreiras diante de uma visão holística que os tem impedido enquanto negócio de colaborar, sem abrir mão de seus valores, com o fortalecimento das relações sociais e de renovação econômica com visibilidade. Oferecer uma experiência completa de formação, a partir de outras nuances, é então criar solução educacional integrada, capaz de produzir conteúdo não só de qualidade como de conexão com diferentes segmentos seja no ambiente on ou off line.

4.1 Educação corporativa

O termo “educação corporativa” surge quando empresas norte-americanas decidem se tornar líderes no mercado da economia do conhecimento, almejando disseminar e implementar uma cultura de aprendizagem que incentivasse a competição, com foco na estratégia de negócios. Sendo um conceito datado da metade do século XX e consolidado entre os anos de 1980 e 1990, esse tem, no século XXI, seu foco intensificado via atuação no Treinamento e Desenvolvimento (T&D) dos trabalhadores sobre diferentes meios e objetivos (MEISTER, 1999). O que acabam dando a chance de se aprofundar o estudo não só destas tecnologias e metodologias inovadoras, com ampla capacidade de ser aplicada ao setor corporativo.

Focar no desenvolvimento estratégico, tanto de pessoas como de empreendimentos sob a ótica da educação corporativa e outras demandas, traz para cenários pouco explorados a possibilidade de construção de diferentes perspectivas contrapondo paradigmas que não se atentam às mudanças emergenciais impostas, em especial, pela transformação digital. O uso do conceito Educação Corporativa na formação de empreendedores, torna-se avassalador diante de tecnologias que vêm permitindo, cada vez mais, interconectar os empreendedores a um mundo repleto de possibilidades e formas de atuação como mostra uma série de perspectivas no crescente comércio formativo via web.

A compreensão sobre diferentes formas de aplicar metodologias educacionais inovadoras para o desenvolvimento estratégico, seja de pessoas ou seus empreendimentos, não só fornece uma ampla visão sobre os impactos da transformação digital no mundo dos negócios, como permite planejar programas educacionais corporativos e de desenvolvimento capazes de responder aos desafios de segmentos ignorados, mais em plena transformação digital.

Isso não só apresenta novas oportunidades, como evidencia uma carência de específicos conhecimentos e capital intelectual, diante das atuais demandas sociais e de mercado (Safanelli; Moreira, 2011).

Neste cenário, o empreendedorismo educativo, aliado a técnicas convencionais de formação, vem se consolidando junto ao mercado on line, apresentando um modelo de empreendedorismo e de pensadores que, via apostilas, e-book, videoaulas, podcasts, indicações de sites, textos e vídeos complementares, têm formulado e sido oferecedores de um desenvolvimento de habilidades que buscam não só aprimorar os conhecimentos como também a transformação digital sobre novas abordagens da aprendizagem. Pensar a transformação digital, a partir de seus desafios para a educação corporativa e os diferentes modelos de treinamento, permite que esse ecossistema formativo seja capaz de pensar novos impactos junto à sociedade via modelos virtuais que têm alterado diferentes setores econômicos no contexto de web (CARVALHO, F. C. A.; IVANOFF, G. B, 2010).

A grande questão é que nem todos os interessados na área empreendedora, voltada para formação, conseguem transitar pelo mesmo por motivos diversos. Pensar em novas formas de aprender e desenvolver competências, em tempos de transformação digital, é, a depender de alguns olhares e setores, a possibilidade de

aplicar a gestão do conhecimento na educação corporativa como uma estratégia valiosa para o crescimento de modelos formativos ignorados.

Na medida em que a educação corporativa promove a qualificação profissional e a gestão de diferentes tipos de conhecimentos, estimular a troca de ideias, experiências e conhecimento neste ecossistema tão fértil é o que dá a diferentes empreendedores e ecossistema a chance de pensar em empreendedorismo e métodos formativos outros (MEISTER, 1999).

Investir na capacitação de empreendedores, com foco no treinamento técnico e comportamental, possibilita não só um incremento na sua produtividade, como fornece a chance de suprir umas necessidades específicas com atores que dialogam com a legitimação e disseminação de saberes via pluriversalidade decolonial e co-construção de um modelo formativo transcospopolita em conhecimentos e histórias (ABDALLA & FARIA, 2017).

Dialogar com as plataformas digitais, que têm construído diferentes modelos de formação pensando a valorização do capital intelectual enquanto peça central, passa pelo entendimento que é preciso fazer gestão do conhecimento corporativo produzido por esses, a partir da teoria da destruição criativa, ou o do que podemos chamar de tecnologia disruptiva. As novas tecnologias têm provocado uma ruptura com os padrões, modelos e tecnologias já estabelecidos no mercado (BENCKE; GILIOLI; ROYER, 2018), não sendo diferente quando se fala em conhecimento e mercado. A ideia de que o conhecimento e as competências dos empreendedores podem fazer parte do patrimônio corporativo, quando se pensa em educação, torna os recursos de empreendedores considerados de baixa escalabilidade e desvalorizados ainda mais produtivos, criando uma vantagem competitiva de forma global que, para (EBOLI, 2004), torna a educação corporativa uma maneira de contemplar novas formas de aprender e se relacionar com o conhecimento.

A educação voltada para o ecossistema empreendedor formativo, apresentado nas plataformas digitais com o suporte das novas tecnologias, demonstra a todo o instante, como esse processo de formação ao ser realizado dentro ou fora deste ambiente rompe de maneira significativa, mas ainda não tão inclusiva, com a capacidade de certos segmentos servirem-se das facilidades educacionais, tanto quanto os segmentos historicamente beneficiados. Sob essa óptica, (TARAPANOFF, 2004) sinaliza que é necessário e relevante que as partes interessadas elaborem formas eficazes de divulgação de suas informações, seja

para seus colaboradores ou parceiros. Para o autor, isto tem produzido uma mudança realista não só para a economia, como também para a sociedade, em especial no meio digital.

O autor pontua ainda, que determinar a contribuição desse modelo de ensino, de forma que alcance seu objetivo torna-o exemplo de educação empreendedora virtual mais estratégica, seja dentro da organização ou junto aos conhecimentos que a mesma proporciona ou compartilha em seus espaços de atuação. Esse elemento é ponto contribuidor do debate educativo corporativo, uma vez que se torna complexa a tarefa de iniciar e manter um novo empreendimento, diante da necessidade de novas competências criadas ou exigidas para que esses empreendedores se mantenham ativos nestes novos cenários.

Construir outras possibilidades de formação e discurso empreendedor, nesta nova era, permite assim pensar particularidades sobre a ausência de determinados empreendedores, quando se fala em conhecimento intelectual voltado para área corporativa virtual. Trata-se então de olhar a educação corporativa a partir do ecossistema do empreendedorismo, de forma que as plataformas construtoras de novas abordagens educacionais, aliadas a ferramentas tecnológicas e de conhecimentos, promovam novas visões sobre esse diante das novas necessidades econômicas e empreendedoras do que se considera ter sucesso (SAFANELLI; MOREIRA, 2011). A educação corporativa, neste caso, faz conexão constante com as novas tecnologias e plataformas virtuais, pois busca ambientalizar essas tecnologias, seja para o uso pessoal ou de empreendimentos, cujo desafios acabam sendo novos tanto para os empreendedores, como para os segmentos que atendem.

Ao compreender que é via ambientes digitais, de negócios ou pessoal que os processos de transformação vêm acontecendo no modelo educacional, as novas tecnologias a partir das plataformas digitais podem ser chamadas e entendidas como espaços de mudança organizacional. Entretanto, como argumenta (KENSKI, 2007), os recentes avanços ocorridos nas novas tecnologias de informação, seja dentro das empresas ou mercados, têm possibilitado o desenvolvimento de conceitos de negócios inovadores, baseados não somente em informações eletrônicas ou redes de comunicação que beneficiam o setor empreendedor.

Como salienta o autor, o novo contexto que essas plataformas se apresentam se caracteriza pelo processo de criação de empresas específicas para um mundo digital, que tem deixado de fora um número expressivo de indivíduos.

Assim sendo, a junção de tecnologias e cooperação empresarial voltadas para a área formativa, a fim de galgar novos rumos nos espaços virtuais, torna-se não somente uma vantagem competitiva. As plataformas digitais e as novas tecnologias têm, então, como papel facilitar a natureza cooperativa, seja via dispositivos eletrônicos ou através de grupos cooperativos que compartilham entre si informações diversas, destacando passagens que possam notar como um pensamento pode conectar especificidades e valores considerados importantes.

Trata-se de uma conexão que, via material de texto e outros modelos de estruturação de conhecimento, reorganiza as formas de anotações, para que grupos diversos possam construir outros modelos de conhecimento capazes de os projetar enquanto indivíduos (RAMOS, 2011). Olhar essas nuances é importante, pois, para serem dominantes no mercado e chegarem até um nível hierárquico, capaz de os tornar autoridades, determinados segmentos empreendedores têm um nível de habilidade exigida sobre temas e atividades que vão desenvolver muito além dos demais setores. Quando se pensa em educação corporativa, plataformas digitais e novas tecnologias enquanto parte dos processos de aprendizados, seja para gerar receita ou enquanto ferramentas digitais diversas cuja particularidades, tornam se essenciais para que a mão de obra humana seja usada em todo o seu potencial.

A continuidade dos processos de treinamento, mesmo remotamente, precisa de um amparo e direção, para que haja resultados técnicos em pleno acordo, com o que se considera educação corporativa nas plataformas digitais auxiliada pelas novas tecnologias. É isto que as tornam empreendimentos que buscam outras nuances, principalmente no que tange a diversidade de pessoas e atitudes empreendedoras, prontas para encarar um mercado forte com capacidade de contemplar as pessoas e as empresas que adotam a educação corporativa como parte de seu desenvolvimento.

Neste sentido, para que as plataformas digitais acompanhem as mudanças advindas das novas práticas tecnológicas, é importante que se busquem uma aliança com as mesmas, de forma que possam sobreviver em um mercado global e competitivo que a cada dia utiliza mais esta tecnologia enquanto elemento chave diante do capital intelectual disponível.

Sendo assim, aliar empreendedorismo, tecnologia, educação e plataformas digitais para que trabalhem com outros aspectos do setor empreendedor significa enriquecer este ecossistema com novas abordagens, não só diferenciadas da concorrência, como também faz com que determinados setores possam sair do apagamento que suas temáticas e visões possuem, ganhando destaque no mercado em que atuam. O importante é compreender que a tecnologia pode revolucionar a forma como a aprendizagem alinhada às plataformas digitais funcionará, seja nas grandes corporações ou junto às pequenas empresas no século XXI.

➤ **Perfil das empresas que adotam a educação corporativa**

Ter uma combinação de conhecimentos, aliada com as tecnologias, pode ser um insumo fundamental para determinados negócios, visto que é central que diferentes modelos de empreendimentos sejam entendidos como uma novidade promissora frente às tendências econômicas e de formação que se consolida a cada momento por conta dos movimentos empreendedores no país (FIUZA, MOCELIN E LEMOS 2018). Segundo Azambuja (2017), conhecer os pontos que dão visibilidade e auxiliam na tomada de decisão é um dos principais desafios colocados ao empreendedor, em especial, quando sua razão empreendedora vem de outros segmentos e espaço de atuação.

Quando se fala do perfil das empresas que adotam a educação corporativa, a forma como certos setores constroem cooperação em rede acaba não sendo reconhecida como de interesse coletivo junto ao ecossistema empreendedor tradicional. Utilizando-se de uma ferramenta única, ou de uma amostra limitada, estas empresas e empreendimentos procuram absorver uma mão de obra que além de apresentar um perfil empreendedor, seja capaz de alcançar resultados específicos e que dialoguem com o que entendem como “correto” ou “escalável”, de forma a atingir as metas esperadas e objetivos gerais da instituição que atuam, sem que seus conhecimentos e modos de atuação sejam levados em conta. Tratando deste assunto, (CASTRO, VALENTE E HUDIK, 2011), sinaliza em suas análises que “o profissional da atualidade deve desenvolver algumas competências básicas no ambiente de negócios” sem deixar de fora competências centrais para continuidade de sua relação com o mercado.

Sobre essa égide, pensar o processo de assessoria empresarial ou profissional visando apoiar empreendimentos e empreendedores locais, não pode

ter como estratégia a adequação destes aos modelos de ecossistema tradicional, sem que esses alterem sua forma de dialogar e se conectar com os mesmos. Entendendo a importância de respeitar não somente a realidade com que esses têm aprendido, como também seus formatos de conexão e novos repertórios, valorizar competências” que segundo Meister (1999) são necessárias a esta ação e que precisam ser vistas para além da lógica que apresenta se torna um senso comum. Neste sentido, dialogar com competências que passam por:

- a)** aprender a aprender, ou seja, ser responsável por sua aprendizagem contínua, para aprender novas qualificações;
- b)** comunicação/colaboração: saber trabalhar em equipe, compartilhar melhores práticas além de comunicar-se com eficácia;
- c)** raciocínio criativo e resolução de problemas: saber identificar possíveis problemas e perceber a ligação com a solução proposta, levantando algumas possibilidades para o próximo problema;
- d)** conhecimento tecnológico: saber utilizar as mais modernas tecnologias, tornando-se possível conectar com qualquer pessoa independentemente de onde ela esteja;
- e)** conhecimento de negócios globais e locais: compreender um conjunto de técnicas empresariais globais, como finanças, planejamento estratégico e marketing;
- f)** desenvolvimento da liderança: ter uma visão para sua equipe compatível com a missão e as metas da organização; e
- g)** autogerenciamento da carreira: ter a capacidade de gerenciar sua carreira, obtendo as qualificações necessárias, que têm valor no ambiente de negócios, e trabalhar para adquiri-las. São, então, esses processos dinâmicos empresariais, econômicos e formativos que precisam construir um ciclo de prosperidade inclusivo não só para o mercado que conhecemos, como para parcela da população excluída da economia e processo formativo empreendedor.

Nesse tripé de novos anseios, a empresa do futuro assume uma dimensão redentora, à medida que absorve, do mercado competitivo e da economia global, uma dinamicidade advinda das novas tecnologias e das proporções de aprendizados que trazem um outro modelo de entendimento e atuação enquanto colaborador.

Para Azambuja e Moceli (2017), há desafios que podem ser minimizados por um olhar atento nas novas tendências do mercado, da diversidade de pessoal, e no processo de ensino-aprendizagem oriundo de empresas que querem chegar e permanecer numa disputa que exige um diferencial no que tange o acolhimento das tecnologias aliadas à educação. Adotar a educação corporativa, para os diferentes perfis empreendedor e profissional, é então saber se posicionar diante desse novo tipo de empreendedorismo e comportamento corporativo sendo capaz de adquirir conquistas educacionais e profissionais que permitem a ambos os perfis se encaixarem com qualidade praticamente em qualquer lugar.

Olhar as empresas, de forma que se possa compreender como seus aprendizados e conhecimentos sobre áreas importantes têm moldado comportamento e pensamentos corporativos na era do empreendedorismo e mercado, é então um dos pontos reflexivos sobre as inter-relações, seja referente ao perfil empresarial ou de conhecimento que os segmentos têm acessado ou produzido. Em si tratando do desenvolvimento de competências em um contexto que envolva outros detentores de conhecimento, como no caso de organizações como Caixa Econômica Federal, Banco do Brasil, AmBev dentre outros que investem em treinamento e capacitação através de suas universidades corporativas, proporcionar um ambiente de reconhecimento destes diferentes interesses é então criar um ambiente favorável e com capacidade de fortalecer esses diferentes atores respeitando suas competências.

Ao serem portais de capacitação que levam a gestores e técnicos, seja de prefeituras ou outros entes públicos soluções educacionais, tanto a universidade, Caixa como Banco do Brasil promovem uma maior qualidade da gestão pública, já que oferecem serviços cada vez melhores ao público que atendem. A grande questão é que a concepção de “soluções educacionais”, apresentadas por essas importantes universidades, do mesmo modo que as demais, pouco oferece desenvolvimento pessoal e profissional que não estejam atrelados a estigmas sociais pertencentes ao padrão hegemônico de formação e construção de aprendizado e saber. No caso do sistema de educação corporativa do Banco do Brasil, por exemplo, ainda que exista desde 1965, este nunca incorporou a seu corpo discente ou conteúdos outras perspectivas de formação e desenvolvimento a partir do que é oferecido e entendido como oportunidade de desenvolvimento pessoal e profissional seja a seus funcionários ou parceiros outros.

Obviamente que, para falar destes modelos de formação corporativa, é preciso dialogar com nuances mais profundas sobre o que é considerado saber profissional e empreendedor e os impactos que promovem para a sociedade. No caso do referido estudo que se baseia na reflexão sobre educação corporativa e o impacto de seus conteúdos sobre segmentos ignorados, esse entendimento e exemplos podem contribuir para que empreendedores e profissionais destes espaços mais do que atores, sejam gestores do seu processo de aprendizado tendo a chance de entender o que aprender, por que aprender e para que aprender (SECURATO, 2007).

Nesta perspectiva, empresas que têm como perfil um modelo de funcionamento formativo, onde seus conteúdos são pensados e executados por corpos técnicos com pouquíssima diferença e vivências, acabam por fazer com que esses mecanismos pouco dêem oportunidade para que colaboradores e parceiros de diversas áreas compartilhem conhecimentos entre si de maneira mais conectada.

Ao adotar esses modelos de construção de saber, essas empresas e modelos formativos acabam por pouco revolucionar o cenário e o projeto de educação corporativa, pois utilizam como lucro somente o retorno de seus colaboradores em qualidade e produtividade. O que as faz deixar de fora retornos intangíveis, a exemplo do valor de percepção da marca. Trata-se de benefícios que possuem como motivador de suas cartelas de atuação, poucos cursos e conteúdos capazes de serem direcionados para objetivos mais específicos, a exemplo das perspectivas abaixo sinalizadas:

- ✓ Treinamentos padronizados, ou seja, formações com baixa capacidade de desenvolver equipes com equidade fazem com que, ainda que as corporações atinjam o mais alto nível de performance corporativa, pouco reconheçam que todos precisam de atenção, mas não necessariamente dos mesmos atendimentos, uma vez que tanto a questão racial como outras que têm surgido não estão no centro das estratégias de negócio ou processo educacional;
- ✓ Controle do que é ensinado. Trata-se de entender o complexo sistema de interações comportamentais entre quem ensina e quem aprende, constituídos por múltiplos componentes em interação. Revisitar as práticas e cultura formativa permite a essas construir futuros inclusivos com compromisso e avanço coletivo corporativos.
- ✓ Compreender o papel do conhecimento de forma a constituir equipes preparadas para realizar qualquer ação. Ao remover barreiras formais e informais que impedem que diferentes grupos tenham acesso ao

mercado de trabalho e ao que lhes é ensinado nas diferentes áreas formativas corporativas, as empresas que adotam a educação corporativa, levando em conta essas nuances, não só habilita as pessoas a agirem de maneira que, suas ações, perpassem pelos resultados dos conhecimentos adquiridos, como contribuem para que essas alterem a realidade das comunidades onde vivem.

- ✓ Desenvolve vantagem competitiva para as organizações que as adotam. Empresas como Magazine Luiza, Bayer, dentre outras, ao fazer uso da educação corporativa, levando em conta esses elementos, comprovaram não somente em formato de rendimento, mas também em forma de satisfação profissional que essas ações e medidas não só melhoraram seus lucros, como criaram uma mentalidade digital entre as lideranças do universo corporativo como um todo.

Desenvolver modelos formativos que permitam ampliar e fundir os saberes presentes no universo das micro e pequenas empresas, não deixando de fora os Microempreendedores Individuais (MEI), é então ponderar o que pode haver de convergência entre esses dois setores e como ambos os conhecimentos são pontos importantes para conectar empreendedores potenciais e em início dos negócios a organizações empreendedoras, empresas capitalistas de risco, dentre outros (PATON; PETERS; QUINTAS, 2007), que vêm demonstrando em diferentes formatos os benefícios da mesma.

Olhar como as empresas e empreendimentos têm utilizado a educação corporativa em seus processos e construção de persona empresarial, é entender como essas tendências formativas, principalmente através do e-learning e cursos online, têm sido capazes de conectar colaboradores e parceiros de diversas localidades. Investir em treinamento e capacitação na área empreendedora sobre outras nuances, traz a chance de, com a ajuda de diferentes atores que transitam e têm experiência nos campos de empreendedorismo, administração, comunicação, mercado, desenvolvimento pessoal dentre outros, fazer com que estes conheçam novos processos de reestruturação e alavancagem dentro das chamadas novas tecnologias inovadoras.

4.2. Plataformas digitais e novas tecnologias para a educação corporativa.

No cenário empresarial destes últimos anos, tem-se observado que há uma mudança significativa na forma de pensar e agir do meio corporativo quando se

pensa em processos formativos e de construção de conhecimento. Essas mudanças têm permitido o setor se afastar cada vez mais do pensamento fordista-taylorista, que tinha a função de controlar o trabalhador, seguindo para um formato tecnológico-educacional, que trata da subjetividade daqueles que compõem a área empreendedora. Há, neste sentido, uma aliança magistral entre a economia e a educação, em uma trajetória que poderá levar à uma produtividade mais eficiente.

Educação corporativa é então um dos setores que precisaram se reestruturar nos primeiros focos iniciais da crise do petróleo, trazendo para o centro das questões o que podemos chamar de modelo que engloba uma política ideológica mais flexível que consiste no desenvolvimento das competências essenciais dos colaboradores a fim da obtenção do sucesso da empresa ou empreendimento.

Conforme menciona Josgrilberg (2004), empresa que só investe em máquinas, equipamentos e tecnologias não faz mais a diferença, visto que os equipamentos e tecnologias são bens disponíveis no mercado, enquanto o capital intelectual, ativo e intangível, pertence não somente à empresa, mas a cada colaborador. A educação corporativa ganha importância neste processo, pois em um sistema onde a informação e o conhecimento vêm a cada momento sendo considerados as armas da atual sociedade, essa tem mostrando que estruturas bem-sucedidas são aquelas que têm as melhores informações ou as que controlam de forma mais eficaz o conhecimento não aproveitado e não mapeado de determinados setores. É isto que tem a cada dia mostrado como o ecossistema do empreendedorismo, a partir de suas diferentes redes de apoio, precisa ver outros conhecimentos e olhares como uma arma competitiva, quando se pensa em empreendedorismo, sistema e processos formativos frente às novas tecnologias.

Ao ser utilizada como uma aliada na aquisição, manutenção e divulgação de conhecimento dentro do ecossistema empreendedor e empresas com o intuito de promover o crescimento da organização e o desenvolvimento dos seus colaboradores, essas plataformas têm como principal estratégia manter seu capital humano com capacidade de aprimorar suas competências e qualidade frente aos serviços que vêm a oferecer (CARVALHO,2010). Trata-se então de um modelo formativo que contribui para a capacitação sobre diferentes aspectos, pois permite o acesso a ferramentas capazes de tornar seus membros, alinhado às exigências e estratégias de um negócio.

Neste sentido, investir numa melhoria da estratégia de negócios, através da disposição de informações capazes de construir uma linha de raciocínio para a resolução de problemas, faz com que essas novas tecnologias e plataformas sejam uma das formas de contribuir com diferentes contextos organizacionais e formativos, utilizando-as enquanto aliadas de sua organização e planejamento.

Ao permitir que se possa aperfeiçoar o que se sabe sobre determinadas áreas, de acordo com os interesses e necessidades de quem disponibiliza o conhecimento e conteúdos, as plataformas digitais têm seus pontos fortes valorizados por quem utiliza a educação corporativa como elemento de formação de público e construção de autonomia empreendedora.

Ao usar a educação corporativa como uma das formas de contribuir ativamente na estratégia de identificar quais são os pontos a serem melhorados, as organizações se encontram de posse de uma forma de interpretação de informações facilitadoras da construção do conhecimento que precisam.

Conforme Jeanne Meister as empresas [...] ao invés de esperarem que as instituições tornem seus currículos mais relevantes para a realidade empresarial, as diferentes instituições recorrem o caminho inverso e trazem a escola para dentro da empresa (MEISTER, 1999). Nada diferente do ecossistema empreendedor que, segundo o SEBRAE (2017), busca com a educação empreendedora, desenvolver pessoas e suas mentalidades empreendedoras de forma que possam encontrar soluções para os mais diversos problemas.

Já as empresas, seguindo um modelo de educação corporativa, inseriam nos planejamentos de estudos cursos tecnicistas que poderiam melhorar o desempenho da empresa de forma a:

Desenvolver qualificações isoladas, para a criação de uma cultura de aprendizagem contínua, em que os funcionários aprendessem uns com os outros e compartilhassem as inovações e melhores práticas com o objetivo de solucionar problemas empresariais (MEISTER, 1999, p.50).

Quando pensamos no ambiente empreendedor e não no desenvolvimento de determinadas habilidades, a formação acaba sendo um ponto que precisa ser desenvolvido não somente na perspectiva técnica. Sabemos que, quando se pensa em educação corporativa, busca-se pessoas que possam ser bons funcionários sem que sua capacidade de ser empreendedoras, autônomas, detentoras de competências múltiplas deixe de fazer parte de quem elas são.

Já as novas tecnologias têm buscado um modelo de gestão de aprendizado que, no futuro, possa estar associado aos objetivos tanto das instituições que os disponibilizam, como de quem acessa e passa a ver a importância de seus formatos. Para este modelo de educação e pessoas, ter a capacidade de aprender e se adaptar a situações novas, promover não só transformações, pois essas passam a ser vistas como pessoas com capacidade não somente de dar lucro, como também trazer reconhecimento para onde atuam, em especial, porque a geografia deixou de ser um problema e o espaço digital a cada dia se torna mais instantâneo e acessível em qualquer parte do mundo.

Assim, seguindo essa linha de raciocínio, autores como Dias, Nardelli e Vilas Boas (2008) assinalam que tanto empreendedores como profissionais da área corporativa precisam ter uma variabilidade de habilidades sociais, as quais envolvem um número de competências que permitam interagir entre si, conforme mencionou Meister (1999). Sobre esta perspectiva, Bittencourt (2011), observa que o desenvolvimento de competências práticas organizacionais e empreendedoras podem levar as organizações e seus indivíduos a uma competitividade menos flutuante, em virtude da supervalorização das “identidades alcançadas” a partir de um senso de si próprio.

Então, em linhas gerais, vê-se que os métodos tradicionais de planejamento e organização dos empreendedores foram ficando cada vez mais conectadas à recepção de uma educação que chega ditando novos caminhos para o mundo empresarial. Isso acabou por, nos tempos atuais, fazer com que os empreendedores precisem buscar um alinhamento com a contemporaneidade para que possam sobreviver neste tempo tão competitivo para as organizações e pequenos negócios.

Saber como lidar com as novas tecnologias e suas facilidades para obter informações, com base nos conhecimentos técnicos proporcionados pelas próprias corporações empreendedoras, é o ponto chave quando se fala de perfil, produção e acesso a conhecimento e desenvolvimento pessoal\ empresarial\ empreendedor enquanto fator humano e peça fundamental do empreendedorismo e educação corporativa.

Para o (SEBRAE, 2020), quando se trata de pensar como as pessoas aprendem e compreende seus empreendimentos e ser empreendedoras em um ambiente inovador de ensino, a educação se torna um aporte de conhecimento

importante que, disponibilizado de maneira plural, precisa levar em conta não somente as características como os princípios destes.

Nesta direção, os empreendedores que adotam a educação corporativa como parte do que os alinham com as realidades de mercado, acabam por ter um perfil de empreendimento de sucesso, permitindo maior visibilidade à ocorrência de uma forma especial de empreendedorismo, ancorada em domínios técnicos de vanguarda e novas tendências de mercado (AZAMBUJA, 2017).

São muitos os fatores que podem ser positivos para que as novas tecnologias e plataformas digitais possam transformar os rumos do empreendedorismo, diante de uma realidade que apresenta um modelo de educação corporativa nos espaços virtuais que pouco têm consonância com um mundo plural e globalizado, como este em que nos encontramos.

Ao usar as funções destas tecnologias de maneiras variadas ou pensando o alinhamento de ideias em prol de empreendimentos e agentes empreendedores inclusivos, as plataformas digitais atuam disponibilizando dados, vídeos dentre outros de forma coerente e articulada com as competências individuais e organizacionais em um contexto amplo do empreendedorismo, dando acesso às novas tecnologias, sem que se precise estar presente em uma sala de aula (JOHNSON; JOHNSON, 2013).

Isto tem feito com que as ferramentas de gestão sejam levadas não somente a pensar, como também dialogar com metodologias de aprendizagem empreendedoras ou coleta dados que pouco consideram outras informações em suas atividades. Isso acaba por dificultar as possibilidades destas serem objetivas ao aprimorar processos, produtos e serviços, gerando mais lucro e produtividade para algumas áreas, enquanto outras são consideradas irrelevantes dentro do ecossistema em que atuam. Ao não entender o benchmarking como uma ferramenta valiosa que responde às questões de quem empreende ou atua com público e outras especificidades, estas plataformas não permitem ver como estão se saindo em relação tanto à concorrência como público alvo, gerando assim a despersonalização destas por meio de uma metodologia de automação, que passam a ser vistas como números e sem serem agrupadas na maioria das vezes em grupos específicos.

Sobre essa perspectiva não se dialoga com experiências e abordagens mais diversas, equitativas e inclusivas, sem consolidar instituições e pessoas que

apresentam outras formas de prover soluções tecnológicas de aprendizagem a partir de referenciais Gomes (2001). É preciso interferir sistematicamente não apenas nas escolhas individuais, mas principalmente na forma como os agentes empreendedores e as plataformas digitais entendem a importância e o impacto de outras estratégias de aprendizagem hoje consideradas como diversidade.

Compreender os interesses em comum que as pessoas têm, sem ignorar uma infinidade de outras nuances que os tornam um modelo de aprendizagem e formação presencial ou virtual, não só amplia o olhar sobre os conhecimentos disponibilizados em ambas as modalidades de formação, como também deixa de reforçar problemáticas trazidas principalmente no que tange às instituições de suporte como: infraestrutura; profissões de apoio; instituições não governamentais; de recursos humanos (Mão de obra, Instituições educacionais) e mercados (clientes iniciais e redes) no contexto empreendedor formativo presencial ou online.

4.3. Plataformas digitais no fortalecimento do ecossistema empreendedor negro

Compartilhar experiências, ações e informações, visando não somente solucionar problemas do mercado, permite construir uma nova política de gestão, tanto empresarial quanto empreendedora, quando se pensa no papel das plataformas digitais para o fortalecimento do empreendedorismo negro (SANTOS, 2019).

Ao valorizar outros modelos de competências e conhecimento, dentro deste ecossistema empreendedor, as plataformas digitais interferem no futuro do trabalho, uma vez que, encontram e se guiam por discursos que reforçam a ausência de determinados segmentos, quando se buscam os principais desafios vivenciados por esses modelos de empreendedores junto às diversas ilhas de inovação.

Ao fazer uso de linguagens e identidades visuais onde esses pouco ou praticamente não aparecem enquanto parte do ecossistema empreendedor, estas plataformas quase não se conectam com outras realidades e demandas junto a grupos invisibilizados (NOGUEIRA, 2013). Isto tem feito nos depararmos com modelos de conhecimento e visão de mundo que no espaço digital se mantêm elitista, pois praticamente não rompe com suas fronteiras projetando ou ignorando quem é considerado autoridade e relevante.

Trata-se de um elemento que acaba por não ampliar as possibilidades de participação de outros modelos de negócios, dentro do que Castro (2011) denomina de sociedade que orienta os indivíduos e vende a compreensão de que para se integrarem, têm que ser altamente qualificados e especializados. Diante de um cenário virtual que tem se redefinido seja no ambiente profissional ou de comunicação, ter um padrão de abordagem, para se conectar com diferentes nichos, faz com que esses empreendedores não recebam ou tenham acesso a discursos que os façam sentir parte do que está sendo considerado para tomada de decisão. Tornando tanto os ambientes virtuais quanto presenciais conflitantes entre si.

Como resultado desta ação, quando se trata do ecossistema empreendedor negro, o constante contato com personagens, autoridades e temas que não dialogam com sua persona, acabam fazendo com que esses deem credibilidade a notícias que pouco ou em nada validam suas noções de mundo Kenski (2007) mesmo tendo contato com narrativas que apresentam de forma robusta fatos que negam tais crenças. Estar constantemente em contato com plataformas e tecnologias, que possuem esse terrível aspecto, coloca esses modelos de tecnologias e plataformas diante de narrativas que podem ser entendidas como da singularidade informacional, ou seja, da relativização da verdade em uma era que tem se caracterizado enquanto pós-verdade⁶. Entender que estamos diante de uma narrativa cujo referencial de autoridade não inclui o pensamento, conhecimento e teorias negras faz com que o processo de elaboração do que é considerado conhecimento empreendedor seja formado a partir de uma história branca considerada “competente e criativa”.

Compreender como a mente empreendedora negra tem ao longo do tempo desvalorizado sua imagem de representação positiva empreensarial e econômica, é estar diante de uma importante ferramenta de construção de outras bases reflexivas que evidencia a manutenção de um pensamento ainda ignorado por uma geração não negra que se beneficia do mesmo. Mudar a forma como o ecossistema tradicional atua, alinhada com outras concepções científicas em um cenário de disparidade como o do Brasil, é fundamental que se olhe para a produção negra nos processos formativos como um indicador de sucesso.

⁶ Eleito o termo do ano em 2016 - pelo Dicionário de Inglês de Oxford, a chamada Era da Pós-Verdade é o período no qual os fatos objetivos têm menos peso diante da opinião pública do que narrativas que criem apelos emocionais.

A ausência da produção e pensamento negro nos processos formativos, sejam eles digitais ou escritos, provoca um dano significativo para empreendedores que não conseguem sair do círculo discursivo de vulnerabilidade e constante necessidade de capacitação que nunca os vê como símbolo de sucesso Mário, (2008).

Trata-se, no entanto, do não fortalecimento de ecossistemas empreendedores diferenciados, uma vez que se ignora suas análises, discursos e produção de reflexões mantendo-os invisibilizados junto aos diferentes atores presentes no ecossistema empreendedor.

Diante da baixa criação de construções puramente mentais, essas tecnologias e plataformas acabam criando elementos mais simples e desconectados com outras realidades, enquanto parte das teorias elaboradas para atender diferentes setores sociais. O enfrentamento dessa questão mexe com a necessidade de introduzir a diversidade de agentes intelectuais e pensadores da pauta racial enquanto força neste debate estratégico, não se atendo somente à agenda das discussões sobre desenvolvimento econômico.

É preciso que narrativas de passado e futuro próspero para esses façam parte do que os mesmos têm como legado de riqueza e vivências dentro do ecossistema empreendedor como também dos processos formativos empreendedores e empresariais digitais retomando o que Cunha (2006), chama de bases diferentes. Para ele, é diante de uma discussão estabelecida no final do século XIX e primeira metade do século XX, que é possível encontrar soluções de problemas apresentados ao homem ou à sociedade nos dias atuais.

Centrados no nexo entre cultura e desenvolvimento, os mecanismos de exclusão social e econômica não se modificaram no espaço virtual ao olhar o mercado empreendedor a partir das plataformas digitais, o que acaba por pouco fortalecer esse ecossistema (SILVA 2020). Por conta disso, é preciso dialogar com a melhoria da autoestima dos empreendedores negros, sem deixar de fora processos de qualificação e formação que os vejam enquanto empresários que contribuem para a realidade econômica e formativa do país. Fazer com que esses entendam a potência dos seus negócios acaba tendo como desafio além da garantia de atuação neste ecossistema, a necessidade de uma plataforma digital que seja capaz de ser um espaço de fortalecimento deste ecossistema empreendedor, visibilizando seu protagonismo sobre todas as dimensões. Através do compartilhamento e valorização

de seus conhecimentos, olhares e perspectivas, sem deixar de fora as especificidade e necessidade de estimular a criação de indicadores e variáveis a serem usadas, é possível que esses empreendedores e ecossistema consigam, através do uso da tecnologia, ter uma escalada em nível exponencial, acelerada ao ponto de fazer com que o ecossistema empreendedor, sobre o viés racial, alcance outro modelo de progresso. Moran (2002) pontua que os modelos educacionais na aprendizagem online, ao dispensar determinados pensadores no processo formativo, pouco têm contribuído para o fortalecimento de outros modelos de narrativas e vivências.

Desafiar narrativas, imaginando o papel destes empreendedores ao longo da história acadêmica, é então, falar deste ecossistema empreendedor de outra forma que não essa que os desvia do processo histórico enquanto protagonistas. Segundo o autor, a sociedade conectada em rede aprende de forma muito mais flexível, quando dialoga com grupos de interesse (listas de discussão), programas de comunicação ou pesquisas constituídas por diferentes ideários e imaginários capazes de construir novas representações simbólicas que chegam sem outros meios de participação.

A reconstrução do imaginário empreendedor destes indivíduos, junto as plataformas digitais, escreve a possibilidade de outras narrativas Souza (2019), alterar a imagem reproduzida sobre esses é trabalhar com base em outras práticas de reconstrução deste imaginário econômico e formativo. No caso das plataformas digitais voltadas para o fortalecimento do ecossistema empreendedor no Brasil, quando se pensa em novas tecnologias, essas têm se construído enquanto um espaço que pouco elabora atividades e eventos que contemplem conteúdos relacionados à contribuição e participação destas visões e narrativas, a exemplo da intelectualidade negra atuante no setor.

Para diferentes intelectuais da área empreendedora negra, a minimização de seus conhecimentos e contextos acaba não somente reduzindo as informações e entendimentos sobre os mesmos a um só aspecto. Quando se busca a atuação e pensamento negro junto às plataformas digitais voltadas para o processo formativo empreendedor, estas invisibilidades se tornam naturalizadas em decorrência de fatores como a não narrativa econômica negra em questões ligadas a uma diversidade celebrada e pautada nos tempos atuais (CARVALHO, 2010), mas que não os tem incluídos enquanto elementos narrativos.

Estamos falando de softwares, eventos, ações e infoproduto digitais que oferecem um conjunto de tecnologias de informação e comunicação capazes de desenvolver atividades no tempo, espaço e ritmo de cada participante e que ainda assim, quando se trata de um do ambiente virtual empreendedor ou econômico sobre o viés racial, essas tecnologias e plataformas são incapazes de interagir com seus modelos de construção de aprendizagem e ensino.

Isso tem feito com que a capacidade de processamento, dentro dos espaços empreendedores, fique cada vez mais reduzidos a um único pensamento e olhar, provocando uma baixa capacidade de processamento de dados diferenciados, quando se trata de tecnologia e pessoas negras.

As tecnologias digitais podem, como afirma Silva (2003), potencializar e estruturar novas sociabilidades e conseqüentemente aprendizagens. A grande questão é que não se rompeu, até os tempos atuais, com paradigmas clássicos que fazem com que cada tecnologia e formas de acesso evolua numa velocidade diferente, a depender de quem tem recursos e acesso às mesmas. Isto tem feito com que metodologias de ensino, ainda que virtuais continuem sendo alicerçadas nos modelos atuais, afastando ou silenciando o afetual (estar-junto) dos empreendedores negros. Ao serem eliminadas das bases de dados e conteúdos formacionais, suas trajetórias e contribuições, essas plataformas e ecossistema perdem a chance de trocar conhecimentos ou parrear seus aprendizados nos diversos processos de educação empresarial e empreendedora.

É ao estimular questionamentos e contato com o que tem sido produzido e reivindicado, que o espaço virtual tem a possibilidade de estimular a retomada de um modelo de empreendedorismo que não só conta sua própria história de forma diferente do que tem sido ensinado formalmente por instituições e plataformas digitais.

O fato das informações nos dias atuais serem líquidas, ou seja, transferidas não somente para fora das plataformas como acessadas de qualquer espaço, faz com que essas informações não possam, como sinaliza Nunes (2019), dar visibilidade e oportunidades que esses empreendedores se tornarem não invisíveis.

Levando em conta que se trata de empreendimentos com propósito transformador massivo, os negócios conduzidos por pessoas negras perdem nos espaços virtuais a narrativa de serem constituídos de muito potencial econômico. Pontuar, então, seu exercício participativo na coleta de ideias, projetos e

aprofundamento sobre seu valor ou visão sistêmica, é um ativo que precisa ser levado em consideração por essas tecnologias formativas. Sob essa óptica, as plataformas digitais se anunciam como parte das possibilidades de construção de uma outra visão sistêmica, ou seja, formas de entender as relações de forças que regem processos, organizações, fenômenos e interações diante da complexa maneira com a qual essas cumprem um papel estático e reprodutor de posturas e comportamentos empresariais não diversificados e inclusivos.

Segundo Ismail Salim e Malone (2015), transpor os diversos desafios inerentes à gestão empresarial, coloca as plataformas digitais diante da necessidade de serem organizações exponenciais capazes de crescer de forma escalável, diversificando sua quantidade de clientes e conteúdos de forma a manter os custos a partir de pequenas mudanças e diálogo real sobre diversidade. Para isso, é preciso que os modelos de educação que se mantêm centrados no professor, pouco se alterando no ambiente virtual de forma estratégica, parem de naturalizar a ausência de outros conhecimentos, por falta de contato com conteúdo e informação que levem em consideração essas particularidades.

É preciso que se melhore a imagem dos empreendimentos negros, via rompimento de um modelo de produção linear. Isto se faz necessário para que se possa pensar o fortalecimento deste ecossistema empreendedor de forma plural.

Conforme Machel (2017), trata-se de olhar a cadeia de produção de dados e conhecimentos sob outras nuances, para que se pensem produtos e serviços que contribuam para melhorar a forma de empreender negra, em um mercado hostil que segue tratando os como de menor valor, diante de uma independência celebrada sem traumas e com benefícios para diferentes setores das elites (intelectuais e empresariais), que continuam sendo vistas como principais referências quando se pauta economia e o desenvolvimento do país.

Olhar os ambientes virtuais sob essa égide permite que se possa pensar a configuração das plataformas digitais com capacidade de produzir conteúdos formativos que rompam com um modelo de educação seletiva. Reconectar os referenciais destes atores junto a um ecossistema invisibilizado e enfraquecido é, segundo Freitas (2021), olhar para os fatos históricos, dando foco e desfecho para um processo que se alinha sobre outras lentes. Sustentar no empreendedorismo tradicional a história contada por quem é beneficiado sobre todos os aspectos deste

ecossistema, deixa de fora contribuições dadas por quem é ignorado sobre um modelo de empreendedorismo que, se não fosse o racismo, seria revolucionário.

Desta forma, trazer esse outro sentido ao que Adichie (2019) definiu como história única, deixa esse ecossistema em contato com uma outra narrativa roubada em sua dignidade, seja no espaço on ou off line. De acordo com Almeida Júnior (2008), o processo e a forma como se acessam e disponibilizam conhecimentos e referenciais junto às plataformas tem sido fator fundamental para o sucesso de certos segmentos e fracasso de outros.

Construir a modificação destes ambientes virtuais, levando em conta a importância dos significados, seja de linguagem ou imagem, é um dos pontos para tornar esses espaços atraentes, de forma coletiva ou individual.

Desenvolver competências comunicativas capazes de contribuir para o conhecimento coletivo, faz então com que o ecossistema empreendedor como um todo tenha modelos de fortalecimento sob o viés racial, sobretudo no campo da intelectualidade empreendedora negra, fortalecendo assim o ecossistema que esses atuam nestes ambientes digitais.

Nessa perspectiva, as plataformas voltadas para a diversidade empresarial com viés racial surgem como promessa de melhoria das oportunidades educacionais, diante de modelos com capacidade de atender a essas demandas, como tem sido feito com o uso de tecnologias e Plataformas como a Massive Open On-line Course (MOOC), termo usado para descrever cursos online de 12 semanas. A grande questão é que, mesmo promovendo uma participação interativa em larga escala, os conteúdos oferecidos se assemelham às tradicionais aulas de cursos presenciais e continuam tendo como sustentação a figura do professor/palestrante com discurso único.

Nesse cenário, sistematizar e problematizar um conjunto de discussões, não somente sobre as especificidades teórico-metodológicas dos estudos disponibilizados nas plataformas digitais, nos coloca diante da necessidade de entender como a gestão deste conhecimento tem sido redimensionado.

O mercado de conhecimento intelectual on ou offline é então um espaço cujas ferramentas digitais precisam romper com um modelo estático junto a essas plataformas, de forma a alterar e fortalecer esse ecossistema empreendedor negro.

É necessário, então, que tanto as plataformas como as novas tecnologias se desafiem a refletir sobre qual o seu papel na sociedade do conhecimento que se

desenha, uma vez que vem formando referenciais que são vistos como de “sucesso” diante de um isolado mundo de leituras e atividades distantes de outras narrativas e vivências empreendedoras. Fazer o reconhecimento do empreendedorismo negro e seus modelos de gestão e desenvolvimento, enfatiza as diferenças destes empreendedores apagadas em sua concepção e semelhança. De acordo com Silva (2020), os chamados sistemas de aprendizado das máquinas utilizam modelos computacionais como parte de suas leituras virtuais. Isto acaba por contribuir para a legitimação ou deslegitimação de certos indivíduos que transitam pelos ambientes virtuais, gerando então diversas narrativas para diferentes pessoas.

Este é um fato importante, pois, conforme Moraes (2002), as plataformas formativas digitais pensam pequeno, ou dentro de um modelo padronizado que faz com que essas não consigam desenvolver estratégias de conhecimento, com capacidade de dar a determinados públicos um rápido crescimento ainda que esses tenham visibilidade e sejam importantes em sua área e ecossistema de atuação.

Mediante o exposto, quando se pensa em propósito transformador tendo as plataformas de acesso ao conhecimento como parceiras para tal, pauta-se o entendimento de que as empresas, para alcançar este patamar de expansão, precisam pensar grande e de forma disruptiva, sem desvalorizar a diversidade.

Nesse ponto, o empreendedorismo é um desses setores que precisam ser vistos sob outra perspectiva, em especial quando se pensa nos conteúdos disponibilizados junto às plataformas digitais.

Deste modo, quando falamos de plataformas digitais de conhecimento sob o viés racial, trazemos para o centro um segmento empresarial que enfrenta barreiras diante de uma visão holística que tem impedido que este, enquanto negócio, colabore com o fortalecimento das relações sociais e de renovação econômica em especial quando se trata de negócios sobre o viés racial.

4.4 Plataforma Mercafro: da concepção à execução

Na última década, diversos *softwares* e estudos vêm sendo desenvolvidos enquanto aliados no gerenciamento não somente de bancos de dados, pesquisas e infoprodutos voltados para o empreendedorismo e suas possibilidades. Isso tem tornado *sites* e redes sociais poderosos aliados tanto do gerenciamento de

conhecimentos como de habilidades e competências voltadas para criação de boas soluções empreendedoras, a exemplo das plataformas de ensino e aprendizagem.

Ainda que ajudem os negócios a serem mais produtivos, essas plataformas e ambientes virtuais acabam produzindo conhecimentos sobre tópicos teóricos e fenômenos que pouco ajudam na alteração de olhares e pensamentos glorificadores do processo colonial brasileiro, junto a um conjunto de pensamentos e ideias dispersas ao longo da história brasileira e da sociedade. Sobre esse aspecto, a plataforma Mercafro foi desenvolvida no intuito de ajudar empreendedores ignorados em discursos e estudos a se encontrarem a partir de reflexões de intelectuais e pensadores que não têm feito parte do processo formativo empreendedor por meio de uma tecnologia inteligente, cujo intuito amplia não só o repertório de informações sobre o ecossistema empreendedor negro.

Ao identificar necessidades de conhecimento sobre o ecossistema empreendedor negro via diferentes conteúdos produzidos, a plataforma Mercafro fura a lógica de algoritmos tradicionais, ao influenciar o acesso a outras informações e pessoas que as consomem, mas que pouco as recomendam em diferentes contextos.

Se as plataformas digitais são consideradas modelos de negócios que funcionam por meio de tecnologias (ALVES, 2014), adentrar este ambiente online que conecta quem produz a quem consome permite a mesma ao ser concebida desenvolver modelos, práticas, atitudes e informações capazes de interagir entre si, criando um outro valor de troca determinante para processos de formação, seja do trabalhador ou empreendedor no Brasil de hoje. Ao ser pensada para novas configurações de conhecimento, a plataforma em questão permite que o ecossistema empreendedor sob o viés racial tenha uma ampla fonte de materiais e assuntos capazes de valorizar a marca negra enquanto instrumento do processo de ensino e aprendizagem frente a metodologias e materiais educacionais.

Por suas habilidades e atitudes, o Mercafro torna-se potencializador de infoprodutos que podem ser distribuídos gratuitamente ou não, reconfigurando assim a noção de conhecimento e processos cujas funcionalidades permitem tornar as reflexões empreendedoras sob o viés racial conhecidas e consideradas, seja nos processos consultivos ou de tomada de decisão. Ter a orientação africana como parte do processo que forma e ajuda a pensar soluções para os desafios encontrados pelos empreendedores e intelectuais negros, é parte dos elementos

motivadores desta tecnologia em virtude da compreensão de que a cultura ocidental sozinha voltada para o ecossistema empreendedor e empresarial não tem respostas para os diferentes quadros mentais e psicológicos vivenciados pelo ecossistema econômico, empresarial e de negócios sobre o viés racial (SOUZA, 2019).

A temporalidade africana é, então, o elemento base desta tecnologia, já que não se pode pensar em um negócio apenas enquanto parte de uma única visão e sim, sobre diferentes pedaços de um ecossistema que atravessa uma variedade de organizações que co-existem a partir do que se vivenciou no passado, vive no hoje e pode viver no futuro (RAMOSE, 1999).

Ao ter como objetivo disseminar conhecimentos e informações sobre essa área de atuação, o MercAfro potencializa o mercado corporativo negro, construindo conhecimentos importantes para esses, pois se torna um espaço que via produção, análise e curadoria destas informações e conhecimento permite aos interessados ampliar seu repertório promovendo o reconhecimento de empreendedores, intelectuais e formadores de opinião, levando em conta que “a língua tem uma dimensão política que cria, fixa e perpetua relações de poder.

Sobre esse aspecto (KILOMBA, 2019), sinaliza que já que cada palavra usada por diferentes interlocutores define o lugar de identidade informando quem é normal e quem pode representar a verdadeira condição humana, este elemento faz com que as informações pensadas para a plataforma sejam avaliadas por fatores de competitividade a partir de abordagens produzidas, processadas e disponibilizadas sem deixar de fora o valor agregado destes atores a partir do entendimento de que informação é poder. Dessa maneira, a plataforma se desenvolve enquanto um mecanismo de processamento de informações, levando em conta que pouco se produz sobre o setor, o que faz com que pensar uma configuração estrutural apropriada e capaz de facilitar a coleta e distribuição de suas informações para o público externo seja determinante para os conteúdos recomendados dentro desta.

O desenvolvimento da categoria de análise, enquanto recurso competitivo da plataforma, utilizou então uma visão baseada em recursos (BARNEY, 1991), para elaborar sua estrutura informacional primária.

Neste sentido, estimular a quebra da crença de que a história não pode ser interrompida e transformada através de outras práticas e referencial teórico, é então para o MercAfro, conseguir se comunicar com o público em potencial, quando ele está mais aberto às soluções capazes de produzir algo novo a partir de uma nova

configuração que organiza não só conteúdos online seja via seleção ou organização destes conteúdos e conhecimentos.

Sendo o primeiro desenho da plataforma, os componentes de estrutura informacional abaixo modelada.

Quadro 2: Estrutura primária 01

 DESENHO DA PLATAFORMA		
ESTRUTURA ORGANIZACIONAL	PILARES DA PLATAFORMA	AÇÃO
PESSOAS	MÚLTIPLAS IDENTIDADES	REPOSICIONAMENTO DA INTELLECTUALIDADE NEGRA E SEUS CONHECIMENTOS DENTRO DO CENTRO ECONÔMICO EMPREENDEDOR
CONTEÚDOS	ECOSSISTEMA INFORMADO	APLICAÇÃO DE TECNOLOGIAS DE INFORMAÇÃO E COMUNICAÇÃO PARA PAUTAR O ECOSSISTEMA EMPREENDEDOR
TECNOLOGIA	GESTÃO DO CONHECIMENTO EMPREENDEDOR RACIAL	SER UMA FONTE DE INFORMAÇÃO ON LINE FACILITADORA DO CONTATO COM ESSAS INFORMAÇÕES E CONHECIMENTO
ESTRUTURA DE COMUNICAÇÃO	DISSEMINAÇÃO DE INFORMAÇÕES COM RECORTE RACIAL	AUXILIAR NA MUDANÇA DE PERCEPÇÃO SOBRE AS NARRATIVAS E IMAGENS EXISTENTES

Fonte – Elaboração própria

Existe uma relação sinérgica entre gestão do conhecimento e tecnologia. No caso da plataforma Mercafro, esta relação lhe possibilita ter como retorno crescente diferentes frentes de reprodução e recomendações, seja dos conteúdos, saberes ou conhecimentos. Ao aumentar o acesso à reflexão de outros pensadores sobre o ecossistema empreendedor, a plataforma oferece serviços não somente no âmbito da comunicação corporativa com recorte racial. Ela pontua oportunidades e desafios sobre a atividade empreendedora negra, seja pela estruturação de uma linguagem de superação que não é somente econômica, fazendo assim novas séries de perguntas e análise em diferentes contextos.

Alves (2014), considera que atender à necessidade constante de interações seja com conteúdos e estudos econômicos de interesse deste ecossistema pouco respeitado, abre espaço para conexão com uma cadeia de valor empreendedora

capaz de criar experiências de aprendizagem engajadoras não somente entre marca, pessoas e autoridades do setor.

Desta maneira, o formato de blocos \ infoprodutos presentes na plataforma a partir da estrutura informacional desenhada abaixo, tem como base os seguintes elementos.

Quadro 3: Estrutura primária 02

INFOPRODUTOS	FORMATO	OBJETIVO
VÍDEOS	Vídeos empresariais e inspiradores que tratam da dinâmica das economias locais e mostram trocas de experiência entre empreendedores em moldes diversos – pílulas, mentorias, palestras	Criar soluções globais que otimizem a cadeia produtiva de conhecimento e pensamento negro voltado para área econômica, financeira e empreendedora
TREINAMENTOS	Cursos de empreendedorismo e inovação para os empreendedores negros	Modelar a mudança de pensamento sobre o que é produzido de conhecimento sobre o viés racial na área econômica e empreendedora
CAMPANHAS DE MARKETING	Por meio da divulgação de peças publicitárias (cartazes, vídeos, marketing de conteúdo, newsletters e e-mails marketing), disseminar informações estratégicas	Visibilidade e impulsionamento de quem produz pesquisas, estudos e análises sobre o mercado corporativo negro por meio de novas estratégias e práticas digitais
CURADORIA DE CONTEÚDO	Pesquisa, seleção e adaptação de materiais, a fim de que se tornem relevantes para a plataforma Mercafro	Lapidação e estruturação dos estudos e conhecimentos produzidos por intelectuais negros para facilitar o aprendizado e/ou contextualizar dados importantes para o ecossistema empreendedor negro

Fonte: Elaboração própria

Sobre a nuance de uma sociedade que ainda que mostre modernidade continua fechada ao novo, a curadoria, sistematização e deste modelo de conhecimento e pensamento em um cenário digital permite à plataforma Mercafro fornecer conhecimento e networking capaz de apresentar insights e soluções que superem a lacuna entre o que se pauta de desenvolvimento e aprendizado efetivo sobre o viés racial via opinião especializada.

Evidenciar o conhecimento negro através de práticas de curadoria enquanto atividade de aprendizagem na formação empreendedora digital, não só reconfigura conhecimentos relacionados à seleção e organização destas, como também

estimula a troca de produção e criação de uma nova configuração de bens e serviços enquanto processos educativos e práticas corporativas na perspectiva digital negra. Diferentes estudos abordam a curadoria junto a plataformas digitais como atividade de aprendizagem que, ao se conectar com outras perspectivas, não só conduz a diferentes modelos de pensamento e contextos educacionais capazes de superar tanto pressões como apelos destes modelos de conhecimento considerando o contexto educativo, empreendedor e corporativo que consiste em:

- Achar: identificar um nicho; agregar;
- Selecionar: filtrar; selecionar segundo a qualidade, originalidade e relevância;
- Editorializar: contextualizar conteúdo; introduzir, resumir, adicionar a sua perspectiva;
- Arranjar/formatar: classificar o conteúdo; hierarquizar; leiautar conteúdo;
- Criar: decidir por um formato;
- Compartilhar: identificar sua audiência para saber qual mídia ela prefere usar;
- Engajar: ser o anfitrião da conversação, providenciar espaço e participar das conversas;
- Monitorar: acompanhar o engajamento, a liderança da conversação e melhorá-la.

Dar visibilidade a especialistas e analistas capazes de produzir números e informações sobre o setor empreendedor negro, faz com que a plataforma em questão se desafie diante da necessidade de digitalização e curadoria da informação e conhecimento disponibilizado por esses, seja em processos comunicativos voltados à comunidade (empreendedores negros) e instituições (ecossistema empreendedor) deste formato a partir de um design fluido que se ajusta a qualquer dimensão, seja essa um dispositivo móvel ou de produção sem desconfigurar ou perder informações.

Isto é importante, pois não levar esses fatores em conta tem feito com que as plataformas existentes deixem de fora tanto as trajetórias dos empreendedores negros quanto diferentes aspectos de vida social e econômica, fazendo com que outras frentes de negócios não sejam visibilizadas ou conhecidas. Promover a

integração com uma web interativa, sem esquecer seu papel social, faz com que, seja possível compreender o poder que é estimular a integração de conhecimentos e indivíduos diante de processos que, quanto mais fragmentados, menos geram interatividade, elemento importante para diferentes plataformas, pois por mais que se trate do mundo virtual, as pessoas continuam a ser pessoas.

O que torna a plataforma Mercafro uma tecnologia diferente, é o fato de, em sua concepção, a mesma incluir em seus dispositivos e formatos um tipo de informação que se destaca pela forma como pode ser utilizada em cada contexto diante de um modelo de interação que se adapta a essas. Navegar entre os diferentes trabalhos e pensamentos desenvolvidos por um conjunto de pensadores negros, nos permite identificar e selecionar materiais e trilhas relevantes de aprendizagem que contemplem diferentes processos sobre a perspectiva de uma curadoria digital, utilizando diferentes formatos.

4.5 Contribuições da Plataforma Mercafro para o conhecimento empresarial e empreendimentos negros

A internet é muito mais que um espaço onde se aprende algo. Ela ocupa um princípio de hierarquia que se transmuta de participação social sob constante vigilância e manutenção de narrativas de poder que, diante das mudanças tecnológicas, possibilitam explorar outras potencialidades, refazendo imagens e valorizando criatividade. Este fato constitui um dos eixos estruturantes da matriz da desigualdade social e racial, um dos elementos centrais da cultura do privilégio, características históricas das sociedades cuja origem remete a um passado econômico escravista que continua se reproduzindo na atualidade através de valores, práticas e instituições (BIALOSKORSKI, 2012).

Sob essa égide, as contribuições da plataforma Mercafro ocorrem no momento em que esta estimula e problematiza a construção de diagnósticos baseados em dados confiáveis, sistemáticos e desagregados, capazes de conectar os empreendedores negros enquanto potencial. Entender a relação das pessoas negras com o sistema produtivo econômico e de gestão diante da forma como são analisadas, evidencia as consequências do não uso de narrativas que rompam com o arquétipo de miserabilidade. Uma plataforma que estimula um outro modelo de especulação diante de uma desigualdade a que determinados segmentos estão

submetidos, de acordo com Silva (2020), rompe com um entrave que, ao longo do tempo, não permite por exemplo que empreendedores negros se conectem com bens ou interesses outrem diante de um patrimônio incapacitado de romper com uma não destruição sistemática e consciente de um apagamento sobre qualquer vestígio de empreendedorismo positivo.

Ao manter narrativas que se sustentam na ausência de especialistas e empreendedores com diferentes significados e especificidades das áreas envolvidas, esses arquétipos são comuns aos dados existentes quando se pensa no empreendedorismo ou processos formativos para pessoas negras. Explicitar características que têm impedido estes de conhecer referenciais sobre inteligência emocional e corporativa com viés racial, os coloca diante de um modelo de curadoria da informação que além de pouco abrir caminhos e visões para além das reflexões sobre racismo, não os permite ter acesso a um imenso volume de dados disponíveis na web (texto, áudio, vídeo, imagem) em diferentes formas.

Trata-se de formatos de atuação e construção empreendedora que estrutura e reproduz modelos de autoridades nos ambientes digitais (NUNES, 2019), que trazem como perspectiva empreendedora e econômica um entendimento e mentalidade de fracasso empreendedor negro.

Pontuar esses caminhos na tecnologia Mercafro, significa demonstrar aos diferentes atores do ecossistema empreendedor que uma cultura que é mais que computacional possui chances de desenvolver sua própria identidade e estabelecer demandas diante de políticas e plataformas orientadas a uma realidade e princípio de universalidade, referenciada em teorias consideradas inferiores no ambiente de gestão e administração empresarial.

Ter espaços, a exemplo da Tecnologia Mercafro estimulando o olhar crítico para as políticas públicas e normas sociais, contribui para englobar aprendizagem, estudos, curadoria e produção de conteúdos que, por sua vez, possam conectar e impactar pessoa. Sobre outros modelos de análises econômicas e empresariais. Para isso, faz-se necessário ultrapassar os limites impostos ao empreendedorismo negro, rompendo com a ideia de que para melhorar sua realidade, esses precisam de tutela constante justificada em narrativas de capacitação.

Olhar suas particularidades invisibilizadas, traz respostas a dúvidas sobre o que é considerado mercado empreendedor negro no âmbito de conteúdo, comunicação, desenvolvimento emocional, entre outros. Explorar esses novos

formatos e narrativas acessíveis sobre formação empreendedora sobre a óptica do pertencimento e política econômica através de conteúdos práticos – guias, ferramentas, vídeo-aulas e estudos de caso dentre outros, coloca-nos diante não só de informações de diversos períodos da história como permite a esses conhecimentos e pensamentos se tornarem acessíveis através da digitalização. Pacheco (2011) afirma que é o estudo que aumenta a capacidade de reconhecer oportunidades e ajuda as pessoas a terem outras percepções sobre as relações sociais que os afetam, a partir da identificação e entendimento de suas habilidades e processo empreendedor.

Procura-se então com o Mercafro construir e evidenciar outras visões sobre esses modelos de negócios, via o incentivo da ocupação do conhecimento de base racial nos espaços de formulação e pensamento empreendedor que envolva o uso de ambientes online específicos, capazes de facilitar a organização e o compartilhamento de informações que recuperem a dimensão crítica.

Organizar conteúdo de interesse destes, seja via curadoria do conhecimento negro no contexto da web ou que registre criticamente o impacto que os produtos empreendedores diversos têm na construção de outros perfis destes sujeitos nos ambientes digitais (AMARAL, 2012), permite abrir um constante dialogo entre a realidade e ficção que ignora o papel destes intelectuais, estudiosos e técnicos que buscam formalizar seus conhecimentos.

É a partir de seus intelectuais e pensadores que uma plataforma como o Mercafro pode se tornar protagonista da atuação de reconstrução deste conhecimento diante de mecanismos que os submetem a um processo de liberdade econômica tutelada e dependente de terceiros.

Para Fanon (1961), o racismo produz uma divisão maniqueísta do mundo entre a zona do ser e a zona do não-ser. Segundo ele, os sujeitos coloniais, em geral, e os negros, em particular, habitam a zona do não-ser e, por isso, são invisibilizados pelo olhar imperial que no caso deste estudo passa pela intelectualidade negra e suas diferentes visões econômicas e empreendedoras.

A elaboração do conhecimento a partir de uma localização particular permite então que o Mercafro dentro do ecossistema empreendedor, reinvente um projeto formativo virtual que além de político é humanista e de pertencimento narrativo.

Ao provocar reflexões, a plataforma emerge como um ato de curadoria e produção de conteúdos que passa a reescrever não só sua história, como faz com

que o empreendedorismo negro deixe de ser avaliado enquanto base de promessa econômica, sem suporte financeiro.

Construir outras narrativas sobre o que entendemos ser conhecimento empreendedor, estimula interações possíveis entre os sujeitos de forma a alterar a posição de entendimento sobre a importância do conhecimento com viés racial, tendo o decolonialismo em administração/gestão (ABDALLA E FARIA, 2016), enquanto ponto de fortalecimento destas habilidades. Essa perspectiva faz com que a plataforma lhes dê a oportunidade de ver suas problemáticas enquanto atores celebrados em um empreendedorismo, cujo debate não problematiza a ausência de dados e conteúdos que reflitam sua forma de gestão e construção econômica frente a um projeto colonial que se sustenta por essas não interpretações.

Incluir o conceito de “afrodescendente” e “negro ou preto” nos discursos oficiais e narrativas voltadas para o ecossistema empreendedor, adquire então relevância, pois é preciso evidenciar como os sujeitos de direitos e falas e os marcos legais que constroem ambientes empreendedores saudáveis os protegem sobretudo quando se refere a quem deve ou não deve ter acesso a financiamentos e investimentos para melhoria de seus negócios.

Pontuar a forma como ao longo do tempo, conhecimentos e práticas decoloniais voltadas para o empreendedorismo e modelos de gestão têm sido gerenciados, coloca esses empreendedores e a plataforma Mercafro diante de elementos e mecanismos de apropriação e subalternização, vinculados à matriz de colonialidade do conhecimento, do poder e do ser (GROSFOGUEL, 2008).

Sob essa óptica, compreender como as desigualdades étnico-raciais, no campo da virtualidade, constroem intersecção com os demais eixos, que, mesmo sendo estruturantes, ignoram a realidade empreendedora negra, sinaliza que, ainda que haja sujeitos negros com expressiva representativa no setor, a conversão de estatísticas em informação relevante sobre suas problemáticas se mantém distante de análises que sinalizam para a melhoria deste ecossistema.

É preciso superar as consequências de uma colonialidade, que como sinaliza Fanon, não acontece sem que se estruturam novos conhecimentos a partir da ideia de raça e colonialidade do poder, conceito elaborado por Quijano (2005).

Ao afirmar que essa estruturação estabelece divisões raciais na organização e nas relações intersubjetivas e na produção do conhecimento, o autor pontua que, se por um lado, a colonialidade do poder estruturou uma divisão em que os sujeitos

coloniais detentores das diferentes narrativas, salvo raras exceções, têm posições específicas no mercado de trabalho dentre outros, nas estruturas de poder formativo esses, praticamente não participam da produção do conhecimento frente a um projeto decolonial, que por outro lado, busca superar esta estrutura de poder por meio da decolonialidade do poder, do ser e do saber.

Ao retratar o mercado corporativo negro com informações necessárias ao conhecimento de sua realidade e exercício da cidadania com plenitude, a plataforma cumpre o papel de disponibilizar acesso a informações relativas ao empreendedorismo negro em uma estrutura modular, personalizada e flexível que contribui na forma de alavancar tanto o desempenho destes empreendedores, como os prepara para desafios futuros.

Pensar redes de aprendizagem, enquanto espaço de oportunidades de troca entre sujeitos sejam esses individuais ou organizacionais, faz com que as mesmas possam ser um provedor de dados e informações sobre o ecossistema empreendedor negro na diáspora, dando-lhes então a capacidade de atender às necessidades dos mais diversos segmentos vulnerabilizados, bem como de estruturação do que vem a ser um mercado corporativo negro.

Debater essa legitimação de espaços, é então desenvolver ações concretas de superação dessa invisibilidade a partir da interseccionalidade sofrida, em especial por mulheres negras, e que acaba tendo como desdobramentos a consolidação desta invisibilidade histórica em áreas que colocam o conhecimento empreendedor negro em situações que não o tiram do passado colonial agonizante.

A relevância da plataforma vem então enquanto parte das reivindicações pelo reconhecimento dos empreendedores negros enquanto históricos e se dá, sobretudo, pela necessidade de desafiar os padrões hegemônicos presentes na produção intelectual, seja da área administrativa, de gestão ou empreendedorismo.

5. METODOLOGIA

Este capítulo trata das proposições filosóficas norteadoras das escolhas de métodos e procedimentos para realização da presente pesquisa. Inicia-se apresentando a natureza metodológica da pesquisa; logo, são delineados o contexto, detalhes do ambiente de coleta de dados e os pormenores da organização da análise destes.

Diante das diferentes técnicas de produção e tratamento de dados de pesquisas, escolher a metodologia aqui utilizada foi entendida como a técnica mais coerente a partir do delineamento definido. Explanar sobre empreendedorismo e plataformas da área de formação on line, sem levar em conta a ação desta pesquisadora e dos pesquisados não faria sentido mediante o objetivo definido, o que fortaleceu ainda mais a escolha da referida metodologia.

Este trabalho, para ser desenvolvido, escolheu a pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, em virtude de esta permitir determinar o campo de ação, dialogando com as expectativas dos possíveis interessados em seu resultado final. Por permitir um constante vai e vem entre as fases, ponto importante para a dinâmica determinada neste estudo, essa também foi pensada por permitir diferentes auxílios ao processo de pesquisa.

Nesse contexto, para atingir os objetivos deste estudo, recorreremos ao procedimento metodológico de pesquisa-ação que de acordo com Gil (2010), difere-se das demais modalidades de pesquisa não somente por sua flexibilidade, mas também por essa escolha, quando de sua aplicação, ter por finalidade a elaboração ou entendimento de um instrumento de pesquisa adequado a uma realidade específica. A escolha, dentre as ações que a mesma permite à pesquisa exploratória, levou esse estudo a imersão sistemática a literaturas nacionais e internacionais disponíveis acerca do problema delimitado, nos permitindo um reconhecimento visual a partir das reflexões apresentadas e da consulta a diferentes sítios discursivos sobre o tema.

Essa escolha levou em conta também o fato de a mesma permitir a elaboração de um problema de pesquisa cujo tema, na maioria das vezes, possui pouco ou nenhum estudo prévio, o que acabou por proporcionar uma maior familiaridade com o problema, como sinaliza Gil, (2007), tornando-o mais explícito diante da hipótese construída que consiste na: Ausência do componente racial nas interpretações discursivas econômicas, administrativa e de Gestão.

Durante a formulação dos problemas aqui apresentados, buscou -se definir o mesmo com uma maior precisão, por conta disto esse estudo optou por se associar a um problema prático no intuito de pensar uma solução que pudesse ser aplicada após a conclusão deste referido estudo.

Neste sentido, ao classificar essa pesquisa em qualitativa ou quantitativa, foram levados em consideração os dados gerados por meio delas, de forma a

favorecer o entendimento do ato de pesquisar no meio acadêmico. Isto tornou possível definir a natureza do tema a ser pesquisado, direcionando para o enfoque que se desejava ao dialogar com as problemáticas definidas que consistem em pensar uma mediação teórico conceitual que abra e amplie o debate e as visões sobre o empreendedorismo negro e como esse é mostrado nas plataformas digitais a partir da atuação nas : a) Lacunas históricas e teóricas na área empresarial e econômica que fortaleceram a ausência do componente racial no debate de desenvolvimento; b) Menor acesso pelos empreendedores negros a conhecimento e conteúdo de planejamento e gestão de negócios que tenham o ecossistema negro como fonte de formação; c) Ausência de visibilidade e referenciamento de sua atuação em seu ecossistema, reforçando essas problemáticas; d) A forma como a iniciativa privada negra e suas especificidades é invisível na educação empresarial; e) Enfrentamento de problemas construídos a partir destas sinalizações que acabam fazendo com que a maioria destas dificuldades estejam para além do dinheiro. Isso foi importante, pois no contexto de ensino e aprendizagem a partir das plataformas digitais empreendedoras, o mérito desta pesquisa não está em oferecer respostas precisas, mas em possibilitar a compreensão acerca do processo investigado.

Diante da necessidade de compreender o que leva esses empreendedores negros ao fracasso e baixo investimento em seus empreendimentos, construir hipóteses a partir das práticas e perspectivas pedagógicas presentes nas plataformas digitais foi central para fundamentação deste estudo.

Na maioria das metodologias de pesquisa, a maioria dos autores acentuam que as hipóteses precisam ser expressas com termos claros, concisos, sem ambiguidade gramatical e que possam passar por uma verificação empírica.

Levando em conta que, na pesquisa-ação, as hipóteses são de natureza qualitativa e na maioria das vezes não envolvem nexos causais entre as variáveis (GIL, 2007), ter como elemento de definição das mesmas a partir da conduta praticada por um sujeito (Ausência do componente racial nas interpretações discursivas econômicas, administrativa e de Gestão) e o resultado dessa conduta (Menor acesso a conhecimento e conteúdos de planejamento e gestão de negócios que tenham o ecossistema negro como fonte de formação) fez todo sentido no processo de escolha.

No intuito de limitar um conjunto de relações que o processo empreendedor produziu ao longo da história para socialização dos conhecimentos/saberes empresariais produzidos no Brasil, sobretudo junto às plataformas de formação on line, notou-se que essa pesquisa precisava se ancorar em uma ou mais epistemologias, o que foi feito. A escolha da teoria do conhecimento adotada para esse estudo, passou pela defesa da opção decolonial em administração/gestão formulada por (ABDALLA E FARIA, 2017).

Para ambos os autores, existe um quadro duradouro de assimetria e injustiça no campo de administração/gestão, sustentado pela radicalização da universalização do conhecimento euro-estadunidense e correspondente subalternização de saberes do resto do mundo, o que acaba colocando a relação entre sujeitos pensantes e diferentes objetos produzidos por esses em uma posição marginal que ignora seu potencial da perspectiva decolonial no Brasil. Tomada essa decisão no que tange a definição da hipótese e problemáticas apresentadas, foi preciso dialogar com uma postura teórica metodológica que desse enfoque a mesma de maneira positivista, interpretativista ou crítica, como argumenta Creswell (2007). Ao enumerar as diferentes escolhas destas estratégias metodológicas, não se deixou de fora a seleção de técnicas e procedimentos aplicáveis ao contexto da investigação de forma a tornar possível a obtenção dos dados pretendidos que no primeiro momento, cogitou-se serem coletados via realização de um seminário.

Ao ser pensado nesta modalidade de coleta, se levou em conta o fato deste poder reunir um número significativo de pesquisadores da área e diferentes atores, essa modalidade foi descartada em virtude do momento pandêmico e realidade enfrentada por diferentes setores no pensar soluções rápidas e eficazes para resolução de problemas emergenciais e humanitários.

Trabalhar com a pesquisa exploratória de abordagem qualitativa, contribuiu para que fosse possível aprimorar as ideias estabelecidas de modo a considerar outros aspectos necessários ao desenvolvimento de respostas inovadoras, criativas e sustentáveis. Determinar os elementos a serem pesquisados, quando se pensa em uma plataforma formativa, voltada ao empreendedorismo sobre o viés racial, foi uma parte da seleção de amostra que precisou de muito foco e atenção.

Primeiro, porque o universo de investigação não era geograficamente concentrado e era em grande número, o que acabou por promover uma escolha

mais concentrada e segmentada, logo, essa foi também descartada para uma coleta de dados na qual se levou em conta a análise de conteúdos.

Para Anselm Struuss e Juliet Corbin (2008), as características de uma pesquisa qualitativa podem ser descritas como: (i) a fonte direta de dados e o ambiente natural, constituindo o investigador o instrumento principal; (ii) sua ênfase é na descrição dos processos; (iii) os investigadores tendem a analisar seus dados de forma indutiva; e, (iv) na operacionalização dessa estratégia, análise documental e da observação não participante, além de fotografias.

Enquanto que a pesquisa exploratória, é entendida como mais eficiente na busca das causas dos problemas estudados, uma vez que auxilia no melhor conhecimento do problema de pesquisa Gil (2007). Essa afirmação foi importante para esse estudo, pois em alguns momentos, os procedimentos de geração de dados afastaram-se um pouco do processo qualitativo e exploratório passando a dialogar com o método de estudo de caso, por conta das plataformas presentes neste estudo e com a observação participante, já que não ficaram de fora as experiências e aproximação com o tema vivenciado pela pesquisadora.

Neste sentido, a escolha desta modalidade de estudo, reforçou ainda mais a conexão com ideias e narrativas fora do padrão formativo empreendedor, fazendo com que a hipótese escolhida: Ausência do (ou que o) componente racial nas interpretações discursivas econômicas, administrativa e de Gestão promove junto a plataformas digitais de formação empreendedora, se alinhasse ainda mais com o modelo de coleta de dados utilizados para o referido estudo. Barros e Lehfeld (2007), destacam os seguintes aspectos nesta estratégia metodológica:

- a)** existe interação efetiva entre pesquisadores e pesquisados;
- b)** o objeto de estudo é constituído pela situação social e por problemas de diferentes naturezas;
- c)** a pesquisa-ação volta-se para a resolução e/ ou esclarecimento da problemática observada;
- d)** a pesquisa não fica em um simples nível de ativismo, mas tem como objetivo aumentar o conhecimento dos pesquisadores e o nível de consciência das pessoas e grupos considerados no referido estudo.

O uso de estudo de caso, em algumas partes deste estudo, colaborou para percepção de detalhes e evidências pela congruência do papel de pesquisador e de participante em uma só pessoa, pois, como salienta Yin (2001), ao tratar de estudo de caso, é essencial perceber a realidade do ponto de vista de alguém de ‘dentro’ do estudo de caso, e não de um ponto de vista externo (YIN, 2001).

Para alguns autores, estes elementos podem ser vistos como limitações ou pontos fracos nesta pesquisa, uma vez que esta não deixa de dialogar com as experiências e vivências da referida pesquisadora. Contudo, não se pode perder de vista as nuances do método observação na fase de apreciação das interações do grupo de participantes em lives e reuniões internas, primeiro por se tratar de um contexto de ensino e aprendizagem em uma estruturação diferente das ‘salas de aula’ convencionais e, como sinaliza Kilomba (2008), ser uma pessoa de “dentro”, produz uma base rica e valiosa em pesquisas centradas em sujeitos.

5.1. Desenvolvimento metodológico da Plataforma Mercafro

Metodologicamente, a tecnologia Mercafro foi desenvolvida enquanto um modelo de negócio, em formato de plataforma digital que permite a conexão entre conhecimentos produzidos por intelectuais e pensadores negros e o ecossistema empreendedor, empresarial e de formação com viés racial. Ela tem como papel conectar e qualificar esses atores de maneira que, além de interagirem entre si, possam ter um espaço de integração de fontes de informação e notícias voltadas para o empreendedorismo e comportamento econômico negro, de forma a promover tanto a democratização como ampliação do acesso a essas informações técnicas e científicas.

Pensada para ter como diferencial competitivo o desenvolvimento de habilidades tanto para se comunicar como relacionar de forma diferenciada com seu público-alvo, a tecnologia em questão, ao atuar com funcionalidades personalizadas, conecta uma identidade visual educacional e customizável através da história econômica destes. A tecnologia Mercafro ao ser de fácil navegação, tem capacidade para se tornar uma ferramenta tecnológica de qualificação, educação e visibilidade empresarial a partir da variável de cor e raça.

Pensada para funcionar como facilitadora de relacionamento sociais, educativas ou comerciais com viés racial, esta visa aproximar conhecimentos e

expectative intelectuais negras no meio digital, alicerçadas em novas formas de pensar.

A partir da geração de confiança e distribuição de conteúdos em condições de conectar interesses e pessoas, a tecnologia Mercafro promove interações de valor entre os envolvidos via produtos e serviços disponibilizados digitalmente sobre o ecossistema empreendedor negro, proporcionando facilidade de acesso a esse modelo de conhecimento.

Com instruções claras e detalhadas que permitem uma navegação sem grandes dificuldades, esta tecnologia foi criada entre julho de 2014 e julho de 2020 e, desde então, vem buscando dar uma abordagem diferenciada ao que é entendido e visto como empreendedorismo e mercado corporativo negro. Focada na experiência dos empreendedores negros e nos conhecimentos produzidos por pensadores e intelectuais cuja pauta racial é seu objeto de análise e discurso, o Mercafro nasce buscando ser uma plataforma eficiente e interativa.

Trata-se de um modelo de estratégia operacional que busca a gestão da informação e conhecimento em empreendedorismo e mercado negro e democracia digital. Desenvolvida em WordPress, o Mercafro tem a capacidade de fazer tanto a gestão como distribuição de conteúdos digitais de pensadores e intelectuais negros, transformando-os em empreendedores junto ao mercado do conhecimento através de produtos digitais com capacidade de serem escalados.

Ao disponibilizar ferramentas úteis para gerenciamento de conteúdos e exposição dos produtos, resultado da curadoria sobre seus conhecimentos, a plataforma com o decorrer da sua operacionalização, será coordenada de maneira descentralizada por meio de curadores de conteúdos e dados nacionais a partir de diferentes redes temáticas de instituições relacionadas à pesquisa, ensino ou serviços voltados para o empreendedorismo negro e suas reverberações.

Operada pelo Mercafro Educação e Formação On Line, tendo como proprietária e idealizadora Luciane Reis, a referida tecnologia, voltada a área de educação para o empreendedorismo a longo prazo, operará em três idiomas (inglês, português e espanhol). A plataforma tem então uma interface integrada de busca no modelo IAEx, a partir da interoperação com diferentes plataformas de conteúdos a exemplo do Youtube, Instagram e plataformas de armazenamento de revistas *on line* que torna desnecessário para o uso desta tecnologia um conjunto rígido de regras, tornando o Mercafro de fácil navegação e acesso a conteúdo frente a um espaço

pouco explorado por segmentos menores e mais específicos deste mercado de tecnologia de educação.

As informações e conteúdos presentes no portal serão compostas de bases de dados bibliográficos, produzidos por intelectuais e organizações como Preta Hub, além da base de dados junto a institutos de pesquisas em especial os produzidos por especialistas em análises raciais. Sobre a análise de técnicos e especialistas na questão racial, esses conhecimentos permitirão se construir outros tipos de fontes de informação enquanto recursos educacionais abertos, sites de internet e eventos científicos. Ao ter conteúdos de fácil compreensão para a maior parte de seu público, a estrutura virtual desta tecnologia disponibilizará tópicos e discussão produzidos a partir de diferentes iniciativas, forma a se tornar um repositório de produção e curadoria de informações e dados relacionados ao ecossistema empreendedor sobre o viés racial.

Antes de começar efetivamente a pensar como a plataforma seria programada, foi escolhida como metodologia de desenvolvimento de seu software o modelo de metodologia ágil em detrimento do modelo em cascata.

Essa escolha se deu por conta do modelo em cascata ter como característica uma fase de desenvolvimento que depende de uma sequência pré-determinada, o que acaba por fazer com que cada etapa para sua criação dependa da anterior. Já na metodologia ágil, não é preciso esperar até o término da mesma para se ter parte dos produtos desejados.

Assim, essa dialoga com uma gama de funcionalidades capazes de fornecer informações detalhadas sobre diferentes estudos e conteúdos disponibilizados semanalmente a partir da coleta de metadados (dados sobre outros dados) presentes em diferentes ambientes e fontes de informação sobre o tema e recorte.

A partir da definição dos temas que auxiliaria na elaboração dos wireframe, as fases de desenvolvimento permitiram que ao fazer o esqueleto do site, fosse possível entender e ter uma ideia sobre como esse seria. Com o auxílio das referidas fases, ficou visível como funcionaria as divisões internas das páginas, sua estruturação e resultados junto as páginas de busca. No intuito de assegurar a qualidade das informações e conteúdos disponibilizados na plataforma, adotou-se os pressupostos adaptados das reflexões de Echer (2005), apresentados na figura a seguir:

Quadro 4: Fluxograma com as etapas de desenvolvimento e validação da plataforma digital Mercafro.



Fonte: Echer (2005)

O Mercafro vem então como um espaço que apresenta formulações teóricas sobre o setor empreendedor a partir do viés racial. Buscamos com o decorrer do tempo e estruturação do site ser um negocio social cuja expertise mais profunda está na pauta racial voltada para a economia e desenvolvimento a partir de conteúdos múltiplos produzido por pensadores, artistas, cientistas e líderes com conhecimento profundo na área.

Com base neste modelo, foi feito a maquete da plataforma Mercafro como disponibilizado no quadro a seguir.

Quadro 5: Maquete da plataforma Mercafro

EQUIPE DE PRODUÇÃO	AValiaÇÃO DAS NECESSIDADES	ESBOUÇO DO SITE - MAPA DO SITE	WIREFRAMES - ESBOUÇO DO CONTEÚDO DISPONIBILIZADO	ARTE PÁGINA INICIAL SITE	DESENVOLVIMENTO PÁGINAS INTERNAS	CODIFICAÇÃO - VALIDAÇÃO E PREENCHIMENTO CONTEÚDO	TESTE DA PLATAFORMA E NAVEGADORES	AJUSTES, CADASTRO EM MECANISMOS DE BUSCA
ENCONTRO INICIAL	SEMANA 1	SEMANA 2	SEMANA 3	SEMANA 4	SEMANA 5	SEMANA 6	SEMANA 7	SEMANA 8
MERCAFRO	Retorno da Avaliação das Necessidades	Avaliação do Esboço Mapa do Site	Avaliação Wireframes - Esboço do Conteúdo a ser Disponibilizado - Cadastro Conteúdo Site	Avaliação da Arte Ppágina Inicial Site	Avaliação Desenvolvimento Páginas Internas		Avaliação Final	Lançamento

Fonte: Elaboração própria

➤ Organograma de desenvolvimento da Tecnologia Mercafro

Após essas etapas de elaboração abaixo, o Mercafro demonstrou que é preciso institucionalizar o mercado empreendedor negro enquanto parte dos elementos de superação desta desigualdade. Desta maneira ao deliberar que após seu desenvolvimento esses conteúdos terão o formato de artigos, notícias, entrevistas dentre outros, o Mercafro será um espaço para refletir, comentar e compartilhar soluções práticas de alteração deste ecossistema negro.

O primeiro infoproduto da plataforma teve como espaço de armazenamento o Youtube e de veiculação uma Tv pública denominada TV Kirimuré. Os vídeos produzidos, mesmo sem grandes divulgações, em virtude de ser produto parte deste estudo acadêmico, têm até o momento 250 inscritos e um total de 800 visualizações. Ao buscar auxiliar pessoas interessadas em usar informações de alta qualidade para tomar decisões em relação à realidade econômica das pessoas negras, as interfaces

da plataforma permitem que se possa postar matérias, imagens e vídeos. Sua diagramação digital possibilita consultas sobre diferentes formatos.

Quadro 6: Etapas de planejamento do site 01



Fonte: Elaboração Propria

Isto futuramente permitirá à tecnologia Mercafro, desenvolver estratégias voltadas para melhoria do conhecimento empreendedor negro através do aumento do conhecimento destes com relação a sua realidade. Dividida em tópicos que contribuíram para uma melhor abordagem das temáticas e elaboração de instrumento de ensino-aprendizagem, a visibilidade dos estudos existentes em forma de matéria, artigos, fotos, revista ou vídeo terá as seguintes configurações internas a ser apresentada na figura a seguir.

Quadro 7: Etapas de planejamento do site 02

TÍTULO	Neste espaço constará matérias, imagens e vídeos mostrados na home.
ADICIONAR MÍDIA	Este espaço será um meio de trazer para o site as imagens e vídeos que são adicionados na Área de edição.
ÁREA DE EDIÇÃO (COM FUNÇÕES QUE LEMBRA O WORD)	Aqui será preenchido o conteúdo das matérias com palavras-chave de modo criterioso e harmonioso. (Visual: interface normal; Texto: interface de programação).
ID DO VÍDEO NO YOUTUBE	Nesta aba, fica em destaque na home os vídeos a partir da URL publicada conforme exemplificado em plataformas WordPress.
CATEGORIAS	Aqui será mostrado em qual família de assunto a matéria se encaixa e será organizada.
TAGS	Aqui será definida as tags mais usadas” além dos destaques. Desta forma, o post com a data mais recente circulará nestes.
IMAGEM DESTACADA	Neste espaço, é definida a imagem que aparecerá na área de destaque no home da plataforma.
PUBLICAR	Para serem visíveis ao público, esta aba armazena às atualizações do site. Tendo como funções: Visualizar Alterações: clica-se neste para ver as alterações antes de ser disponibilizada ao público. Desta forma aparecerá o status: Publicado dando assim ao público visibilidade sobre o conteúdo.

Figura: Elaboração própria

A plataforma ainda não está em uso, mas os diferentes infoprodutos criados para a mesma já foram testados, recebendo inclusive aportes financeiros do “Programa Marielle Franco de Aceleração do Desenvolvimento de Lideranças Femininas Negras”. O sistema de navegação da plataforma é feito então via seu menu inicial que permite aos usuários serem direcionados a categorias dos posts sem muitas dificuldades, uma vez que ao abrir o site, este tem acesso a um conjunto de páginas que os leva aos conhecimentos, estudos e pesquisas armazenado como mostrado adiante.

Figura 1: Interface plataforma Mercafro



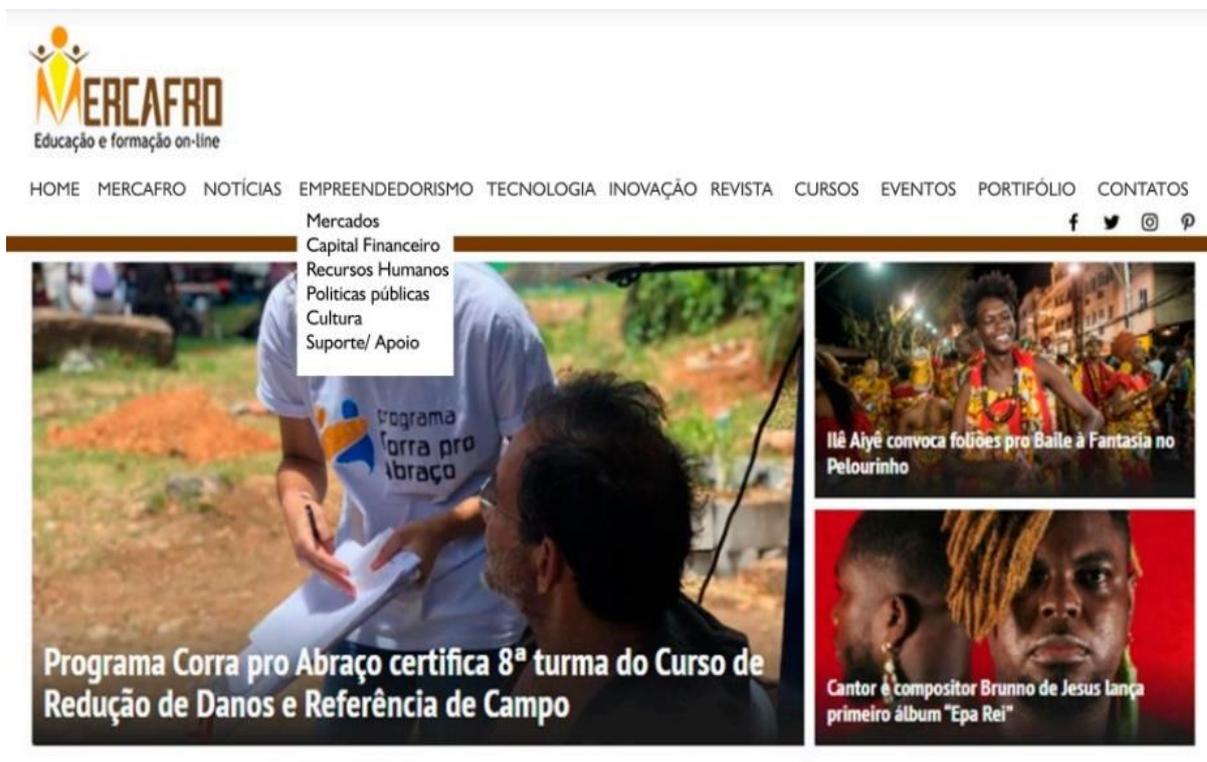
Fonte: Mercafro (2021)

Ao ter como narrativa o conhecimento ligado ao empreendedorismo negro e forma como a sociedade e seus diferentes atores usam esses conhecimentos em seus processos formativos nas plataformas digitais, o estudo buscou evidenciar a falta de acesso e visibilidade qualificada e atualizada sobre empreendedorismo negro e seus protagonistas. Com relação a interface, a plataforma buscou elementos visualmente perceptível de forma a leva o usuário a uma interação positiva via um conjunto de controles e canais sensoriais as quais os usuários poderão se comunicar através de um grau de usabilidade amigável e intuitiva em virtude de uma base de dados que não só apresenta solução como proposição de valores e capital.

Após a catalogação de sua base de dados, os trabalhos que resultaram dessas três etapas do processo de condução foram lidos novamente no intuito de melhor explorar o objetivo previsto na questão da pesquisa, bem como permitir uma

análise mais aprofundada dos dados encontrados neste estudo\ pesquisa que se iniciou-se mês de outubro de 2019 e foi concluída no mês de dezembro de 2021.

Figura 2: Interface plataforma Mercafro



Fonte: Mercafro (2021)

5.2 Especificação da Plataforma Mercafro

Ser uma tecnologia da informação especializada em facilitar a aprendizagem, protagonismo e autonomia a partir do conhecimento de intelectuais negros, torna a plataforma digital Mercafro uma ferramenta pronta para reconfigurar e inovar uma cadeia de valor que traz várias habilidades com relação a produção de conhecimento sobre o viés racial. O processo de especificação da plataforma parte, então, do entendimento da importância do empreendedorismo e diferentes intelectualidades no processo histórico empreendedor brasileiro a partir do recorte de raça nas plataformas digitais. Desta maneira, ter a interdisciplinaridade como elemento primordial para concepção da tecnologia aqui apresentada, não só permitiu demonstrar ser essa uma pesquisa que rompe a fronteira entre a observação distante do pesquisador e os atos dos grupos com os quais ela se vincula para sua realização.

É preciso lembrar que a tecnologia apresentada neste estudo não tem exemplos conhecidos sobre a perspectiva racial de administração\gestão de forma a

ser um elemento que auxiliem pesquisadores negros da área do empreendedorismo e desenvolvimento em virtude dos dados existentes não sofrerem por novas coletas ou formulação para os diferentes setores que a mesma se faz necessária, a exemplo da gestão pública. Como este modelo de pesquisa constitui uma das primeiras etapas de quem busca um estudo mais amplo diante de temas pouco explorados.

Sua justificativa passa pela possibilidade da concepção de instrumentos adequados aos contextos e sujeitos que se buscou investigar, e por permitir trazer como elementos de contribuição para a tecnologia social em desenvolvimento, diferentes narrativas e visões do que é considerado empreendedorismo e empreendedor com escalabilidade comercial e social.

A escolha desta tecnologia e tema, se dá então em virtude da não existência de uma cobertura global, cuja base de dados dialogue com conhecimentos especializados voltados para o empreendedorismo negro e suas diferentes narrativas.

Um dos seus aspectos positivos, é que ao pautar o investimento em ações de Treinamento, Desenvolvimento e Educação empreendedora e corporativa em uma plataforma digital sobre o viés racial, uma tecnologia como o Mercafro visibiliza e permite o acesso de forma agregada a fontes de informação e pensamento administrativo sobre o viés racial.

Bastos (2004), considera como relevante o fato de que ao facilitar o contato com outros formatos de aprendizado e desenvolvimento de conhecimentos, habilidades e atitudes necessárias a atividades produtivas e operacionais, os sujeitos que, no caso deste estudo é o empreendedor e o ecossistema corporativo negro de formação se conecta com uma frente de desempenho organizacional a partir do que ele tem como relevante e de valor (BORGES-ANDRADE, 2002).

Para esses autores, os modelos de treinamento aqui apresentado propiciam oportunidades de aprendizagem cujos propósitos estão relacionados a: (1) à identificação e superação dos obstáculos enfrentados, (2) preparação para novas funções e narrativas (3) retreinamento para adaptação de novas tecnologias seja no mercado de trabalho e em outras áreas de atuação intelectual.

Sobre essa ótica foi estabelecido critérios capazes de entender o problema determinado por meio de ações diretas a partir de três fases definidas por Kitchenham (2004), denominado planejamento, realização/condução e a análise dos resultados do mapeamento sistemático.

A fase de planejamento do mapeamento sistemático, (KITCHENHAM, 2004), envolveu a questão de pesquisa que norteará todo o desenvolvimento deste estudo ferramenta de planejamento o método de classe String⁷. Com esse método, buscou-se manipular o uso dos objetos definidos para o estudo, uma vez que, ele fornece um vocabulário avançado para pesquisar por padrões de texto.

Este fato torna o mesmo uma opção valiosa quando se procura por uma cadeia de caracteres exatos e que, por conta disto, buscou-se pesquisar por textos específicos que dialogassem com termos que permitirão uma seleção das temáticas que abarcam a questão principal de pesquisa.

Além disso, foram estabelecidos critérios de inclusão e exclusão que ajudaram na escolha dos trabalhos que mais se identificaram com o objetivo apresentado na questão da pesquisa. Posteriormente a essa seleção, foram escolhidos termos a serem utilizados na busca de forma que esses englobassem melhor o objetivo deste estudo. Por resultarem em pensamentos, discursos e evidências mais adequadas à questão da pesquisa, os termos utilizados foram: “Educação corporativa”, or “plataformas digitais” or “intelectualidade negra” and “racismo epistemológico” or “democracia digital”.

As plataformas e estudos selecionados foram escolhidas por apresentarem textos completos das pesquisas realizadas no âmbito acadêmico brasileiro e da diáspora negra. Isto acabou permitindo se ter uma visão mais ampla de cada estudo, bem como entender como fazer uma melhor aplicação das técnicas de produção e tratamento de dados utilizados, sendo os Catálogos de Teses e Dissertações (CTD) da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (Capes), Biblioteca Eletrônica Científica Online (SciELO) e um mecanismo virtual de pesquisa livremente acessível – (Google acadêmicos).

Foi usado também matérias jornalísticas, depoimentos em eventos coordenados por pessoas negras, publicações e livros voltados para a questão econômica negra e plataformas da área empreendedora.

De forma a demarcar a busca destes conhecimentos, examinou-se as dinâmicas empresariais e intelectualidade nos processos ecossistêmicos formativos brasileiro entre 2010 e 2020, o que delimitou para esse estudo um período de 10

⁷ O método de classe Sting trata-se de uma cadeia de caracteres cuja coleção sequencial é usada para representar texto. Esta representa então uma cadeia de caracteres que ao corresponder a uma unidade de código UTF-16 seleciona os conteúdos mais relevantes. (Fonte: Microsoft)

anos. Esta delimitação se deu com o intuito de encontrar estudos mais atuais que apliquem, integrem e pautem o conhecimento empreendedor negro e suas dinâmicas diante da constante evolução do ambiente formativo voltado para o empreendedorismo on line.

Além disso, escolheu-se ciências humanas como grande área do conhecimento e educação corporativa voltada para administração e gestão como área específica e de avaliação, visto que a pesquisa se desenvolve em um curso de pós-graduação em Desenvolvimento e Gestão Social, nível mestrado.

Para alguns pesquisadores o planejamento de um Metodologia não deixa de abordar os critérios de inclusão e exclusão, neste sentido, segundo Kitchenham (2004), são parâmetros definidos para esses estudos a seleção dos trabalhos relevantes e eliminação dos não relevantes enquanto forma de obtenção dos dados.

Para os critérios de inclusão (CI) e exclusão (CE), expostos no Quadro 1, foi pensado um modelo de tratamento e análise de dados que complementa a investigação inicial delimitada pelas Sting escolhida. Essa seleção foi necessária, pois, mesmo com o uso de uma string específica e escolhida conforme as necessidades do estudo, as produções acadêmicas e plataformas resultantes desta aplicação englobavam apenas um ou outro termo, não estando então de acordo com as necessidades do escopo de busca estabelecidas que tinha entre suas premissas falar sobre a conexão histórica e comportamental econômica negra antes e durante o colonialismo sem deixar de fora os impactos nos tempos atuais.

Era preciso também que os estudos selecionados dialogassem e fossem capazes de refletir sobre as tecnologias que vêm sendo desenvolvidas e pensadas nos tempos atuais, levando em conta “uma geração de conhecimentos capazes de acrescentar algo à compreensão do problema que nos interessa” (GATTI, 2002). Diferentemente de outras áreas, a elaboração de conhecimentos e produtos digitais com viés racial, não pode ser realizado levando em conta somente os modelos de conhecimentos como se tem feito nos tempos atuais. Mapear quem desenvolve estudos e trabalha com formação empresarial levando em conta o critério de raça, é importante, uma vez que os desdobramentos e reflexões sobre as possibilidades de uso pedagógico destes recursos e habilidades nos dispositivos móveis corroboram com a aprendizagem dentro ou fora de sala de aula.

Esses critérios permitiram estabelecer um melhor panorama sobre as principais causas de supressão de estudos dos resultados finais de maneira a deixar uma amostra relevante como evidenciada no Quadro abaixo.

Quadro 8 – Critérios de inclusão e exclusão

CRITÉRIOS DE INCLUSÃO – CI	CRITÉRIOS DE EXCLUSÃO - CE
CI.1- Diagnostico do público alvo – Estudos que apresenta como abordagem de pesquisa pesquisa-exploratória \ Entrevistas e bibliografias voltadas para empreendedorismo e Plataformas digitais com e sem viés racial	CE.1- Público não enquadrado em empreendedor negro e estudos que não apresentam como abordagem de pesquisa a pesquisa-exploratória \ Entrevistas, bibliografias e plataformas que não pautam a intelectualidade negra e a diversidade empreendedora
CI.2- Dados e reflexões que apresentam desenvolvimento, aplicação e/ ou integração de ferramentas tecnológicas em ambientes educacionais empreendedores.	CE.2- Textos, plataformas e dados que não Apresentam desenvolvimento, aplicação e/ou integração de ferramentas tecnológicas em ambientes educacionais empreendedores
CI.3- Plataformas e reflexões que apontam a importância e impacto do empreendedor e intelectual negra nos processos formativos empresarial e econômico	CE.3- Apresenta apenas a utilização de ambiente virtual e narrativas de de aprendizagem para desenvolvimento de uma pesquisa, não sendo o ambiente tecnológico e sua diversidade o foco do estudo.
	CE4 – O texto na íntegra que não foi encontrado ou pautar o empreendedorismo negro e suas potencialidades on ou off line

Fonte: Elaboração própria

A ausência de um espaço de reunião e produção de conteúdos voltados para formação e reconstrução de narrativas empresariais e empreendedoras com o viés racial, se torna fundamental, pois é preciso pensar espaços de integração destas fontes de informação voltadas para o empreendedorismo e comportamento consumidor negro. É em virtude da análise destes modelos de treinamento empreendedor, que este estudo entende as plataformas digitais, como um ponto que precisa ser revisto enquanto aliado, seja da potencialização da aprendizagem ou empoderamento diante dos modelos formativos tradicional e digital.

Silva (2020) afirma que “ a colonialidade automatizada presente nos algoritmos e aprendizado de máquinas, acaba fazendo com que as plataformas de mídias promovam a naturalização de processos e relações que se automatizam via inteligência artificial”. Para esse ao promover uma dupla opacidade, essas

plataformas acabam fazendo com que os discursos hegemônicos invisibilizem tanto os aspectos sociais da tecnologia, como os debates sobre a primazia das questões raciais nos diferentes espaços da sociedade.

Os instrumentos de pesquisa escolhidos, então, se enquadram na Análise de conteúdos. Segundo Bardin (1977), a análise de conteúdo é um conjunto de técnicas de análise das comunicações, que utiliza procedimentos sistemáticos e objetivos de descrição do conteúdo das mensagens. De acordo com sua afirmação, essa especificidade técnica, está na inferência de conhecimentos relativos às condições de produção (eventualmente recepção), e na forma que essa inferência ocorre a partir de indicadores quantitativos ou não.

O que leva a compreensão de que o uso desta técnica nesta pesquisa, dialoga com o estudo tanto dos conteúdos nas figuras de linguagem (no caso das plataformas analisadas e entrevistas) e nas reticências (via livros e artigos) definidos como elementos verídicos e confiáveis de estudo onde diferentes visões são colocadas distante das narrativas apresentadas.

Sobre essa perspectiva, é importante destacar a semântica presente nos objetos analisados para o desenvolvimento do método, tendo como base do modelo oferecido o: domínio da linguística (aspectos formais típicos do autor ou texto), métodos lógicos estéticos e formais (análise de discurso), métodos lógicos semânticos (como é interpretado e entendido- psi), métodos semânticos e semânticos estruturais (como é entendido socialmente- visão social) e hermenêutica (como forma o campo semântico da imagem).

Como um dos grandes “nós” em relação a essa abordagem, se encontra na forma como é possível visualizá-lo no campo objetivo, optou-se por usar o princípio mais palpável neste estudo que é dialogar com essa técnica a partir do campo simbólico, ou seja, daquilo que não está aparente na mensagem.

Enquanto fontes primárias⁸, foi usada entrevista de principais nomes na área do empreendedorismo e do empreendedorismo negro a exemplo da Preta Hub - Hub de criatividade, inventividade e tendências pretas. Essa fonte resultado de dezoito anos de atividades do Instituto Feira Preta no mapeamento, capacitação técnica e criativa enquanto aceleradora e incubadora do empreendedorismo negro no Brasil.

⁸ Documentos analisados para criar informações

Livros como os produzidos pelo Projeto Brasil Afroempreendedor, iniciativa que tem buscado promover o desenvolvimento social e econômico do Brasil, junto a microempresas e empreendedores individuais afro-brasileiros, pensamentos e reflexões de pesquisadores do GT - BRASIL2022|BAHIA2023, grupo de estudo voltado para a análise das políticas públicas de desenvolvimento e desigualdades raciais no Brasil, formada pelos principais nomes da área de pesquisas econômicas e sociais e que a referida pesquisadora é membra.

Já as fontes secundárias⁹ usadas, passam pela residência social realizada no período de 15 dias na Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais- SEI, lives promovidas por organizações e intelectuais negros em redes sociais como Instagram e Zoom, artigos, teses e dissertações presentes nos principais sites de artigos acadêmicos do país.

A condução do mapeamento sistemático defendida por Kitchenham (2004), traz como segunda fase de pesquisa a condução do processo estabelecido que se distribuiu em três etapas: na primeira, ocorre a aplicação da string de busca no Catálogo de Dissertações e Teses (Capes e demais), plataformas digitais, matérias jornalísticas e interações virtuais; a segunda é dada pela seleção dos trabalhos, dentre os encontrados pela string de busca, que se encaixam nos critérios de inclusão e exclusão, a partir da leitura do título, resumo e palavras-chave; e a terceira se refere à extração, ou seja, à leitura integral dos trabalhos já selecionados, aplicando-se novamente os critérios apresentados no Quadro 1 acima.

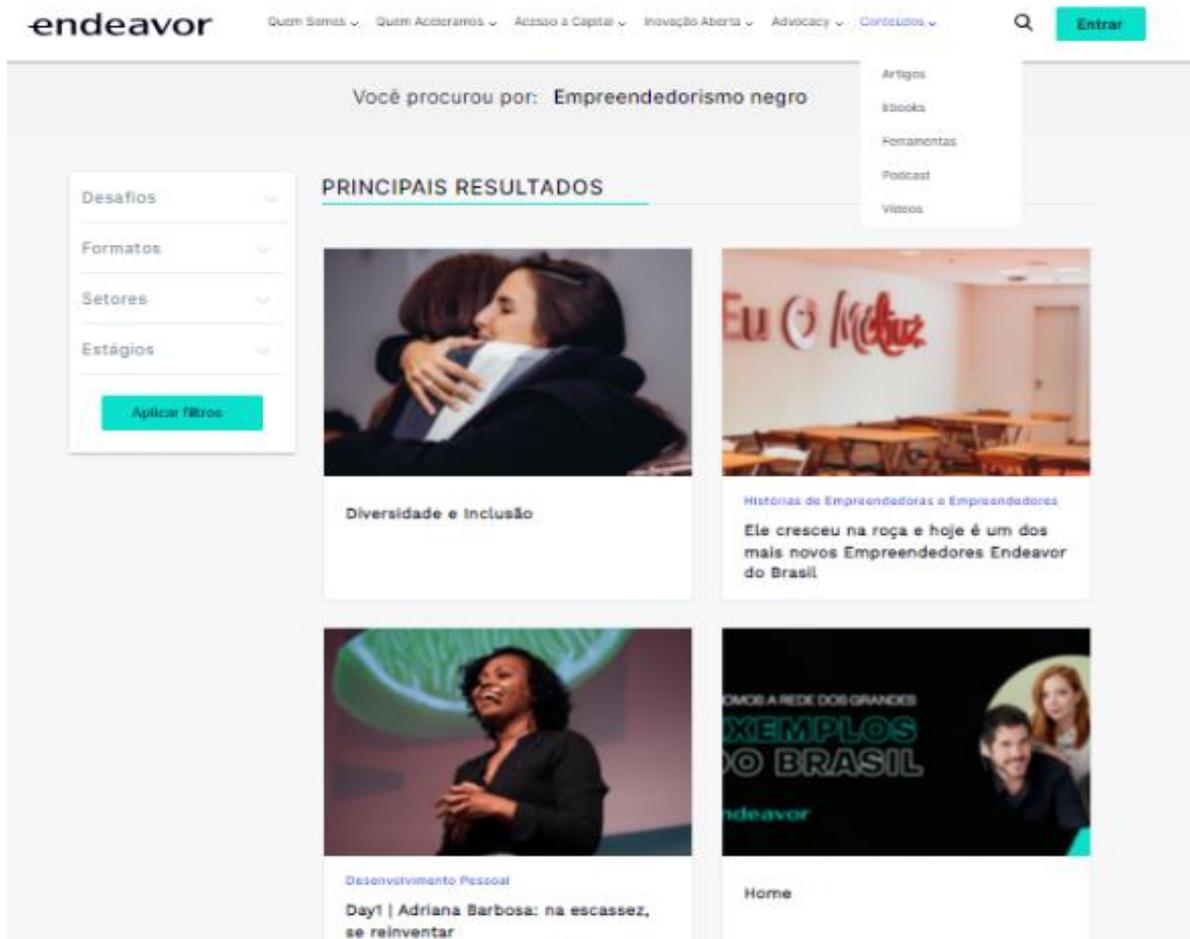
A aplicação da string e dos filtros de seleção gerou uma busca inicial de aproximadamente 2.230.000 resultados em todos os meios pesquisados. Durante a etapa de seleção foi possível diminuir esse número para 253.000 na Capes e demais e 63.400 quando se usa como buscador o site da Endeavor e Sebrae, plataformas parte deste estudo.

Um dos critérios que ajudou a reduzir o número para a referida pesquisa, é o fato destes conteúdos estarem distribuídos nas mais diferentes plataformas que citam ou replica esses conteúdos das plataformas analisadas tirando deles o ineditismo. Uma análise mais criteriosa permitiu por exemplo encontrar o mesmo conteúdo com o mesmo título em uma média de 450 plataformas ou sites diferentes, não tendo necessariamente o debate do empreendedorismo enquanto linha editorial.

⁹ Informações que já foram elaboradas

No caso da Endeavor, mesmo seus conteúdos sendo replicados por diferentes meios digitais, quando se entra em sua base institucional e analisa seus espaços de armazenamento (artigos, ebook, ferramentas de gestão, podcast e vídeos), esses conteúdos se resumem a quatro (04) resultados que pautam o empreendedorismo negro conforme figura.

Figura 3: Empreendedorismo negro/ representação – Endeavor



Fonte: Site Endeavor (2021).

O fato desta se propor “gerar desenvolvimento econômico impactando comunidades locais”, o que aparece como resultado de análise, demonstra que mesmo sendo uma plataforma referência em empreendedorismo no Brasil, o empreendedorismo negro não faz parte de seus repertórios, recursos audiovisuais ou referências institucionais de suporte a partir e histórias de sucesso dentro do seu famoso DAY ONE.

Ao usar a mesma string com o nome do Sebrae, diferente do site da Endeavor, foi possível notar a existência de um número maior de conteúdos voltados para o empreendedorismo negro aproximadamente 174.000 resultados, fruto de notícias e ações desenvolvidas pelo mesmo em parceria com outras instituições. Ao adentrar a plataforma institucional e buscar narrativas empreendedoras negras em seu ambiente digital, esse número tem uma queda significativa demonstrando que em 49 anos de existência, as publicações presentes na plataforma on line do SEBRAE voltadas ao empreendedorismo negro fruto de narrativas próprias e não noticiadas por parceiros e apoiadores se resumem a 33 resultados, conforme mostra a figura.

Figura 4: Empreendedorismo negro/ representação - SEBRAE

The screenshot shows the SEBRAE website interface. At the top, there is a navigation bar with the SEBRAE logo, the location 'Bahia', and various menu items like 'Cursos e Eventos', 'Serviços digitais', 'Conteúdos', 'Sebrae nos estados', 'Fale conosco', and 'Notícias'. Below the navigation bar is a search bar containing the text 'empreendedorismo negro'. Underneath the search bar are filter options for 'Estado', 'Temas de Gestão', and 'Segmentos'. A horizontal menu below the filters includes 'Todos', 'Textos informativos', 'Vídeos', 'Notícias', and 'Cursos e Eventos'. The main content area displays '33 resultados para os filtros selecionados.' and a sorting option 'Ordenar por: Relevância'. Two search results are visible: one titled 'O empreendedorismo abre horizontes e transforma o...' with a subtext 'Estudante, seja você o agente de transformação da sua realidade.', and another titled '6 passos para abrir seu novo negócio' with a subtext 'Confira o que você precisa saber para montar uma empresa e se tornar um empreendedor de sucesso.'. To the right of these results is a 'Veja também:' section with links for 'Pesquisa de mercado', 'Mercado', 'Pesquisa de mercado', and 'Mercado óleo essencial'.

Fonte: Site Sebrae (2021)

Para a Superintendência De Estudos Econômicos e Sociais do Estado da Bahia- SEI, esses dados são ainda mais preocupantes. A SEI foi o espaço onde realizei minha residência social. Durante a Residência, procurei conhecer como a Superintendência de Estudos Econômicos e Sociais da Bahia (SEI), atua no levantamento e estruturação de dados para a consolidação de estudos e pesquisas que buscam subsidiar o planejamento governamental. O impactante é que, ainda que a Bahia seja o estado com o maior contingente populacional de pessoas negras, os estudos voltados para o empreendedorismo negro e suas nuances não

estão disponibilizados na referida plataforma. Ao usa a string “ empreendedorismo negro” em seu ambiente institucional, esse não apontou para nenhum estudo realizado pela mesma conforme demonstra a figura.

Figura 5: Empreendedorismo negro/ representação - SEI

The image shows a screenshot of the SEI (Sistema Eletrônico de Informações) website. At the top, there is a navigation bar with links for 'Site do Governo', 'Transparência', 'Ouvidoria Geral', and 'Acessibilidade'. Below this, the SEI logo and the Government of Bahia logo are visible, along with the slogan 'BAHIA. AQUI É TRABALHO.'. A prominent banner for 'CORONAVÍRUS COVID-19' with the subtitle 'Informações e Orientações' is displayed. The main navigation menu includes 'SEI', 'SEI Bahia', 'Administrador Local', 'Legislação', 'Capacitação', 'Notícias', and 'Gestão Documental'. A search bar is present with the text 'Empreendedorismo negro' and a search icon. Below the search bar, it says 'Your search yielded no results.' The footer contains contact information for SAEB | Estado da Bahia, including the address 'Av Luis Viana Filho, 200 - 2ª avenida - CAB', CEP '41745-003 - Salvador - Bahia', and email 'seibahia@saeb.ba.gov.br'. It also includes a Creative Commons license notice: 'Creative Commons Atribuição-SemDerivações 3.0 Brasil.' and a small icon for 'CC BY ND'.

Fonte: SEI (2021)

O fato da instituição trabalhar com outros bancos de dados a exemplo do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, dentre outros demonstrou que o problema de produção de estudos e dados sobre esse segmento na perspectiva econômica não é pontual, mas sistêmico, uma vez que envolve a ausência de interesse e compreensão do impacto das desigualdades e suporte tecnológico quando se pauta o empreendedorismo negro.

Isso fortalece ainda mais a importância da tecnologia Mercafro aqui apresentada, pois é preciso que se estabeleça mecanismos de coleta de dados que possibilitem a triangulação tanto do comportamento como do volume econômico e de impacto social a partir da inclusão da variável raça \ cor nos modelos estatísticos.

Ao não dialogar com o que Mason e Brown (2014) chama de análise programada de nascimento de negócios, (número de firmas de alto crescimento, níveis de empreendedorismo de alto impacto, número de empreendedores seriais e de ambição empreendedora), a análise feita junto a essas plataformas demonstrou a necessidade de fortalecimento de linhas interdependentes de argumentação crítica por quem estuda e produz informações sobre o empreendedorismo no Brasil, mas não incorpora, essa variável em suas análises e reflexões.

Ao final da coleta de dados, o que se teve como delimitação para extração dos resultados, foi o uso de 9 teses entre as analisadas, 12 dissertações, 3 plataformas e 8 livros. Ao fazer o levantamento bibliográfico dos pensadores, estudiosos e técnicos da área do empreendedorismo tradicional e de viés racial, ficou comprovado as problemáticas apresentadas neste estudo reforçando ainda mais a necessidade de se pensar o papel das plataformas digitais formativas.

Ao trazer essas técnicas como parte do levantamento de dados para desenvolvimento desta pesquisa e posteriormente da tecnologia Mercafro, o alinhamento se deu a partir de uma perspectiva de Gibbs (2009), que sinaliza que um dos aspectos práticos deste modelo de análise envolve duas atividades: a) o reconhecimento de tipos de dado que pode ser produzido, analisado e explicado; e b) o desenvolvimento de atividades práticas que se adequam à coleta dos dados de acordo com o objetivo da pesquisa que se quer chegar. Por conta disto, foi feito o quadro abaixo no intuito de contribuir na inclusão e exclusão.

Tabela 1 – Condução do Mapeamento Sistemático de análise e exclusão

	BASE ELETRÔNICA	BUSCA INICIAL	FASE DE SELEÇÃO		FASE DE EXTRAÇÃO	
			INCLUÍDOS	EXCLUÍDOS	INCLUÍDOS	EXCLUÍDOS
	<ul style="list-style-type: none"> ◆ 253.00 - Capes, Scielo e Google Acadêmico. ◆ 63.400 – Endeavor ◆ 33 Sebrae ◆ 0 SEI 	<ul style="list-style-type: none"> ◆ 2.230.000 Buscador Google 	9 teses e 12 dissertações	23	6 teses e dissertação	3 teses
			5 plataformas	2	3 plataformas	0
			8 livros	0	8 livros	4 livros
			15 lives	20	5 lives	3 lives
			20 matérias \ entrevistas	15 matérias \ entrevistas	5 matérias \ entrevistas	0 matérias \ entrevistas

Fonte: Elaboração própria

6. RESULTADOS DA PESQUISA

Antes de adentrar de maneira mais intensa no resultado de pesquisa, é necessário salientar que transformar conhecimento em produtos que impulsionam carreiras e geram renda não é algo novo. Historicamente, a humanidade utiliza do conhecimento para se projetar ou adquirir poder, sendo então parte da capacidade humana de entender, apreender e compreender as coisas. Trata-se de um saber que pode ser aplicado e criado de maneira a dar aos indivíduos a possibilidade de experimentar o novo.

No século 17, Francis Bacon pontuou que “Conhecimento é Poder”, ao destacar que “nenhuma obra do bom governo é tão importante como prover o mundo com conhecimento bom e fértil” (Francis Bacon - O Avanço do Conhecimento).

Neste sentido, incluir o conhecimento como uma variável de destaque para o desenvolvimento econômico empreendedor sobre o viés racial, traz a necessidade de diálogo não somente sobre desenvolvimento pessoal, como também econômico, educacional e cultural enquanto parâmetros determinantes para o desenvolvimento de uma nação ou povo, afinal não dá para esquecer que ficção e realidade andam juntas e se complementam. É a partir deles que se constrói novas narrativas, logo não se pensa empreendedorismo negro sem dialogar com outros saberes e conhecimento para além da tragédia.

Adentrar a indústria do conhecimento a partir da perspectiva racial é, então, configurar um conhecimento produzido ao longo do tempo em mercadoria, uma vez que conhecimento tem impulsionado investimentos na indústria, seja via financiamento de projetos de pesquisas, produção de bens científico-culturais dentre outros. Esta dinâmica de publicação envolve editoras, revistas, artigos, palestras, consultorias, entre outros mecanismos que, utilizados de forma estratégica AMARAL (2012), têm auxiliado na divulgação de produtos e discursos que a cada dia vem potencializando interesses econômicos na área do empreendedorismo e do desenvolvimento pessoal, entrelaçando geração de lucro e prestígio intelectual.

Diferente de outros momentos, a Indústria do conhecimento impulsionada pela internet tem permitido que qualquer pessoa capacitada possa transmitir informações ou opinião para outras áreas sem grandes barreiras, podendo inclusive ser bem remunerado. Em 2015, quando o ensino à distância ainda não tinha tomado

as proporções da atualidade, a Global Industry Analysts realizou uma pesquisa cuja projeção era de que o mercado de “ensino à distância” atingiria U\$107 bilhões. Em matéria recente, a Forbes sinaliza que a mesma empresa está projetando o valor de U\$325 bilhões até 2025, esperando inclusive o triplo do valor em 10 anos.

De acordo com a mesma publicação, o *e-Learning* é o futuro, em virtude da área de treinamento ter ganho cada dia mais projeção, uma vez que as pessoas precisam continuar aprendendo para ter sucesso (ou apenas se manter) dentro das realidades que querem atuar.

Desta maneira, ter como base para elaboração deste estudo entender qual a configuração de uma plataforma digital que abrigue conhecimento sobre empreendedorismo, a partir do viés racial, trouxe como perspectiva a impressão \ confirmação de que as plataformas digitais existentes não possuíam funcionalidades capazes de gerar valor a empreendimentos que carregam outras características, a exemplo dos empreendimentos negros. Isso faz com que esses números não sejam levados em conta, enquanto elemento de alteração de visibilidade para intelectuais e pensadores negros.

Ainda de acordo com a Forbes (2020), os cursos *online* geraram uma média de U\$46 bilhões no ano passado. Enquanto que o mercado de palestras movimentou cerca de R\$100 milhões por ano só no Brasil, segundo a Associação Brasileira de Treinamento e Desenvolvimento. De acordo com os dados liberados em 2020 sobre o mercado de palestras, realizado pela Tamboz.biz, em parceria com a ReFuture, 74,3% das contratações são feitas por indicação; 45% buscam palestrantes nas mídias sociais; 41,3% no Google; e 31,2% em empresas de curadoria ou rede própria. Sites de banco de palestrantes respondem apenas por 22% da procura.

Isto sinaliza que para introduzir determinados temas no mercado, estes intelectuais, pensadores e reflexões precisam estar associados ao conhecimento e à visibilidade deste conhecimento. Estes dados demonstram o quanto grave é a invisibilidade das questões pontuadas durante esse estudo e como as problemáticas sinalizadas pelo mesmo são relevantes. Fantasiar imagens de futuro para o empreendedor negro a partir do seu saber ancestral precisa deixar de ser ignorado, uma vez que ainda se mantém uma baixa escalabilidade por conta de um racismo que os mantém na linha da pobreza.

Olhar as plataformas e os conteúdos produzidos, dialogando com o princípio da pluriversalidade (RAMOSE, 2011), ou seja, reconhecendo que todas as perspectivas sobre o ecossistema empreendedor precisam ser incorporadas, levou este estudo ao encontro dos dados acima e do equívoco que é a manutenção de um privilégio que se constitui sob um único ponto de vista e narrativa no debate sobre empreendedorismo e intelectualidade negra.

Esta constatação surge do olhar para informações, imagens e discursos utilizados pelas plataformas analisadas e pelos diferentes estudos que demonstram como, mais do que a produção de conteúdos, é necessário debater as linhas filosóficas voltadas para a área econômica e empresarial, pois, estas são estimuladoras de expectativas por oportunidades de aprendizagem dentro do ecossistema empreendedor, enquanto estratégias de marketing.

Um dado constatado neste estudo é que não faltam plataformas e novas tecnologias voltadas para o treinamento de empreendedores ou colaboradores em empresas. O problema destas plataformas está em seus modelos de abordagens educacionais, que pouco rompem com as escolas europeias e estadunidenses o que acaba fazendo com que não respondam adequadamente aos propósitos de um ecossistema empreendedor com outras situações e vivências. Isto tem produzido modelos de capacitação e qualificação que pouco dialogam com a realidade destes que, ao longo do tempo, desenvolveram um modelo de sobrevivência em um ambiente hostil e com poucas tecnologias de fortalecimento voltado a seus negócios.

Esse estudo pôde, assim, constatar que existem poucas transferências de tecnologia, que respeitem modelos de gestão voltados para concepção de empreendedores e produtores de conhecimento com viés racial.

Um ecossistema que possui poucos dados sobre esses modelos de negócios e empreendedores, não pode se sentir apto a dizer o que é melhor para esses. BENCKE, FF; GILIOLI, RM; ROYER, A (2018), entre suas reflexões sobre inovações disruptivas pontua que se transfere tecnologias técnicas sobre “saber empreender”, sem que outros conhecimentos e bases empreendedoras façam parte dos dados transferidos. Isso tem produzido um modelo de capacitação onde não se adequa esses conhecimentos ao que quem acessa tem como subjetividade, logo fortalecendo uma violência epistemológica diante do apagamento destas narrativas e construtores de saber.

Outro ponto importante é que ao mesmo tempo que os números demonstram que a Indústria do Conhecimento, sobretudo no Brasil, está abrindo uma janela de oportunidade para quem quer aproveitar essa tendência na área de formação nos próximos 5 ou 10 anos, nos deparamos com o que Nunes (2020) considera um país atrasado por não atuar de forma interativa com esses diferentes pensadores, acabando, assim, por ficar distante do que acontece na área de formação e conhecimento digital em outros países.

Com o decorrer da organização deste estudo, as primeiras reflexões acima pontuadas passaram a ser o ponto principal pois, ao analisar plataformas como Endeavor, SEI, Sebrae dentre outras, ficou nítido que, mais do que entender sobre configuração de uma plataforma, era preciso refletir sobre como os conhecimentos disponibilizados tratavam e entendiam a forma como os empreendedores negros e seus intelectuais produzem reflexões diante do modelo de visibilidade existente? Outro ponto é saber de que forma suas práticas, saberes e visões são dadas enquanto elemento balizador das ações empreendedoras? Uma das primeiras afirmações sobre os dados encontrados é que:

a. Não ter espaços formativos que entendam a pluriversalidade enquanto elemento chave da formação empreendedora, continuará estimulando uma estreita relação entre pesquisa e produção de evidências científicas alimentada via produção de artigos e difusão de um conhecimento que elimina as possibilidades de formação de outros atores em um contexto inclusivo diante de múltiplas identidades, olhares sociais e economicos.

b. A pluriversalidade atua no reconhecimento de que todas as perspectivas devem ser válidas. Logo, apontar o equívoco que é a continuidade e o privilégio de se fundamentar estudos de alterações de realidade econômicas e sociais sobre um único ponto de vista, continuará dando credibilidade somente a resultados cujo interesses econômicos pouco impulsionam o investimento em outros ecossistemas de negócios e pesquisas voltadas para o mesmo.

c. O ecossistema empreendedor sobre o viés racial precisa ser entendido enquanto um ecossistema corporativo e, para tal, ele precisa ser analisado tendo como meta a atuação destes empreendedores a partir dos cenários desenvolvidos por Daniel Isenberg da Babson College denominado 'domínio do ecossistema empreendedor' a partir de Políticas Públicas, Capital financeiro, Cultura, Suporte,

Recursos Humanos, Mercado, Iniciativas para fortalecer o ecossistema empreendedor

Ao atuar com essas linhas de resultados iniciais, é possível reconstruir o ecossistema empreendedor negro que tem a diversidade como característica do se reinventar e inovar. Isso não só empoderando as pessoas com informações e conhecimentos estratégicos, como também ajudando em suas metas e objetivos a partir de uma fundamentação sobre o que é considerado diversidade epistêmica enquanto subsídio para a educação nas organizações, setor empreendedor ou empresarial (NOGUERA, 2012).

O mapeamento do fluxo informacional das plataformas analisadas demonstrou que essas transitam por um organograma hierárquico, que consiste em diretoria, unidades de negócios e gerentes de produtos formativos, mas que de forma pragmática não estabelece ações prioritárias de visibilidade de outros conhecimentos e impacto econômico negro no Brasil. Um problema destes modelos de fluxo informal acontece quando, para tratar de determinados temas, a exemplo do empreendedorismo negro, os atores interessados na pauta precisam estabelecer uma linha de proximidade com esses nomes ao invés de dialogar com o ecossistema de uma forma descentralizada.

A partir desta confirmação, as lacunas causadas pela invisibilidade de estudiosos e pesquisadores negros se apresentam justificadas e alicerçadas via narrativa de mérito e neutralidade. Eventos como Day1 da Endeavor, cujo objetivo é, nas palavras da instituição: “jogar holofote nas histórias de empreendedores brasileiros”, em seus nove (9) anos de existência, pelo quadro que se apresenta em seu canal oficial, não teve durante todo esse período 10 empreendedores negros como parte do evento.

Isto demonstra que dentro do que eles consideram “grandes protagonistas do país”, os empreendimentos negros e seus feitos não se enquadram. No que tange à ausência do componente racial nas interpretações discursivas econômicas, administrativas e de gestão, uma das primeiras problemáticas trazidas por esse estudo, o que ficou comprovado é que não faltam conteúdos que tragam a questão racial como elemento a ser levado em conta pelo mercado empreendedor.

Constatou-se com relação a essa questão que, desde os primeiros momentos da anunciada abolição da escravatura, diferentes intelectuais brasileiro e de outros

países produziram e vêm produzindo conhecimentos auxiliadores e capazes de gerar narrativas de democratização da aprendizagem empreendedora no Brasil.

Essa comprovação foi possível a partir do uso do conhecimento produzido pelos intelectuais negros citados neste estudo. Diante desta questão, a tecnologia Mercafro considera prudente a construção de infoprodutos com o intuito de visibilizar esses conhecimentos e desconstruir pensamentos que consideram as informações produzidas como não relevantes para os processos formativos.

Construir infoprodutos de forma a transmitir o conhecimento produzido por intelectuais e pensadores negros de forma organizada, auxilia os empreendedores negros a aprender novas competências e habilidades. Elas também estimulam o contato com conhecimentos, comportamentos e valores que, através do estudo passam a estimular quem deseja empreender e ter autoconfiança, proatividade e foco em resultados.

Trazer a invisibilidade intelectual negra para o ecossistema formativo do empreendedorismo foi um ponto importante neste estudo. Com ele é possível pautar a naturalização de uma desigualdade que se expressa por meio do desdém da sociedade por determinados grupos e segmentos (NUNES, 2020). Isto é importante, pois ao buscar comprovar que existe uma *ausência de visibilidade e referenciamento do ecossistema negro* não só reforçou as diferentes problemáticas apontadas, como colocou essa pesquisa diante de pensadores da área econômica e de desenvolvimento que consideram a realidade negra um balizador das situações apresentadas. Desta maneira, ficou nítido que não é verídica a ideia de que não existem conhecimentos produzidos e disponíveis sobre o tema.

Dismas Masolo (2010), filósofo ugandense, foi um dos intelectuais que forneceu importantes e poderosas pistas sobre os argumentos-chave que nortearam este trabalho. Com sua ajuda, foi possível buscar as lacunas históricas e teóricas presentes na área empresarial e econômica, adentrando os processos que ignoram os caminharos negros no meio digital, a partir de uma agenda colonial que desacredita deste conhecimento. Reconhecer essas dinâmicas de organização empreendedora sob o viés racial justificou a existência da tecnologia social aqui apresentada enquanto complementaridade das diferentes racionalidades de salvaguarda, junto a um conjunto de noção comportamental não vista ou explicada dentro do empreendedorismo.

O fato em questão demonstrou quão central é possibilitar aos empreendedores negros contato com um leque de infoprodutos (via apostilas, videoaulas, exercícios comentados, podcasts, indicações web, textos e vídeos complementares) que apontem para referenciais de comportamento social e econômico negro, enquanto parte destas narrativas. Ao constatar que, de fato, existe o menor acesso a conhecimento e conteúdos de planejamento e gestão de negócios, a partir do ecossistema negro, foi possível desenvolver a tecnologia aqui descrita no intuito de evidenciar um modelo de produção de conhecimento que busca, diante das resistências à mudança encontrada nas plataformas e “autoridades” do setor empreendedor, adotar a temática racial como eixo de referência, construção de noticiais e estudos de mercado.

Trata-se, então, do desenvolvimento de uma tecnologia, cujo exercício de reconhecimento consiste em produzir e fazer curadoria de conteúdos produzidos ao longo do tempo por essas autoridades a partir da compreensão sobre quem possui “autoridade” de definir o que é relevante ou não, ou seja, de conferir identidade, classificação e significado a objetos e contextos de relações de poder (SILVA, 2018).

Por fim, o diálogo com intelectuais e especialistas da área sinalizou ainda quais passos são necessários para que esses possam receber não só investimentos, como também ter acesso a argumentos teóricos balizadores do resgate de suas contribuições, sejam essas acadêmicas, técnicas, de mercado ou profissionais. Esta foi a base para se desenvolver uma plataforma de qualificação, consultoria e gestão empresarial com expertise profunda na área empreendedora negra.

O resultado desse olhar é uma plataforma cujos procedimentos, métodos e técnicas usadas na fase de elaboração buscaram aprofundar sua estrutura de armazenamento, de forma que as temáticas e teorias presentes pudessem ser disponibilizadas via ferramentas capazes de compreender o nível de apropriação dos sujeitos em relação ao ambiente empreendedor com viés racial. Neste sentido, a tecnologia Mercafro buscou ter como especificação a seguinte estrutura.

6.1 Funcionamento da Plataforma Mercafro

Alterar os recursos técnicos e de gestão de pessoas, através da melhoria do ambiente empreendedor, faz com que a plataforma Mercafro funcione como um

sistema de organização de conteúdos que buscam implementar soluções potenciais para um problema específico do setor. Descentralizar um poder institucional que não se altera nem no espaço digital, demonstra a importância de olhar o processo de institucionalização e construção de conhecimento nas plataformas virtuais, a partir do que Alves (2014) chama de interpretação ou contextualização de experiências de aprendizagem, já que essas têm contato com ferramentas capazes de melhorar conceitos e abordagens. Funcionar como uma plataforma com interações que aumentam a aprendizagem instrumental, permite aos empreendedores negros e demais setores de produção de conhecimento encontrar literatura de origem acadêmica, entre outros, baseados na narrativa racial.

Isto favorece não só a criação de sentido pessoal e social, como também reforça o sentimento de solidariedade, uma vez que a igualdade e a diferença são valores compatíveis e mutuamente enriquecedores, logo, capazes de otimizar jornada de estudos e formulação empreendedora ao ajudar o ecossistema empreendedor a conhecer a produção acadêmica e empresarial sob o viés racial.

Ao mesmo tempo que pauta suas particularidades, experiências e cases de sucesso, via catalogação de seu público interessado. Encontrar condições e meios para se expressar de forma igualitária, tornar a plataforma um dos pontos primordiais de aprendizagem técnica e teórica a partir de referenciais que dialogam com repertórios e construções nascidas de reflexões capazes de mensurar os impactos que a não valorização dessas informações promove para empreendedores e ecossistema com viés racial.

Ter como parte do seu funcionamento a discussão sobre a delimitação espaço temporal como defendem alguns pensadores, permite que o Mercafro tenha um *design* que torna importante a preservação do contexto de suas interfaces, sem deixar de levar em conta uma estrutura, de hipertextos e bancos de dados fundamentais para a recuperação e conexão das informações e conteúdos relacionados a essa.

A tecnologia Mercafro tem como primeiro processo de coleta de dados a assinatura dos usuários, via um pop up que abre no momento em que os usuários buscam seus conteúdos. Após esse primeiro processo de catalogação de quem os acessam, o trânsito por dentro da mesma se torna intuitivo, pois ela usa o método de autopreenchimento como forma de preencher as células de conteúdos buscados com dados que sigam um padrão ou que tenham base em outras células a exemplo

de vídeos e fotos. A pesquisa via *web* permite que qualquer utilizador da plataforma possa acessar suas unidades de informação disponibilizada sem grandes dificuldades. No cabeçalho da página do Mercafro são apresentadas as seguintes opções:

Figura 6: Aba inicial da Plataforma Mercafro



A: Início - caso se esteja numa qualquer aba, a plataforma permite voltar sempre à página inicial. Para isso, basta clicar onde deseja interagir.

Figura 7: Plataforma MERCAFRO

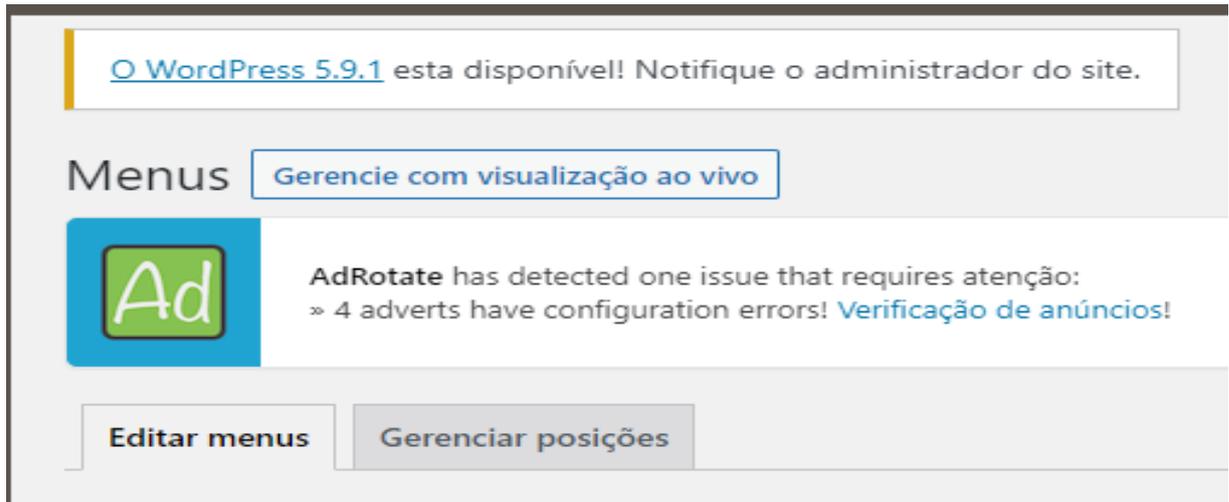


Fonte: Site MERCAFRO (2021)

B: Produtores - permite navegar através do índice de personalidades produtoras de conhecimento para a plataforma.

C: Tipologias informacionais – Trata-se da classe de documentos que se distingue dentro da plataforma com base em características intelectuais comuns. Para funcionar a plataforma a partir do seu índice “assunto” – armazena uma série de tema, dados, documentos e séries.

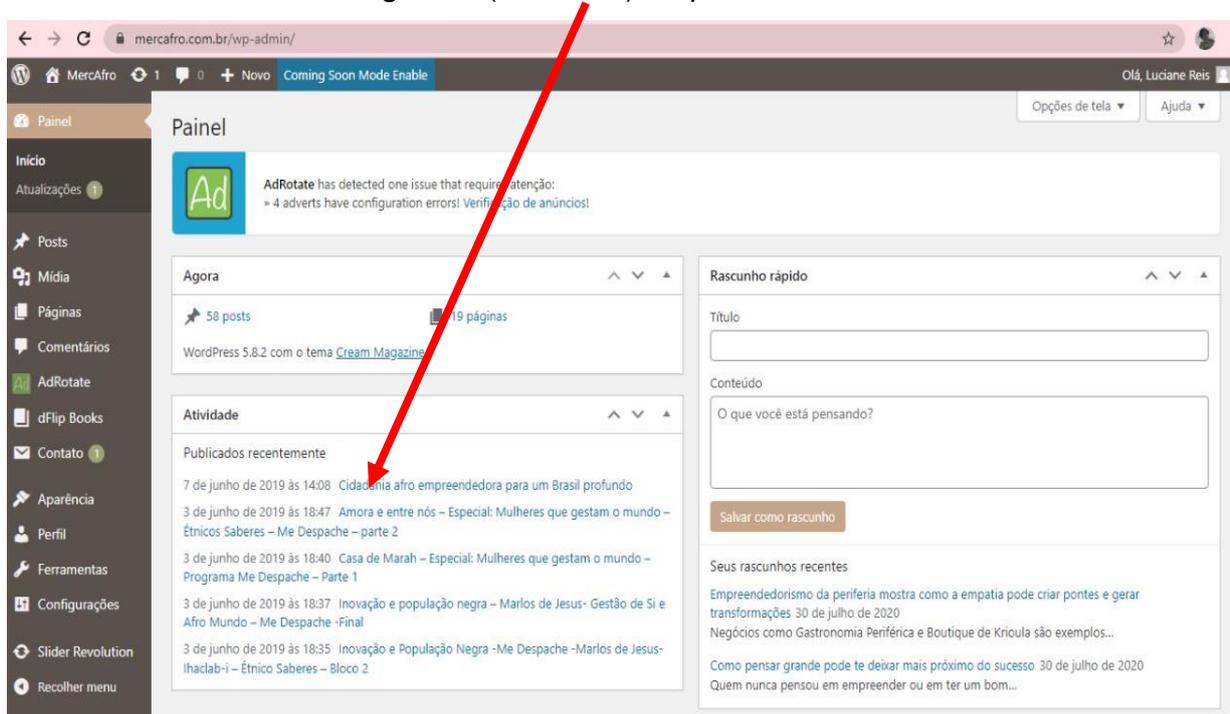
Figura 8: Tipologias informacionais



Fonte: Site MERCAFRO (2021)

No caso do Mercafro, o tipo ideográfico permite navegar através do índice de tipologias informacionais como mostra a figura abaixo. A seta aponta para tipo ideográfico (assuntos) da plataforma.

Quadro 9: Ideográfico (assuntos) da plataforma



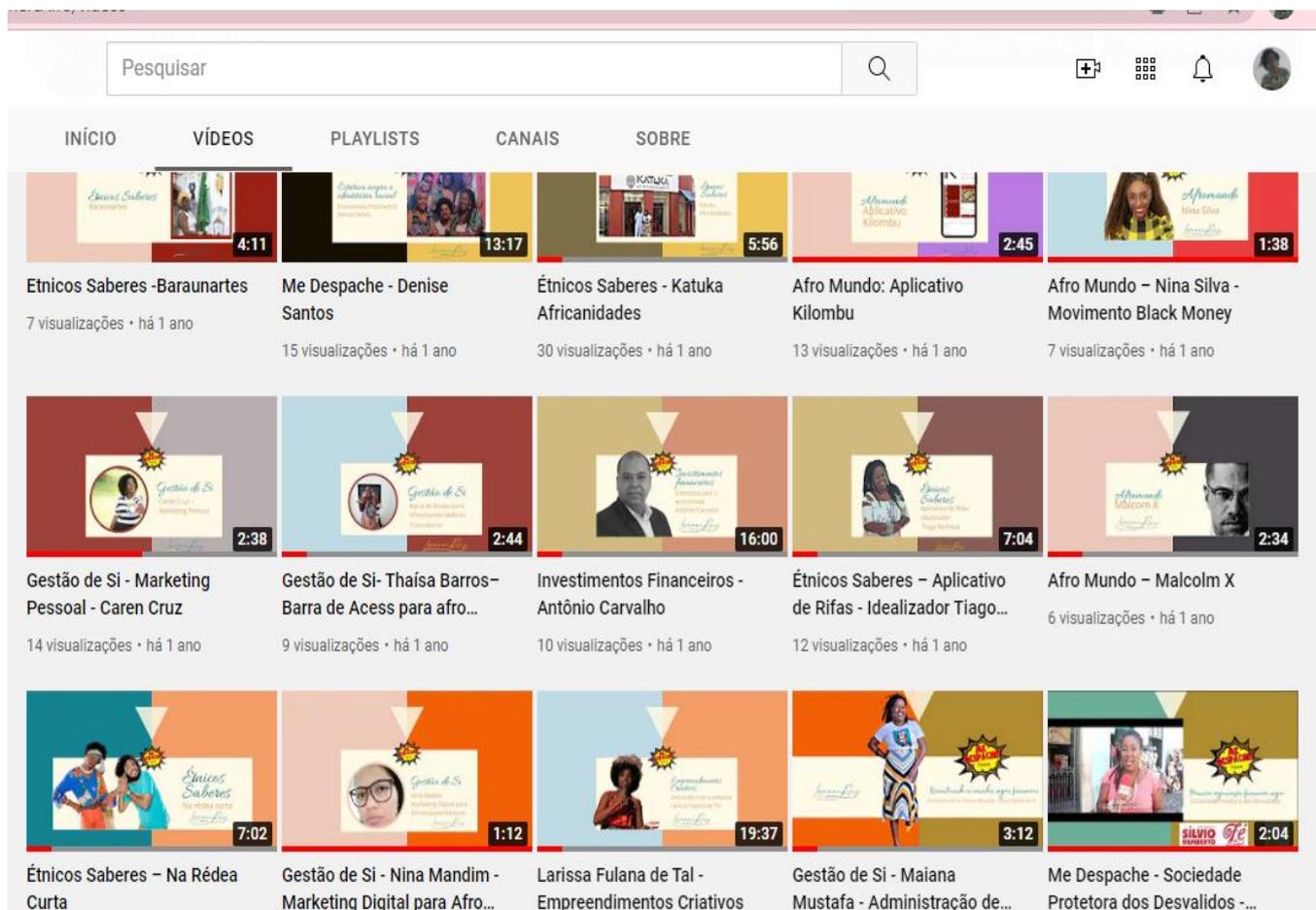
Fonte: Site MERCAFRO

A parte sem seta, são os conteúdos organizados e que serão vistos por quem a navega seguindo a ordem abaixo.

D: Assuntos - permite navegar através do índice de assuntos.

E: Entrar - permite efetuar a autenticação dos assuntos, desde que esteja registado na plataforma.

Figura 9 : Intelectuais e técnicos entrevistados na plataforma



Fonte: Canal MERCAFRÓ

Ao ter um modelo de interação que dialoga com o que Piaget (1973) aponta como processos interativos pressupostos, a plataforma faz com que os empreendedores negros se transformem em sujeitos sociais, funcionando também como uma condutora do fortalecimento destes junto ao ecossistema em que atuam.

A partir da seleção de funcionalidades desejáveis que no caso do Mercafro, utiliza a tecnologia com o intuito de conectar pessoas e promover interações, essa consegue otimizar ao máximo o encontro da demanda com a oferta.

Para a construção desta infraestrutura foram utilizados recursos de Big Data, no intuito de tratar os conjuntos de dados que precisam ser processados e armazenado de maneira a permitir que as informações presentes sejam de fácil compreensão e sobretudo relevantes. Isto faz com que a plataforma possa construir pesquisas e informações, quando necessário. Ao funcionar de maneira multilateral, a plataforma Mercafro permite a interação e troca entre os públicos interessados, a partir da criação e transferência de conhecimentos para um lugar fixo e de fácil

acesso. Estabelecendo assim um conjunto de variáveis, interações e trocas que podem vir a ser modificadas, de acordo com as demandas dos usuários.

Nesta área, a plataforma se apresenta da seguinte forma:

F: Quem somos - área onde se apresenta: a) a equipe que atuação \ curadoria; b) eixos balizadores da plataforma como missão, visão, valores; linhas bases de atuação dividida em Conteudos e estudos que disponibiliza além de pilares que sustentam a plataforma dentre outros c) botão de ajuda, contato e envio de conteúdos para a plataforma e no rodapé o acesso a newsletter e redes sociais.

Figura 10: Newsletter e redes sociais



Fonte: Mercafro (2021)

G: Detalhes – é o Carrossel que mostra as unidades documentais (matérias, artigos, vídeos, eventos dentre outros) que estão em destaque. Cada destaque possui uma hiper ligação para a página de detalhe da respectiva aba da plataforma Mercafro. A definição dos destaques é feita em backoffice (conjunto de profissionais

envolvidos no negócio, mas que não atuam na linha de frente) via espaço do administrador da plataforma.

H: Grupos de arquivo - apresentação de ilustrações referentes aos diferentes grupos de arquivo, tendo cada um botão que apresenta uma lista de arquivos nele incluídos, em que cada um é uma hiper ligação para os seus detalhes.

I: Partilha em redes sociais - possibilita a partilha da página em diferentes redes sociais.

Figura 11: Redes sociais/Contato MERCAFRO



Fonte: Elaboração própria

Para isso, a plataforma estabelece relações com os diferentes atores presentes, formando redes de comunicabilidade a partir dos diversos meios de aprendizagem e construção de conhecimento, que encontram em sua essência (dialógica) a linguagem enquanto elemento de construção de uma comunicação capaz de movimentar os estágios tanto cognitivos, quanto afetivos e comportamentais dos empreendedores e sujeitos envolvidos nos processos disponibilizados.

Construir um portal de informação empreendedor negro que aproxime técnicos e especialistas, é, de acordo com Cardozo (2019), conceber soluções e conhecimento que contemplem as dimensões política, econômica, social e pessoal desses indivíduos.

Neste sentido, no modelo de consumo de conteúdo *on line*, as categorias presentes na mesma tendem a ser produzida a partir de modelos verticais, com páginas mais longas e menor fragmentação durante o processo de navegação por esses espaços.

Desta forma, os espaços da plataforma buscam dialogar com vídeos, *podcasts*, revista eletrônica, galeria de fotos, entrevistas, matérias jornalísticas e *newsletter* por e-mail, entre outros. Esses infoprodutos são as formas encontradas por essas para melhorar e otimizar seus motores de busca, tendo como benefícios o aumento de tráfego da mesma. Ao incluir em seus conteúdos a utilização de técnicas de *storytelling*, para o cruzamento de suas mídias, arcos narrativos que mesclam seus textos, matérias jornalísticas, artigos e infográficos, a tecnologia Mercafro cria uma integração e interatividade junto a públicos que exigem mídias e conteúdos mais ricos e diversificados.

Pesquisa simples

Na página inicial é possível ainda efetuar pesquisas simples colocando expressões de interesse clicando no botão “Pesquisar”. Esta ação procura a referida expressão (conteúdos presentes na plataforma) em todos os campos e unidade de descrição, devolvendo como resultado, todos os conteúdos existentes.

Ao se constituir enquanto uma estratégia de intervenção de impacto, a plataforma Mercafro oferece interação para seus usuários no modelo B2C (“Business to Consumer” ou “Empresa para consumidor”), pois se relaciona diretamente com seu público, produtos e serviços via recursos funcionais e identitários relevantes para o uso. Isto a torna uma ferramenta de ensino ou capacitação ampla, dentro de análises sobre o que vem a ser a questão racial no Brasil, a partir do ecossistema empreendedor.

Sob essa óptica empreendedora, a plataforma permite a troca de informações e experiências que contribuem para o enfrentamento dos problemas sociais presentes no ecossistema empreendedor, uma vez que se trata da criação de ambientes formativos virtuais capazes de estimular mudanças em um cenário que tem se mostrado hostil (MARTINS; FUERTH, 2008), ainda que se reconheça a importância dos empreendedores negros em seus processos e ações. Ser hospedada em uma plataforma que a torna responsiva, faz com que essa se adapta a diversos tipos de tela quando aberta.

Desta forma, cada aba contém títulos únicos, com a seguinte configuração

Quadro 10: Divisão dos conteúdos

ABA	O QUE TEM
CONTEÚDO INSCRITOS	Matérias, entrevistas e artigos sobre as diferentes áreas de interesse empreendedor negra e economias consideradas vulneráveis
EVENTOS	Espaço responsável por promover a divulgação de atividades e diálogo entre líderes empreendedores e câmaras de comércio
FOTO / VÍDEO GALERIA	Espaço que além de fotos, publicará vídeos de produtos e serviços oferecidos pelos empreendedores e Mercafro
ARTIGOS	Além de comunicar os posicionamentos e visões adotadas pela marca, será usado enquanto espaço de sensibilização e compartilhamento de estudos raciais
BAHIA	O espaço tem como papel pensar o empreendedorismo no estado, a relação da gestão pública, organizações e câmaras de comércio com o segmento. Servirá também para mapear facilitadores-chaves, intelectuais, entre outros.
ENTREVISTAS	Espaço de entrevistas e ações que têm como objetivo impulsionar o empreendedorismo; e perfil de empreendedores e gestores negros
AFRO MUNDO	Pauta-se o que tem de novo no mercado empreendedor e de inovação. Notícias sobre empreendedores negros no mundo e o que esses vêm fazendo para inclusão econômica.
CASES	Usaremos esse ambiente como espaço de visibilidade das empresas e ações de desenvolvimento e inclusão étnica. Ele conecta empreendedores que viveram jornadas parecidas e suas formas de solução
CURSOS	Espaço destinado a cartela de serviços, workshops e oficinas gratuitas e pagas oferecidas pelo Mercafro e seu público. Será o espaço de formação para empresários e empreendedores negros.
GESTÃO DE SI	Espaço de reflexão sobre o perfil profissional negro, serviços e demandas a serem absorvidas. Entrevista profissionais de RH negros e empresas de recrutamento.
CONTATO	Espaço de acesso à equipe da plataforma, colaboradores e palestrantes.

Fonte: Elaboração própria

Diante do apresentado, é notório que a mesma dá ao tema intelectualidade negra e racismos nos processos formativos empreendedores, o devido espaço na agenda empresarial e empreendedora sobre o viés racial. Diante de um retrato factual que acaba fazendo com que essas informações não sejam relevantes do ponto de vista da valorização desse segmento. Explicitar a centralidade da relação

entre construção de conhecimento empreendedor e racismo, para compreensão do papel da (in) visibilidade da questão racial sobre tudo em narrativas formativas e de produção de conhecimentos sobre a formação socioeconômica e educacional no pós-abolição (CUNHA, 2004), nos coloca diante de linguagens que não se referem somente à língua e imagens enquanto instrumento de comunicação.

7. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os diferentes panoramas de formação profissional mostram a complexidade que ensinar no século XXI tem se configurado. Isso incide inclusive na forma como determinados setores têm repensado esse contexto, levando em conta a necessidade de (re) inventar práticas pedagógicas capazes de dialogar com as mudanças sociais, políticas, econômicas e culturais vivenciadas pela sociedade. Uma das ferramentas auxiliaadoras desta nova conjuntura tem na Lei 10.639/03 (BRASIL, 2003), que institui a obrigatoriedade do ensino de História e Cultura Africana e Afro-Brasileira nos currículos da Educação, a chance de desfazer o impacto que a não visibilidade da contribuição e história negra, a partir dos seus aspectos ancestrais, pode deixar de contribuição para o setor empreendedor construído e seus modelos formativos.

O objetivo deste estudo, ao longo de todo seu processo de análise, foi demonstrar como o uso da história e referencial único tem atuado na formação empreendedora brasileira e como sua influência impacta na não possibilidade de contato com outras histórias. Ao apagar a contribuição negra dos processos formativos, seja junto às plataformas digitais, percursos metodológicos e materiais didáticos, o ecossistema empreendedor mostra como se faz necessário o uso da lei enquanto parte da formação empreendedora e dos elementos construtores dos novos discursos de inclusão e seus contextos.

Neste sentido, ao buscar identificar temáticas e conteúdos relevantes para a formação empreendedora com viés racial, foi possível entender como o fluxo informacional das plataformas analisadas necessita adquirir um melhor entendimento sobre os estudos produzidos por pessoas negras em diferentes formatos.

Trata-se da constatação de que é preciso atuar com modelos de governança e produção de dados que disponibilizem informações estruturadas e relacionadas às temáticas e conteúdos identificados como relevantes por esses, de maneira a

valorizar características que impactem favoravelmente os empreendedores negros. Estamos falando da existência de informações já produzidas e consideradas como relevantes que, neste estudo em questão, apresentaram-se em artigos, entrevistas e estudos acadêmicos e que mesmo assim, faltam espaços de visibilidade. Logo, o desenvolvimento de uma plataforma de qualificação empresarial capaz de apresentar informações estruturadas, a exemplo do Mercafro, surge enquanto tecnologia capaz de contribuir para a formação empresarial com referencial racial.

Esse fato confirma a necessidade de se pensar outras técnicas de formação corporativa que dialoguem com o entendimento de que pessoas precisam ser incentivadas e não controladas (ALVES, 2014). Este entendimento é importante para que seja possível inspirar o rompimento com uma tradição etnográfica, que, segundo Costa (2020), dialoga com técnicas de observação que constroem objetos em referência a problemáticas sociológicas que acabam influenciando comportamentos informacionais, não só no próprio processo de busca da informação, mas também em seu uso, independentemente do processo-fim a que se dispõem.

Por fim, recomenda-se que a vivência prática e conceitos enquanto dimensão empreendedora rompam com os processos de construção destas resistências e invisibilidade em especial quando se trata de conteúdos voltados para a área de desenvolvimento humano e gestão empresarial com expertise e componente racial. Portanto, é imprescindível o investimento na formação inicial e continuada dos empreendedores negros, referenciada em suas histórias e feitos, inclusive reconhecendo a existência de um ecossistema empreendedor próprio em demandas e narrativas. São as inquietações cotidianas ainda sem respostas sobre o ecossistema empreendedor negro que vão permitir reunir e produzir conhecimento empresarial capazes de repensar o Brasil e as ferramentas de criação e compartilhamento de informação sobre a percepção das problemáticas financeiras e de desigualdade.

Pensar economicamente sobre essa população, é pensar um empreendedorismo respeitoso e que leve em conta uma tecnologia e saber ancestral ignorado sobre diversos meios. Ajudar pessoas negras em seus processos empreendedores passa então por desconstruir qualificação e capacitação que pouco dialoga com essas realidades e financiar suas ações como pessoas que têm, ao longo do tempo, construído modelos de sobrevivência em um ambiente hostil de negócios. Ao ter uma plataforma como o MERCAFRO, onde a temporalidade afro-

brasileira coexiste, os empreendimentos negros são então uma forma do empreendedorismo que produz identidade, projetando novos modelos de futuros negócios dentro deste ecossistema empreendedor.

Olhar o passado empreendedor negro, é então reconectar referenciais, visibilizando a noção de onde esses empreendedores vieram e reconectá-los a uma fabulação crítica que ao olhar os fatos históricos, dá foco e desfecho a esse processo empreendedor sob outras lentes. Resgatar o conhecimento de pessoas negras do setor é realizar uma investigação teórica que não só faz ressurgir esses diferentes saberes diante de uma ciência ocidental hegemônica e de narrativas universalistas, como também requer aquisição de conhecimento que os incluam.

Espera-se que as contribuições acadêmicas proporcionadas pela tecnologia social Mercafro favoreçam não somente a visibilidade sobre esses estudos, pesquisas e recomendações dentro do âmbito da Administração, Formação Corporativa e Estudos Organizacionais, mas que também instiguem outros estudos nessa direção, uma vez que, a presente dissertação não esgota esse relevante tema.

Neste sentido, uma plataforma voltada para o empreendedorismo não se configura e não pode se configurar somente enquanto um espaço com olhares e observações sobre como a formação empresarial e de produção de conhecimento e argumentos desconhece a realidade do país em outras frentes. Assim, entende-se que o objetivo central desse estudo foi alcançado sem, contudo, esgotar o mesmo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABDALLA, M. M., & Faria, A. **Em Defesa da Opção Decolonial em Administração/Gestão**. Cadernos EBAPE.BR, 2017.

ADICHIE, Chimamanda Ngozi. **O perigo de uma história única**. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Formação, formatação**: profissionais da informação produzidos em série. VALENTIM, Marta Lígia (Org.). Formação do profissional da informação. São Paulo: Editora Polis, 2002. p. 133-148.

ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Mediação da Informação e Múltiplas Linguagens**. In: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 9., 2008, São Paulo. Anais... São Paulo: ANCIB, 2008. P. 1-14. Disponível em:

<http://enancib.ibict.br/index.php/enancib/ixenancib/paper/viewFile/3037/2163>

Acesso em: 15 set. 2020.

ALMEIDA, A. S. M. **Consumo e identidade: a produção para o consumo a partir dos insights dos empresários negros.** In: NOGUEIRA, J. C. (Org.). Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro: desafios históricos e perspectivas para o século 21. Florianópolis: Atilênde, 2013. p. 241-274.

ALMEIDA, Silvio Luiz de. **O que é racismo estrutural?** Belo Horizonte (MG). Letramento, 2018.

AMARAL, Adriana. O. **Curadoria de informação e conteúdo na web: uma abordagem cultural.** In: SAAD, Elizabeth Nicolau. Curadoria digital e o campo da comunicação. São Paulo: ECA/USP, 2012. p. 40-50. Acesso em 8/11/2017.

ALVES, Flora. Gamification: **Como criar experiências de aprendizagem engajadoras:** um guia completo do conceito à prática. 1. ed. São Paulo: DVS Editora, 2014. ISBN 978-85-8289-088-2.

AZAMBUJA, Antônio João Gonçalves de. **Modelo de maturidade de segurança cibernética para os órgãos da Administração Pública Federal.** 2017. 164 f. Dissertação (Programa Stricto Sensu em Gestão do Conhecimento e da Tecnologia da Informação) - Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2017.

BAGGIO, Adelar Francisco; BAGGIO, Daniel Knebel. **Empreendedorismo:** Conceitos e definições. Revista de empreendedorismo, inovação e tecnologia, v. 1, n. 1, p. 25-38, 2015.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo.** Lisboa: Edições 70, 1977.

BARRETO, L. P. (1998). **Educação para o empreendedorismo.** Educação Brasileira, 20(41), pp. 189-197.

BARRETO, Maria Angela de O. Champion; BARRETO, Flavia de O. Champion; **Educação Inclusiva:** contexto social e histórico, análise das deficiências e uso das tecnologias no processo de ensino-aprendizagem. 1. Ed. São Paulo: Érica, 2014.

BARROS, A. J. da S.; LEHFELD, N. A. de S. **Fundamentos de metodologia científica.** 3. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2007.

BASTOS, A. V. B.; GONDIM, S. M. G.; LOIOLA, E. **Aprendizagem organizacional versus organizações que aprendem:** Características e desafios que cercam essas duas abordagens de pesquisa. Revista de Administração – RAUSP. São Paulo. v. 39, n. 3. p. 220-230, 2004

BASTOS, Bruna; GIACOMINI, Bruno Avelar. **Gestão de Qualidade.** 2013

BAVON, A. **Você realmente sabe o que significam diversidade e inclusão?** LinkedIn. 11 jun.2019. Disponível em: <https://www.linkedin.com/pulse/você-realmente-sabe-o-quesignificam-diversidade-e-inclusão-ana-bavon/> Acesso em: 7 out. 2019.

BENCKE, FF; GILIOLI, RM; ROYER, A. **Inovação Disruptiva:** Uma Análise das Pesquisas Empíricas Publicadas no Brasil. Revista Brasileira de Gestão e Inovação, v. 5, n. 2, pág. 159-180, 2018.

BERNARDI, J. L.; BRUDEKI, N. M. **Gestão de serviços públicos municipais.** – InterSaberes, 2013. – (Série gestão pública).

BIALOSKORSKI NETO, S. **Economia e gestão de organizações cooperativas.** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2012.

BITTENCOURT, Circe Maria Fernandes. **Ensino de História: fundamentos e métodos.** 4ªed.São Paulo: Cortez, 2011.

BORGES-ANDRADE, J. E. **Desenvolvimento de medidas em avaliação de treinamento. Estudos de Psicologia,** Natal, RN, v.7(número especial), p. 31-43, 2002.

RIBEIRO, Matilde. **Institucionalização das políticas de promoção da igualdade racial no Brasil: percursos e estratégias 1986 a 2010.** 2013. 286 f. Tese (Doutorado em Serviço Social) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2013.

BRASIL. **Lei no 10.639, de 9 de janeiro de 2003.** Altera a Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional, para incluir no currículo oficial da Rede de Ensino a obrigatoriedade da temática 'História e Cultura Afro-Brasileira', e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília , 10 jan. 2003. Disponível em: Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm Acesso em: 01 jun. 2020. » http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/2003/L10.639.htm

BRASIL. Lei nº 12.288, de julho de 2010. **Institui o Estatuto da Igualdade Racial;** altera as Leis nos 7.716, de 5 de janeiro de 1989, de 13 de abril de 1995, de 24 de julho de 1985, e 10.778, de 24 de novembro de 2003.

CUNHA, Silvio Humberto dos Passos. **Um retrato fiel da Bahia: sociedade-racismo-economia na transição para o trabalho livre no reconcavo açucareiro, 1871-1902.** 2004. 272 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Economia, Campinas, SP. Disponível em: <http://www.repositorio.unicamp.br/handle/REPOSIP/285862> Acesso em: 30 ago. 2019

CARDOSO, Augusto. **Gestão e conservação da biodiversidade da Sócio e biodiversidade da Bijagós** (Tese). 2015

CARDOSO, Lourenço. **O branco ante a rebeldia do desejo: um estudo sobre a branquitude no Brasil.** 2014. 290 f. Tese (doutorado) - Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Faculdade de Ciências e Letras (Campus de Araraquara), 2014. Disponível em: <http://hdl.handle.net/11449/115710> .

CARDOZO, Jorge Willian da Silva. **Escolaridade dos empreendedores brasileiros: uma análise sobre os proprietários de negócios iniciais e estabelecidos.** Revista Científica Multidisciplinar Núcleo do Conhecimento. Ano 04, Ed. 10, Vol. 10, pp. 129-138

CARVALHO, F. C. A.; IVANOFF, G. B. **Tecnologias que educam: ensinar e aprender com tecnologias da informação e comunicação.** São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2010.

CASTRO, Anna Carolina; VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti; HUDIK Yara. **A educação corporativa como vantagem competitiva**. Revista Augustus | ISSN 1415-398X | Rio de Janeiro | v. 16 | n. 32 | julho de 2011 | Semestral.

CRESWELL, John W. **Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto; tradução Magda Lopes**. "" 3 ed. "" Porto Alegre: ARTMED, 296 páginas, 2010. Cadernos De Linguagem E Sociedade, 13(1), 205–208. <https://doi.org/10.26512/les.v13i1.11610>.

DEGEN, Ronald Jean. **O empreendedor: empreender como opção de carreira**. São Paulo: Pearson Prentice hall, 2009

DIAS, T. R. F. V.; NARDELLI, P. M.; VILAS BOAS, A. A. **Competências empreendedoras: Um estudo sobre os empreendedores ganhadores do prêmio TOP Empresarial**. In: Encontro de Estudos sobre empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas, 5, 2008. São Paulo. Anais... São Paulo/SP: EGEPE, 2008.

DOLABELA, Fernando. **Oficina do Empreendedor**. 1 Ed. São Paulo: Cultura Editores Associados, 1999.

DORNELAS, José. **Empreendedorismo, transformando ideias em negócios – 7.ed.-são Paulo: Empreende, 2018.**

EBOLI, Marisa. **Educação Corporativa no Brasil: mitos e verdades**. São Paulo: Editora Gente, 2004.

Empreendedorismo – Brasil. 2019. 2. **Inovações Tecnológicas – Brasil**. I. Global Entrepreneurship Research Association. II. Instituto Brasileiro da Qualidade e Produtividade (IBQP). III. Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (Sebrae). IV. Greco, Simara Maria de Souza Silveira (Coord.). V. Onozato, Erika. VI. Bastos Junior, Paulo Alberto. VII. Souza, Vinicius Larangeiras. VIII. Título

Echer, I. C. (2005). **Elaboração de manuais de orientação para o cuidado em saúde**. Revista Latino-Americana De Enfermagem, 13 (5), 754-757.

ESCARLATE, L. F. **Aprender a Empreender**. Brasília: Fundação Roberto Marinho, SEBRAE, 2010

FANON, Frantz. **Os condenados da Terra**. Minas Gerais: Editora UFJF, 1961

RIBEIRO, D. O que é: lugar de fala? Belo Horizonte (MG): Letramento, 2017

FIUZA, Patricia Jantsch; MOCELIN, Roberta; LEMOS, Robson Rodrigues; "Mobile Learning no Brasil: **Um Estudo Exploratório da Literatura**", p. 139 -156. In: Educação Fora da Caixa: Tendências Internacionais e Perspectivas sobre a Inovação na Educação. São Paulo: Blucher, 2018.

FREITAS, L. C. (2012). **Os reformadores empresariais da educação: da desmoralização do magistério à destruição do sistema público de educação**. Educação e Sociedade, 33(119), 379-404.

FREITAS, K.; MESSIAS, J. O futuro será negro ou não será: Afrofuturismo versus Afropessimismo - as distopias do presente. Das Questões, [S. I.], v. 6, n. 1, 2018. DOI: 10.26512/dasquestoes.v6i6.18706. Disponível em:

<https://periodicos.unb.br/index.php/dasquestoes/article/view/18706> . Acesso em: 11 fev. 2021.

GATTI, Bernardete Angelina. **A construção da pesquisa em educação no Brasil**. Brasília: Editora Plano, 2002, 86p.

GERBER, Michael E. **Sua ideia vale um negócio?** Como planejar e começar seu projeto vencedor\ Michael E. Gerber; tradução de Paulo Holzschuh- São Paulo: Editora Gente, 2011.

GIBBS, Graham R. **Análise de dados qualitativos**. Porto Alegre: Kookman: Artmed, 2009.

GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social** / - 6. ed. - São Paulo: Atlas, 2008

GOMES, N. **Educação e Identidade Negra**. 2002. 10. Artigo – UFMG, Minas Gerais, 2001

GROSGOUEL, Ramón. **Para descolonizar os estudos de economia política e os estudos pós-coloniais: transmodernidade, pensamento de fronteira e colonialidadeglobal**. Revista Crítica de Ciências Sociais, n. 80, Coimbra, 2008, p. 115-147

GUIA DE BOAS PRÁTICAS – **Lei Geral de Proteção de Dados** – 2020- Arquivo Nacional; Laboratório de Políticas Públicas e Internet (LAPIN); e Gabinete da SEDGG/ME.

GUIMARAES, Antonio Sergio Alfredo. **Classes, raça e democracia**. São Paulo. Ed.34, 2002

MASON, C.; BROWN R. **Entrepreneurial ecosystems and growth oriented Entrepreneurship**, 2014. Disponível em: <http://www.oecd.org/cfe/leed/Entrepreneurialecosystems.pdf> Acesso em 11 fev 2016.

GOMES, A. F. (2011). **O empreendedorismo como uma alavanca para o desenvolvimento local**. REA-Revista Eletrônica de Administração, 4(2). Recuperado de <http://periodicos.unifacef.com.br/index.php/%20rea/article/view/192>

HALL, Brandon. **Frequent asked questions about e-learning**. 2002. Disponível em www.brandonhall.com/public/faqs2 . Acesso em 26 dez. 2020.

HARASIN, L. et al. **Redes de Aprendizagem: Um guia para ensino e aprendizagem on-line**. Tradução de Ibraíma Dafonte Tavares. São Paulo: Editora SENAC, 2005.

HALL, stuart; **Da diáspora: identidades e mediações culturais**. Belo Horizonte, ed. ufnf, 2003

HISRICH, R. D.; PETERS, M. P.; SHEPHERD, D. A. **Empreendedorismo**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2009.

INSTITUTO ETHOS. **Perfil social, racial e de gênero das 500 maiores empresas do Brasil e suas ações afirmativas / Instituto Ethos e Banco Interamericano de Desenvolvimento.** 2016

ISMAIL Salim, MALONE, Michel S., GEEST, Yuri Van. **Organizações Exponenciais.** Por que elas são 10 vezes melhores, mais rápidas e mais baratas que asua (e o que fazer a respeito). Edição digital. HSM do Brasil, 2015.

ISENBERG, D. J. **How to start an entrepreneurial revolution**, Harvard Business Review, (2010). p.40-50.

JOHNSON, David W. and JOHNSON, Roger T. **Using technology to revolutionize cooperative learning: an opinion.** Doi: 10.3389/fpsyg.2014.01156. Disponível em: <https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC4195269/> . Acesso em: 20 dez. 2020. Tradução: Google Translate

KENSKI, V. M. **Educação e tecnologias: o novo ritmo da informação.** Campinas: Papirus, 2007.

KILOMBA, G. **Memórias da plantação:** episódios de racismo cotidiano. Tradução de Jess Oliveira. - 1. ed. - Rio de Janeiro: Cobogó, 2019

KITCHENHAM, B. **Procedimentos para realizar revisões sistemáticas.** Keele, Reino Unido, Universidade Keele, 2004.

LEAL, Augusto Antônio Fontanive, - **A teoria da imputação objetiva [recurso eletrônico]: fundamentos e aplicação / Augusto Antônio Fontanive Leal.** – Caxias do Sul, RS: Educs, 2016.

LIMMER, Carl V. **Planejamento, orçamentação e controle e projetos e obras.** Rio de Janeiro: LTC, 2010. BARNEY, J. B. Firm Resources and sustained competitive advantage. Journal of Management, v. 17, n.1, p. 99-120, 1991 – Tradução: Google translate

MÁRIO, Theodoro (org.), Luciana Jaccoud, Rafael Osório, Sergei Soares. **As políticas públicas e a desigualdade racial no Brasil: 120 anos após a abolição** Brasília: Ipea, 2008.176 p.

MASOLO, Dismas. **Filosofia e conhecimento indígena: uma perspectiva africana.** In: SANTOS, Boaventura; MENESES, Maria Paula (orgs.). Epistemologias do Sul. São Paulo: Cortez, 2010, p. 313-340.

MBEMBE, A. **CRÍTICA DA RAZÃO NEGRA.** Ed. Antígona, Lisboa, 2017

PACHECO, J. A. **Discursos e lugares das Competências em Contextos de Educação e Formação.** Porto: Porto Editora, 2011

MACHEL, Graça: **“Negro deve se organizar para ser reconhecido como igual” por Fernanda Mena / Folha de S. Paulo – Disponível em: <https://www.fronteiras.com/entrevistas/graca-machel-inegro-deve-se-organizar-para-ser-reconhecido-como-igual> . Acesso em 13/11/2020.**

MEISTER, J. **Educação corporativa.** São Paulo: Makron Books, 1999.

MCGOEY, L. **INCÓGNITAS ESTRATÉGICAS.** Revista Inter-Legere, v. 3, n. 29, p. c23359, 18 nov. 2020.

MARTINS, A. & FUERTH, L. R. **A Educação Corporativa e o processo de requalificação profissional das empresas brasileiras.**2008.

MENESES, M.P. **Agentes do conhecimento.** A consultoria e a produção de conhecimento em Moçambique. In: B. de S. (Org). Conhecimento Prudente para uma vida decente: um discurso sobre as ciências revisado. São Paulo: Cortez, 2004. p. 721.

MORAN, José Manuel. **Os modelos educacionais na aprendizagem on-line.** Site pessoal do autor, São Paulo, artigo atualizado em 2007. Disponível em: < http://www.eca.usp.br/prof/moran/site/textos/educacao_online/modelos.pdf >. Acesso em: 23 de março de 2020.

NUNES, Paulo Rogério. **Oportunidades invisíveis,** 1 edição- São Paulo: Matrix 2019

NOGUERA, R. (2012). **Denegrindo a educação:** Um ensaio filosófico para uma pedagogia da pluriversalidade. Resafe.número: 18. Maio/Out, p.62-73. RJ/Brasil.

NOGUEIRA, João Carlos. **Desenvolvimento e empreendedorismo afro-brasileiro.** Organizador: equipe do projeto Brasil Afro empreendedor Editora Atilênde Av. José Luiz Boiteux, 4810, Ponta das Canas Florianópolis/SC. 2013.p.25-29.

NASCIMENTO, Emerson dos Santos; VASCONCELOS, Carlos Alberto. **Ensinar em Tempos de Pandemia: (In) Formações de Professores com Tecnologias.** In: SILVA, Gabriel Calefe Pereira da; JORGE, Welington Junior (org). Tecnologias Educacionais: Uma Abordagem Contemporânea. Maringá: Uniedusul. 2020. p. 175-190. Disponível em: <https://www.uniedusul.com.br/publicacao/tecnologias-educacionais-uma-abordagem-contemporanea/> . Acesso em: 15 nov. 2020.

PACHECO, J. A. **Discursos e lugares das Competências em Contextos de Educação e Formação.** Porto: Porto Editora, 2011

PATON, R., PETERS, G., QUINTAS, P. **Estratégias de Educação Corporativa:** universidades corporativas na prática, Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior, Brasília, 2007.

PIAGET, Jean. **O nascimento da inteligência na criança.** 4ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1973.

QUIJANO, Anibal. **Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina.** In: QUIJANO, Anibal. A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas. Buenos Aires: CLACSO, 2005. p. 117-142.

RAMOSE, M. B., African philosophy through ubuntu, (Harare: Mond Books Publishers, (1999) - **Tradução:** (Solis, Lopes, Cassiano) - Sobre a Legitimidade e o Estudo da Filosofia Africana - RAMOSE, M. B. Ensaios Filosóficos, Volume IV - outubro/2011.

RODRIGUEZ Y RODRIGUEZ, Martius. **Gestão empresarial em organizações aprendizes:** a arte de gerir mudanças. Rio de Janeiro: Qualitymark, 2007. 344 p.

RAMOS, R., 2011, **O que são redes sociais corporativas e quais são suas vantagens? I Masters.** Disponível em:

<http://imasters.com.br/artigo/21183/redessociais/o-que-sao-redes-sociais-corporativas-e-quais-sao-suas-vantagens/>. Acesso em 01 jan. 2021.

SANTOS, J. L. dos. **O que é cultura**. São Paulo: Brasiliense, 1983.

SARKAR, Soumodip- **empreendedorismo e inovação** 2014.

SCHUMPETER, J. A. **A Teoria do Desenvolvimento Econômico**. São Paulo: Ed. Abril, Col.Os Economistas, 1985 (para a tradução brasileira)

STRAUSS, A.; CORBIN, J. **Pesquisa Qualitativa: técnicas e procedimentos para o desenvolvimento de teoria fundamentada**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008

SAFANELLI, A. S.; MOREIRA, B. C. M. **Empreendedorismo eletrônico: o uso da Educação Corporativa na formação de empreendedores**. Revista Novas Tecnologias na Educação, v. 9, p. 1-11, 2011.

_____. **A busca de um caminho para o Brasil**. A Trilha do círculo vicioso\ Helio Santos- 2 ed. São Paulo: Editora Senac- 2003

SANTOS, Magaly Cardoso dos; ZOCCAL, Sirlei Ivo Leite; CARRIL, Maria da Graça Pimentel. **A Importância da Pedagogia Empresarial Aplicada na Gestão Escolar**. LEOPOLDIANUM, ANO 43, 2017, nº. 119 e 120.

SANTOS, Maria Angelica dos – **O lado negro do empreendedorismo: Afro empreendedorismo e Black Money**- Belo Horizonte, Letramento, 2019.

SECURATO, J. R. **Crédito: análise e avaliação do risco**. 4ª Edição. São Paulo: Saint Paulo, 2007

SILVA, Tarcizio. **Por outros imaginários sociotécnicos no novo normal**. Revista Observatório Itaú Cultural, n.28, 2020, pp.37-41.

SEBRAE- **Panorama dos Pequenos Negócios -Dieese**. Anuário do Trabalho na Micro e Pequena Empresa 2017. Disponível em: <http://www.sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/Anexos/Anuario-do%20trabalho-na%20micro-e-pequena%20empresa-2014.pdf>

SANTOS, Milton – **Espaço e método**. São Paulo. ed. Nobel, 1992.3ª. ed.

SOUZA, Waldson Gomes de. **Afrofuturismo: o futuro ancestral na literatura brasileira contemporânea**. 2019. 102 f., il. Dissertação (Mestrado em Literatura) — Universidade de Brasília, Brasília, 2019.

SCHLEMMER, E. Web 3.0, TMSF, Web 3D, ECODIS: **um futuro muito presente na Educação a Distância?** In: Conferência Internacional de TIC na Educação, 2009, Braga Anair [...]Braga: Universidade do Minho, 2009. p.1-15.

SCHWARTZ, Stuart B. **Escravidão indígena e o início da escravidão africana**. In.: SCHWARCZ, Lília Moritz e GOMES, Flávio (orgs.). **Dicionário da escravidão e liberdade**. São Paulo: Companhia das Letras, 2018, p. 216.

TARAPANOFF, K. **Panorama da Educação Corporativa no Contexto Internacional**. Brasília: Editora UnB, 2004.

VASCONCELOS, Flávio C. - **Da gestão do conhecimento à gestão da ignorância um visão co-evolucionária**. RAE, Out. Dez. 2001 v.41 n.4 p.98-102

YIN, Robert K. **Estudo de caso – planejamento e métodos.** (2Ed.). Porto Alegre: Bookman.2001.

WEISGERBER, Corinne; BUTLER, Shannan. **Reenvisioning Modern Pedagogy: Educators as Curators** (2012). Acesso em: 10/11/2019.



- Cidadania afro empreendedora para um Brasil profundo
18:50
7 de junho de 2019
- Economia inclusiva nas periferias
7:04
2 de junho de 2017
- Feira da resignificação
3:12
2 de junho de 2017

PODCASTS



PAPO PRETO #69
Vamos falar sobre transfeminismo?



- Étnicos Saberes - Aplicativo de Rifas - Idealizador Tiago...
7:04
- Étnicos Saberes - Na Rédea Curta
7:02
- Étnicos Saberes - Aplicativo de Rifas - Idealizador Tiago...
7:04
- Étnicos Saberes - Na Rédea Curta
7:02
- Étnicos Saberes - Katuka Africanidades
5:56

- Cidadania afro empreendedora para um Brasil profundo
7 de junho de 2019
- Economia inclusiva nas periferias
2 de junho de 2017
- Feira da resignificação
2 de junho de 2017

Contato
contato@mercafro.com.br

Rua Tuiuti, 168
Salvador, Bahia, Brazil
+55 71 99375-7355



Design by Inspirar Criação



Ator e diretor Luiz Buranga lança documentário "Cena Investigada"



Fotógrafa Vilma Neres estreia podcast "Entre Falas e Olhares"



Tiago Banha e Matheus Buente realizam stand-up no Casarão 17



Cantora e compositora Nara Couto lança segundo single "Dança"

Educação

CURSOS



Gestão Financeira para pequenos negócios

20 min

Gratuito

ONLINE

Curso / Mercado e Vendas

Marketing digital para sua empresa: primeiros passos

Gratuito

ONLINE

Curso / Empreendedorismo

Formação pedagógica: empreendedorismo e BNCC

Gratuito

ONLINE

Curso / Mercado e Vendas

Comercialização e distribuição para o Audiovisual

Gratuito

ONLINE

Curso / Empreendedorismo

Artesão empreendedor: nível 2